Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

ANO 56.º/19 081 4$00

SÁBADO 19 JUNHO 1976

PRESIDENCIAIS NA PAREDE

Quando ainda se não apagaram os ecos das legislativas, Lisboa volta a ficar inundada de cartazes, agora para as presidenciais. A efigie dos candidatos é o motivo central

sete ponto sete

ARTE, ESPECTÁCULO, RECREATIVO & DIVERSÃO

HOJE 32 PÁGINAS

AMANHÃ, PARA 41 MILHÕES DE ELEITORES

ELEIÇÕES CRUCIAIS EM ITÁLIA

Precedendo a próxima votação em Portugal para a escolha do primeiro Presidente depois da entrada em vigor da nova Constituição, as eleições gerais italianas de amanhã e segunda-feira estão a despertar certa expectativa entre nós. A campanha eleitoral que terminou ontem em Itália, propiciando aos eleitores, hoje, um dia de «reflexão», pôs em destaque o conforto entre os dois maiores partidos italianos — O democrata-cristão e o comunista, no que poderá revelar-se o mais crucial escrutínio naquele país, desde a Segunda Guerra Mundial.

Neste fim-de-semana, o P. C. Italiano tem a sua grande oportunidade de ascender ao Poder, depois de três décadas de domínio democrata-cristão, que se encontra num beco sem saída perante o agravamento da crise simultaneamente política social e económica de um país onde a violência caracteriza cada vez mais a vida do dia a dia, lembrando os períodos turbulentos na Europa entre as duas guerras que conduziram ao fascismo.

Duas personalidades opostas simbolizam o confronto eleitoral: o dirigente comunista Enrico Berlinguer, que personifica o novo estilo de comunismo independente europeu ocidental ou «eurocomunismo», e o democrata-cristão Amintore Fanfani, irredutível anticomunista, contrário a qualquer cooperação com o P. C. e apelando para que os eleitores dispostos a votar no partido neofascista de Giorgio Almirante apoiem antes o partido democrata-cristão.

Sondagens mostraram que os dois principais agrupamentos italianos se encontravam praticamente a par, se bem que o partido de Fanfani, segundo os últimos inquéritos à opinião pública poderá manter uma ligeira vantagem, apesar do avanço comunista e da decisão do partido socialista local de deixar de apoiar a democracia cristã e preferir uma coligação governamental com os comunistas, como forma de tirar a Itália do impasse em que se encontra.

As eleições gerais italianas constituem ainda um teste para toda a Europa do Sul, numa altura em que os partidos comunistas desta região de uma maneira geral aspiram a partilhar responsabilidades governativas, o que tem provocado violenta reacção dos Estados Unidos, que vêem o seu esquema de contenção que é a NATO em riscos de ser gravemente afectado pela evolução política para a esquerda, nomeadamente em Itália e em França, onde os socialistas de François Mitterrando e os comunistas de Georges Marchais se dão também as mãos.

● **Ler previsões e notícias nas págs. 3, 12 e 13**

CONVERSAÇÕES LISBOA-BISSAU

Só problemas técnicos para resolver

..Num ambiente que prenuncia rápida solução do diferendo financeiro entre os dois países, principiou esta manhã em S. Bento a quinta fase das negociações com a Guiné-Bissau. A delegação portuguesa é chefiada pelo ministro da Cooperação, Vítor Crespo, e a guineense pelo dr. Vasco Cabral, comissário de Estado do Desenvolvimento Económico e Planificação. Fazem ainda parte da delegação da Guiné-Bissau os drs. José Araújo, comissário de estado sem pasta, Alfredo Fortes, técnico financeiro e director das alfândegas, e Vítor Monteiro, governador do Banco Nacional.

Segundo declarações do ministro Vasco Cabral, que já dirigiu a delegação guineense em praticamente todas as anteriores negociações, que se arrastam há ano e meio, o encontro de hoje visa «discutir problemas ainda pendentes e arrumar definitivamente a situação». As perspectivas de, finalmente, se liquidar o contencioso colonial com a Guiné-Bissau são evidentes se recordarmos a estadia em Lisboa do ministro José Araújo e os seus encontros com as mais altas personalidades da vida política portuguesa e a recente passagem do presidente Luis Cabral pelo aeroporto da Portela, onde travou rápidas mas decisivas conversações com o Presidente Costa Gomes.

«Não quero deixar de acentuar a importância política do encontro dos dois presidentes, em Lisboa, para a ultrapassagem política dos problemas em questão», dir-nos-ia, ontem, o ministro da Cooperação, quando aguardava a delegação guineense. «Quero desejar que, desta vez, se arrumem de vez as questões financeiras», diria ainda Vítor Crespo. «Mantivemos sempre relações de cooperação mesmo em fases de dificuldade e encaro as negociações com grande optimismo, até porque se trata apenas de problemas de carácter técnico».

Em linhas gerais, esses problemas técnicos, cuja solução está facilitada pela abordagem política que deles fizeram os presidentes da Guiné-Bissau e de Portugal, consistem na aceitação pela Guiné de certos compromissos financeiros e bancários que poderão ser considerados como investimentos produtivos na antiga colónia e, por Portugal, no descongelamento das reservas do jovem país africano e que se encontram no Banco de Portugal.

A resolverem-se estes dois pontos capitais os dois países poderão avançar formas superiores de cooperação conforme os interesses bilaterais forem exigindo, em cada momento. Sabemos, aliás, que hoje e amanhã se deve apenas discutir esse passado, sobretudo o contencioso financeiro, para facilitar a solução do impasse existente.

As expectativas de rápido acordo são de tal ordem que a delegação guineense já reservou lugares no avião de segunda-feira à noite. Nesse dia tem também marcadas audiências com o Presidente da República e com o ministro dos Negócios Estrangeiros.

Vítor Crespo e Vasco Cabral presidem às duas delegações, que esta manhã se encontraram em S. Bento

SOCIALISTAS TOMAM POSIÇÃO SOBRE TERRORISMO

(Centrais)

GREVE NOS TRANSPORTES DO PORTO PODE SER SUSPENSA HOJE

(Pág. 9)

AS PIORES DESORDENS NA ÁFRICA DO SUL

(Pág. 13)

Nacional

Política de A a Z

UMA EFEMÉRIDE

Estavam presentes cento e sessenta e seis deputados quando, no dia 19 de Junho de 1911, Anselmo Braancamp Freire, abriu os trabalhos da primeira sessão da Assembleia da República. Completam-se amanhã, sobre a efemèride, sessenta e cinco anos. Dir-se-ia que, vencido o «interregno» autoritário, a vida democrática retoma o seu curso. E que as perturbações que, dia a dia, se registam, são meros acidentes de percurso. Por vezes dolorosos e contraditórios. E até, na sua brutal manifestação, pela destruição e pela violência, anunciadores dos cavalos de Atila.

Em meados de 1911, já os adversários da República se reagrupavam para um combate, em várias frentes, que não desistiria de a minar e derrubar. Mas na sessão de 19 de Junho, foi num ambiente emocional e exaltado que o venerando cidadão que em plena Monarquia conquistara a presidência da Câmara Municipal de Lisboa, perante os lídimos representantes da soberania popular, e solenemente, proclamou a República. No quadro legal das Constituintes repetia-se o voto popular, expresso de armas na mão, antes de pronunciado das varandas do Município.

Proclamada a República; aprovada a forma e as cores da bandeira nacional; aprovada «A Portuguesa» como hino nacional; banidas a Monarquia e a dinastia de Bragança; declarados beneméritos da Pátria todos os que tinham combatido pela implantação da República, Anselmo Braancamp Freire convidou a mesa da Assembleia, os membros do Governo Provisório e os deputados, a acompanhá-lo à varanda do Palácio de São Bento para ler ao povo que se aglomerava no largo fronteiro, a proclamação da República.

Evocando a efeméride, é impossível não recordar a abertura, sem calor popular e sem solenidade dos trabalhos da nossa Assembleia da República. Em vez de honras cívicas e de aplausos populares, as vaias e o desespero de um acampamento de «retornados», ali consentidos pelas autoridades num alarde de descuido e desrespeito pelos deputados e pela própria dignidade da Assembleia da República.

VIOLÊNCIA NA CAMPANHA ELEITORAL

Na campanha eleitoral para as eleições presidenciais têm-se registado confrontos, provocações, agressões, tentativas para impedir candidatos de contactarem com o povo. Essas formas de violência não servem a consolidação das instituições democráticas, nem contribuem para acelerar o processo revolucionário. Num balanço sumário a violência, utilizada como forma de intervenção na campanha eleitoral, só serve à reacção interessada em mostrar, perante a opinião pública nacional e internacional, que Portugal não está maduro para a Democracia. Os que procuram calar Otelo ou Eanes, poderão empunhar bandeiras diferentes, poderão vibrar com intenções diferentes, mas, igualmente, solidários por contradição trágica, estão apostados em dificultar o livre curso da Revolução portuguesa. Na fase actual, e verificadas as debilidades das forças democráticas e das organizações populares, a consolidação da democracia é a condição de defesa e de avanço do processo revolucionário iniciado em 25 de Abril de 1974.

Condenar a violência como antidemocrática não basta. Não é suficiente afirmar que a violência vem da «direita» e que mesmo a violência da «esquerda», ou «esquerdista», serve a «direita». É preciso afirmar, claramente, que a violência abre o caminho à contra-revolução.

SUBIDA DE TOM

As alocuções e discursos dos candidatos às eleições presidenciais estão a subir de tom. Aos remoques abusivos, sucederam-se os remoques directos; às referências polémicas no plano político, os incisivos ataques pessoais. Se Octávio Pato se refere a Otelo Saraiva de Carvalho em termos políticos que se dirigem mais às forças que o apoiam do que ao homem; Pinheiro de Azevedo, nas suas referências a Ramalho Eanes censura abertamente a ambiguidade do ieque político que o apoia, mas não poupa o homem. Os ataques de Pinheiro de Azevedo a Ramalho Eanes significam mais do que uma rivalidade na corrida para Belém. Traduzem sérios antagonismos no seio do Governo Provisório e do Conselho da Revolução. Reflectem a constituição de grupos e de subgrupos, de correntes e de minicorrentes, que são um mau indício para quem se proponha diagnosticar a vida política portuguesa.

E O «25 DE ABRIL»?

O anunciado livro do dr. José Gomes Mota ajudará a compreender a «crise» do Verão e a solução do Outono, mas vai levantar uma série de novas interrogações. Ouvindo Pinheiro de Azevedo, lendo Gomes Mota, será possível perguntar-nos: onde estão os homens do «25 de Abril»?; onde estão os detentores do «espírito do 25 de Abril»?

Pinheiro de Azevedo recusa Ramalho Eanes; o Conselho da Revolução recusou Vasco Gonçalves; Otelo candidata-se para levar a Belém o «25 de Abril»; e, porque só ele é o verdadeiro «25 de Abril», Ramalho Eanes recebe o apoio constante de um Vasco Lourenço; mas Pinheiro de Azevedo nega ambos, um porque foi longe de mais, outro porque estava longe na hora H do dia D. Quem os entende? Quem se entende?

É evidente que o «25 de Abril» foi uma abertura e que, a partir desse marco histórico, se caminhou uma longa jornada. Todavia — se a leitura do «Programa do M.F.A.» e dos outros documentos inclusive a Constituição — nos permite delinear um itinerário, poderemos afirmar que os que se opuserem à Democracia e ao Socialismo não representam o espírito do «25 de Abril». E porque não há Democracia sem Socialismo, nem Socialismo sem Democracia — só a unidade da «esquerda» poderá garantir o «25 de Abril» como data histórica. Como dia em que se fez História de Portugal.

MÁRIO SOARES À U.P.I.

Eanes será presidente, P.S. formará Governo

Em entrevista concedida à agência norte-americana «United Press International» o secretário-geral do Partido Socialista, Mário Soares, declarou-se convencido da vitória do general Ramalho Eanes nas eleições presidenciais e da formação de um próximo Governo com o seu partido, em que ele desempenhará as funções de primeiro-ministro.

Um dos pontos da entrevista, Mário Soares admite que os partidos políticos que apoiam a candidatura Eanes — PPD, CDS, MRPP, PC de (m-l) — «se associaram», por «razões de conjuntura», considerando tal gesto como «bom».

Quanto ao futuro Governo (PS), a sua sobrevivência, sobre a qual o entrevistador levantou algumas das dúvidas que se põem à maioria do povo português, Mário Soares colocou como alternativa a um Governo repressivo — «uma ditadura militar de direita».

Sobre os apoios com que o seu Partido poderá contar, nomeadamente na Assembleia da República, o secretário-geral do PS frisaria unicamente o caso do dr. Sá Carneiro que declarou recentemente que o PPD «não vai fazer obstrução ao Governo e apoiará o Governo quando lhe parecer legítimo e não apoiará quando não lhe parecer legítimo».

Outra das questões levantadas no decurso da entrevista passa pelo problema do controlo operário. Eis a reprodução textual desta parte da entrevista:

UPI — O «controlo operário» é garantido na Constituição...

M.S. — A Minha moção sobre o «controlo operário» é aquela que vem na Constituição.

Em muitos países capitalistas te-se ido muito mais além em matéria de «controlo operário» e de «controlo de gestão», do que aquilo que está consignado na nossa Constituição. Não deve pois ser um bicho de sete cabeças o problema do «controlo operário». As pessoas têm tendência para se confinarem nas discussões ideológicas, e estas, no fundo, só servem para esconder a incapacidade de resolver os problemas concretos. Nós queremos associar os operários à gestão das empresas, mas não queremos criar tais limitações aos empresários, que eles, em virtude dessa associação, deixem de investir. Porque então é a história do cavalo do inglês: quando ele está já tão bom que não come, morre. Compreende? Nós não queremos matar as empresas, nem queremos impedir os investimentos. Pelo contrário, queremos atrair os investimentos. E sabemos perfeitamente que, por exemplo, se dessem aos operários a possibilidade de discutirem determinadas coisas que são do foro de cada empresário, é evidente que os empresários não investem. Por exemplo, o problema do segredo da fabricação: os patrões que tem esse segredo, não o vão revelar aos operários e isso é lógico e não é isso o que se pretende. Com o «controlo operário» há que interpretar a lei com bom senso. A política é a obra fundamental do bom senso. Infelizmente, nesta última fase revolucionária que nós atravessamos, tem havido muito pouco bom senso. As pessoas o que querem é discutir problemas ideológicos, saber se é ou não marxista. A mim, pessoalmente, isso não me interessa nada. O que me interessa é saber se os operários têm dinheiro para comer, se tem serviços de saúde suficientes, se os reformados tem o seu dinheiro, se podemos construir casas, hospitais e escolas, etc., e se isso funciona.

UPI — Mas o dr. Mário Soares concorda com o que diz o general Ramalho Eanes sobre o «controlo operário», numa entrevista a um jornal em que declara que terá de haver uma primeira fase, em que o «controlo operário» é consultivo. E deverá depois ser mais directo?

M.S. — Bem, a posição que o PS tem tomado é a defesa do princípio de que os operários devem estar associados à gestão. E nisso que resida a expressão «melhor que controlo operário é o controlo de gestão». Esse controlo de gestão está a ser regulamentado por uma lei que vai ser publicada ainda pelo Sexto Governo. E uma lei perfeitamente cordata e sensata, que dá todas as garantias aos investimentos estrangeiros e privados.

NO CAIRO

Chegou ontem ao Cairo, vindo de Roma, aonde fora para colaborar na campanha eleitoral do PS italiano, o secretário-geral do PS português, Mário Soares.

Soares visita o Egipto a convite oficial e deve permanecer neste país durante três dias.

VÍTOR ALVES NÃO ENTRARÁ NO PRÓXIMO GOVERNO

O major Vítor Alves, ministro da Educação, declarou ontem aos jornalistas que não permanecerá em funções governamentais após a eleição do presidente da República. Esta declaração foi prestada à chegada do ministro a Lisboa, após uma visita de trabalho a Paris, onde contactou a comissão coordenadora dos professores do ensino básico de português, responsável pela organização dos cursos para filhos de emigrantes.

Em França, sob o controlo da comissão, há 300 professores para 200 mil alunos, o que «não chega a cobrir dez por cento das necessidades», frisou Vítor Alves, que acrescentou que fora a Paris para montar uma estrutura que permitisse uma melhor coordenação dos serviços e a revisão profissional dos docentes.

ESPANHÓIS ADIAM JANTAR POLÍTICO NO ESTORIL

MADRID, 19 — O conde de Barcelona sofreu um deslocamento da retina, na vista esquerda, e submete-se na terça-feira a uma intervenção cirúrgica — anunciaram em círculos políticos espanhóis.

A Doença de D. Juan Bourbon obrigou o cancelamento de um jantar que hoje se efectuaria no Estoril, com a presença de muitos políticos espanhóis, que estavam prestes a seguir para Portugal.

Ainda há sete semanas o pai do rei da Espanha esteve hospitalizado em Lausana, na Suíça, para uma operação às veias varicosas.

Em ALHOS VEDROS o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na TABACARIA MODERNA

Intervenção Socialista não apoia qualquer candidato

O GIS (grupo de Intervenção Socialista) decidiu não apoiar qualquer das candidaturas à Presidência da República.

Num documento intitulado «Intervenção Socialista e as eleições presidenciais», o GIS analisa cada uma das candidaturas em presença, considerando que a esquerda se encontra dividida pelo conjunto Ramalho Eanes, Octávio Pato, Saraiva de Carvalho e rematando que, face a tal situação, «qualquer apoio a uma ou outra dessas candidaturas só pode ser, neste momento, um aval à divisão da esquerda».

O documento começa por considerar que o consenso inicialmente logrado entre o PS e a esquerda militar quanto a Ramalho Eanes foi «fortemente abalado» pela ambiguidade introduzida em torno dessa candidatura pela introdução dos partidos da direita.

«Efectivamente, afirma o GIS, a direita tem conseguido não só dominar o aparelho de apoio à candidatura como dar-lhe a tónica dominante, sem que as declarações do general, de cariz normalmente conservador, introduzam qualquer ruptura com o discurso do CDS, da CAP, da CIP, etc».

Depois de passar em revista a candidatura de Octávio Pato — «estritamente partidária» — o documento debruça-se sobre Otelo Saraiva de Carvalho considerando o «projecto que informa a sua candidatura» como «de reconhecida inviabilidade a curto ou a médio prazo» e concluindo que, assim, «corresponderá a uma demissão, na medida em que se assuma como ruptura, contestação de fora do Estado, renunciando à exploração da margem de manobra ainda existente na defesa de um jogo institucional que as classes dominantes estão ainda longe de ter recuperado totalmente».

E.F.T.A. ACEITA SOBRETAXAS

Os países membros da E.F.T.A. decidiram aceitar a sobretaxa sobre as importações, conforme o pedido formulado pelo ministro português do Comércio Externo, Jorge Campinos, no decorrer da última reunião ministerial da E.F.T.A., que teve lugar no princípio deste mês.

Segundo apurou a Anop, a decisão tomada ontem na reunião dos delegados permanentes acreditados em Genebra, esta atitude da E.F.T.A. é temporária, «porquanto os países membros aguardam a tomada de medidas internas em Portugal». Esta posição da E.F.T.A. era esperada, já que outras organizações internacionais, como a C. E. E. e o F. M. I., têm-se pronunciado insistentemente junto de Portugal para que o Governo Português adopte medidas severas de austeridade económica e de carácter generalizado, não selectivo, e anule completamente as sobretaxas e outras dificuldades postas ultimamente às importações.

17ª FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

HOJE: das 15 às 23 h.

Jornada nacional ESPANHA

PORTUGAL QUER CONHECER O MUNDO E DAR-SE A CONHECER AO MUNDO

ATENÇÃO

MÍOPES

Mais uma novidade

Estas lentes já podem ser adquiridas em cor e também em Umbramatic 35

A MIOPIA

A Presbitia (vista cansada), a Hipermetropia e a Afaquia (operado às cataratas) podem agora ser corrigidas com lentes finas e leves para óculos em cristal anti-reflexo, a partir de 4,25 até 30,00 Dioptrias, incluindo, quando necessário, até 6,00 Dioptrias de Astigmatismo.

Para mais informações dirija-se já à

Óptica Visual, Lda.

agora com nova gerência, Rua das Portas de Santo Antão, 27, 2.º, telefone 36 55 15.

ATENÇÃO

Entrada pela espingardaria

post-scriptum

Que anjinho eu fui!

Há tempos, e já vão decorridos um ror de dias, numa das suas familiares palestras sobre finanças, o senhor doutor Salgado Zenha referiu-se, entre outras coisas, à «gasolina que corre nos radiadores», etc.

Por mais voltas que desse ao miolo, não consegui desvendar o mistério da gasolina a correr nos radiadores. Ora como só uso água no mesmo, fiquei boquiaberto com o que disse o sr. ministro, não fosse ele ter qualquer segredo no seu carro e, inadvertidamente, tivesse deixado escapar aquele segredo na Televisão.

Como a mim ninguém me leva, vai daí enchi o radiador de gasolina e fiz o mesmo no depósito da nesma, mas com água. Feliz da vida com o dinheirinho que iria poupar, pois o radiador do meu carro leva somente três litros.

Pus o motor a trabalhar; trabalhou, sim, mas por alguns segundos. Depois deu dois pinotes, três estoiros e largou uma fumarada dos diabos. Não sabia o que fazer à minha vida, se chamar os bombeiros, se fugir; por fim, com um pouco de calma, atirei com um pouco de terra para cima daquilo tudo, e normalizou, ou antes, anormalizou definitivamente. Por as minhas finanças serem curtas, arrumei o meu carrinho e lá se foram os fins de semana.

Depois é que descobri o truque do sr. ministro.

Quantos anjinhos como eu deixaram de fazer fins de semana? Por isso, ficam alertados.

Jorge Rocha — ODIVELAS

Circulação automóvel

Qualquer solução tendente a combater o desequilíbrio da nossa balança de pagamentos passa necessariamente por uma redução de consumo nos combustíveis. Este problema, para alguns, parece ficar resolvido com a restrição à circulação automóvel nos fins-de-semana, ..., e deixaria de haver problemas.

Torna-se urgente perguntar a quem pretende retomar soluções já anteriormente refutadas se foi realizado algum inquérito à opinião verdadeiramente pública?

Se na realidade o esquema «par-ímpar» vier a vigorar nos fins-de-semana, a quem atinge tal solução?

Partindo do princípio, por óbvias razões, que os possuidores de viaturas se não irão associar para poderem sair todos os fins-de-semana, o que não levaria a qualquer espécie de redução no consumo, parece-me conveniente esclarecer o público em geral de quem irá ser prejudicado com tais medidas e quem em nada seria atingido pela sua aplicação.

Pois os prejudicados seriam os trabalhadores que têm necessidade de dar praia aos filhos (as únicas mal servidas por transportes públicos são as que possuem os coeficientes de poluição mais elevados) ou os que depois de uma semana de trabalho não poderiam optar por uma viagem para convivência com familiares ou amigos, morando mais longe (ou a apoiar a Reforma Agrária!!!).

De notar que a indústria hoteleira, nomeadamente restaurantes e esplanadas verá assim reduzida a 50 por cento a sua clientela de fim-de-semana.

No entanto os trabalhadores sabem quem não serão atingidos: os que nada produzem, os que consideram fim-de-semana todos os dias, os que maiores receitas têm, os que podem estender o fim-de-semana de 6.ª a 2.ª-feira, os que têm plena liberdade de horário de trabalho, os grandes patrões, etc. Não sei se estes pesos foram colocados nos pratos da balança da justiça mas, se o foram, queria deixar à consideração e análise dos leitores a seguinte contraproposta:

1.º — Desenvolver racionalmente a utilização dos transportes públicos.

2.º — Regulamentar e apoiar objectivamente o trânsito.

3.º — Que entre a 1h.00 e as 6h.00 da manhã seja proibido o tráfego a viaturas particulares com excepção de casos de trabalho ou urgência devidamente comprovados.

4.º — Fechar as zonas centrais das grandes cidades (no caso de Lisboa entre o Marquês de Pombal e a Praça do Comércio) ao tráfego particular, aplicação de minitáxis a essa zona que criaria mais postos de trabalho.

5.º — Que a partir de determinada data seja proibida a entrada em circulação de viaturas novas, ligeiras particulares, com mais de 1.700 C.C. de cilindrada. Esta data seria aquela em que se esgotassem as viaturas ainda em montagem.

6.º — Executar parques de estacionamento simples e em grande quantidade em zonas servidas por transportes públicos.

7.º — Regulamentação especial para os possuidores de viaturas que circulem entre as 10h.00 e as 12h.00 e entre as 15h.00 e as 18h.00 de 2.ª a 6.ª feira desde que não possuam qualquer profissão, ressalvando o turismo.

8.º — Reparar eficientemente as vias de circulação automóvel (até há desemprego). Percorro diariamente 24,200 Km a uma média de consumo (afinado) de 11,1 litros/100 Km. Nos últimos meses tenho feito 24,400 Km. com uma média de 13 litros/100 Km. Ao aumento de 0,1 por cento no percurso corresponde um acréscimo de 18 por cento no consumo de gasolina (afinado) o qual se deve não só ao aumento do tráfego mas também à necessidade de recorrer frequentemente à caixa de velocidades e utilizar a 1.ª velocidade, numa boa parte do trajecto, para contornar os buracos.

Américo Silva — AMADORA

CALMA, P.S. "AMIGO"!

V.B.

Decididamente, os dirigentes do PS não andam tranquilos. Eles lá sabem porquê! (eu também, mas se o dissesse, não me acreditavam...) Depois das declarações do dr. Zenha, a propósito da gasolina e das reservas em divisas, é agora a vez do dr. Campinos pregar um susto ao cidadão, despreveni-do e encalorado. Novamente no Telejornal (ninguém tem culpa de que se veja na TV, mas quem, entre nós, não tem um outro vício?) Julgo ter ouvido que aquele governante afirmara, mais ou menos, o seguinte: «...o PS tem 6 meses para mostrar que é capaz de governar o país, pois, se assim não for, corre-se o perigo de vir, a seguir, uma ditadura de direita». Não sei se disse militar», mas como esse é o género mais corrente deve ter dito.

Tinhamos continuado a assistir ao papel de «compère» do dr. Zenha, nas piadas de tipo revisteiro, ditas nos comícios: o major Otelo tem de ir estudar e depois apareça» ou «não se porta como major, mas como alferes» e outras graças menores que devem fazer parte da «cultura livresca» daquele conceituado financeiro. Faltava-nos o «humor negro» do ministro, que ocupa a pasta ministerial onde se exigiria grandes capacidades empreendedoras. Sabe-se que os capitalistas portugueses sempre gostaram de andar protegidos sob as «asas» do salazarismo. Investir, arriscando, não era com eles. Daí, que não fossem competir dos mercados estrangeiros, a não ser daqueles produtos em que as condições climatéricas ou a mão-de-obra (devidamente «controlada») permitiam baixos preços. Era, portanto, urgente organizar toda a máquina de exportação, dinamizando-a em moldes e técnicas modernas. Quem tem um mínimo contacto com o comércio internacional, sabe que os mercados europeus, das Américas, do Leste, de África e do Próximo e Extremo Oriente são muito diversos e exigem capacidades diferentes de implantação e de troca, que o impreviso ou as dispendiosas viagens de comissões governamentais não resolvem. Não consta que o dr. Campinos tenha qualquer preparação profissional neste campo (o seu sotaque afrancesado, poderia mais fazer pensar que se tratava de um vendedor estrangeiro a colocar aqui produtos, que o inverso). Ouvimos há tempos, com certa surpresa, o sr. ministro louvar o já velho Anexo G, da EFTA — «justa conquista» do dr. Correia de Oliveira na protecção dos seus amigos — como se fosse a última maravilha.

Enfim, isso não é o mais importante. Se fossemos analisar a experiência de outros membros do Governo, a conclusão seria talvez, salvo excepções, a mesma.

Ficamos agora a saber que o PS tem seis meses para «mostrar o que vale». É possível! As opiniões que tenho recolhido distribuem-se, estatisticamente, entre 3 meses para os mais pessimistas e 9 para os optimistas (salvo qualquer acidente prematuro...). Vou mais para esta segunda hipótese, já que o país «fecha» agora, para irmos às praias.

Temos provas quotidianas de que os dirigentes daquele partido, que se diz de inspiração marxista (com excepção do dr. Zenha que já se confessou, o que nem era preciso) ou não entendem, ou recusam as leituras, que eventualmente terão feito das coisas do marxismo. O conceito central, em Marx (e vamo-lo dizendo enquanto o «movimento» do general Kaúlza no-lo permite...) é o modo de produção. Este conceito interessa a todos os que se preocupam, no mínimo, com assuntos de economia, história e sociologia, qualquer que seja o seu ponto de vista ou quadrante político, ou religioso. Recorro a Pierre Vilar: «... a sua originalidade não consiste em ser (só) um objecto teórico. Consiste sim em ter sido e continuar a ser o primeiro objecto teórico a exprimir um todo social... uma estrutura de funcionamento e de desenvolvimento, nem formal nem estática... esta estrutura implica ela própria o princípio (económico) da contradição (social) portadora da necessidade da sua destruição como estrutura, da sua «desestruturação».

Pois é verdade, srs. dirigentes socialistas, o que se passa neste pobre país, é que a ganância do poder faz chegar a lugares de responsabilidade quem apregoa, ou aquilo que não sabe, ou anda a vender um «esquálido rato como se fosse gorda lebre».

As nacionalizações fizeram passar os bancos, seguros e empresas, das mãos dos monopolistas, que todos conhecíamos, para o monopolista Estado (que é quem o «apanhar», conforme o «vigésimo» sair ou não premiado, ou se tem um amigo no partido que tomou este ou aquele Ministério). Os latifúndios passaram dos agrários absentistas para a propriedade de não se sabe quem, pois ainda não houve a coragem de o esclarecer, o que neste caso tem sido até vantajoso.

Mas, no todo, uma coisa permanece: «o modo de produção capitalista anterior» e como este só tinha viabilidade enquanto os 9 milhões de portugueses fossem «cegos, surdos, mudos e de estômago pequenino», agora que esta «anormalidade» terminou, vai rebentar!

Portanto, srs. dirigentes socialistas, com ou sem formação marxista, ou se toma a decisão histórica, logo política de alterar o «modo de produção capitalista anterior», ou a resposta é a falência (isto entra pelos olhos dentro de qualquer pessoa como diria a Guidinha). Não basta portanto, pôr nas administrações de bancos e seguros, nos centros de Reforma Agrária e nos organismos de Comércio Interno, amigos e conhecidos.

Os seis meses são um prazo «tecnicamente» aceitável em termos de reservas, para depois publicar o «edital». Mas, como os países, ao que consta, não abrem falência: «Voila, Monsieur le Ministre!...».

Decorre, agora, entre nós, um dos últimos actos do que será o princípio ou o fim da mudança. A situação é já, segundo um dos intérpretes, classificada de «dramática». Desenham-se curiosas concepções de parlamentarismo que penso deveriam surpreender, de modo semelhante, quer o CDS, quer o PC. Pois que diriam D.ª Thatcher e o Sr. Berlinguer se tivessem de ir convencer os seus partidários, respectivamente, das vantagens das nacionalizações, na política do Labour, ou das vantagens do congelamento de salários, na da Democracia Cristã?

É claro que não vamos ter parlamentarismo clássico, a sério (se o tivéssemos não seriam tão «inconstantes» certos membros do Governo, que por aí andam, porque iriam para o desemprego).

O PS tinha um bom programa de Governo para aplicar a este país. Sozinho! Não só para evitar as zangas das «comadres» como porque não parece possível arranjar coligação. Os dirigentes do CDS e do PPD devem preferir reservar-se para outras «tarefas» patrióticas. Quanto ao PC esse parece estar sempre interessado, pois muito sacrifício exige obter «um atestado» de bom comportamento. Mas há quem dispense a sua participação, pelo menos enquanto a imagem «de marca» não for aprovada em outros países europeus.

Mas, repito, o sistema está falido, ou se muda a sério, ou vai ser muito duro! Temos agora, quem se proponha: Cumpri! Terá o PS que ter não um alguns dos seus elementos «aprendizes de feiticeiro». A muitos dos seus dirigentes se deve o «dramatismo» da situação. Foi mais rendoso, em termos eleitoralistas, a concessão ao fácil, ao marasmo cultural de 48 anos de fascismo, do que meter ombros à tarefa de modificar a sociedade. Esse não é o quadro geral do partido, felizmente, e daí que em breve se espere assistir à revelação das suas contradições internas. Só que a inércia desta sociedade é muito grande, depois de tão longa anestesia. Tudo joga contra a mudança. Como diz o povo, que não tem o poder, mas a sabedoria dos séculos «quem semeia ventos, colhe tempestades». É talvez por razões de sementeira que

Continua na pág. 8

ELEIÇÕES EM ITÁLIA: HORA ZERO?

Jorge Daniel

Tomando o pulso à actual situação política italiana, existe um dado que nos parece indiscutível: a derrocada definitiva do império da Democracia Cristã. Em vez de «derrocada» talvez devessemos falar de lenta «desagregação», ao longo dos últimos 30 anos de história italiana, do partido de De Gasperi e de Fanfani..

Para melhor compreendermos a situação actual parece-nos necessário apontar dois ou três elementos do «curriculum» deste partido.

A Democracia Cristã nasce no final da guerra. Os seus dirigentes são personagens «regenerados» com um passado mais ou menos comprometido com o regime de Mussolini, ou nalguns casos, intelectuais que permaneceram na penumbra indecifrável entre o fascismo e a oposição — caso do fundador do partido, Alcide De Gasperi.

Afirmando-se desde logo como o partido da antiga e nova burguesia, a DC procura porém explorar as profundas tradições religiosas do povo italiano colocando-se em contraposição aos partidos marxistas. Esta posição permite-lhe alcançar a posição número um nas primeiras eleições legislativas em 1948 com 48 por cento e a maioria absoluta em número de deputados.

Depois de dissolvido o Governo provisório (1948), saindo os comunistas do Governo (Togliatti, secretário do PCI, era então ministro da Justiça) a DC lança-se numa rigorosa política direitista no cenário da «guerra-fria» e do «maccartismo» dos anos cinquenta.

Mesmo tendo que recorrer a partir de 1964 a uma aliança de Governo com o Partido Socialista a DC nunca perdeu a sua vocação conservadora e anticomunista, monopolizando todos os centros de poder efectivo. O seu declínio eleitoral e de apoio popular tem sido progressivo e constante, assim como constante tem sido o seu «mal-governo» e a sua incapacidade de modificar minimamente as estruturas político-sociais.

Nas dezenas de escândalos e de fraudes que foram do conhecimento público estavam pontualmente implicados os homens de primeiro plano da DC.

As «taras históricas» do capitalismo italiano fortemente exploradas e agravadas durante o período fascista, continuaram a sobreviver dos mecanismos da actual burguesia. A DC acalentou até hoje todas as contradições de um desenvolvimento baseado na avidez de um «lucro fácil» sem qualquer critério selectivo: regime de baixos salários e forte exploração da classe operária, depauperamento agravado da Itália Meridional, abandono da agricultura.

A expansão industrial foi em grande parte baseada numa maciça decantação dos camponeses do sul (reserva nacional de mão-de-obra a baixo preço), congestionando caoticamente os centros urbanos do norte e determinando fortes tensões económicas e sociais. Os poderes públicos pondo-se ao serviço de um tal mecanismo de desenvolvimento consumiram indiscriminadamente milhares e milhares nesta industrialização. (A Itália é o país europeu com maior percentagem de empresas com intervenção directa do Estado). Deste modo, grandes massas de trabalhadores rurais do sul, desde há séculos marginalizados, entraram na cena política, aglutinando-se aos movimentos organizados do proletariado do norte.

Os sindicatos e outras organizações de trabalhadores conheceram então um incremento rapidíssimo — paralelamente ao curso económico e estrutural, fortemente contraditório, nascia uma alternativa de tipo

Continua na pág. 4

PUB

Sindicato dos Trabalhadores da Indústria e Comércio Farmacêuticos

Rua Joaquim António Aguiar, 66, 3.º, Esq. ☆ Telef. 65 71 24/5 ☆ LISBOA-1

COMUNICADO

Camaradas:

De acordo com a resolução tomada na Assembleia de Delegados Sindicais e Comissões de Trabalhadores (alargada a todos os sócios), realizada no dia 3 de Junho de 1976, realiza-se no Sindicato dos Rodoviários — Av. Visconde Valmor, n.º 34 — Lisboa — no próximo dia 21 do corrente mês (2.ª feira), pelas 21.30 horas, uma Assembleia de Delegados Sindicais e Comissões de Trabalhadoes (alargada a todos os sócios), com a seguinte ordem de trabalhos:

1 — Informações (30 minutos)

2 — Análise do Balancete Trimestral (Janeiro, Fevereiro e Março) de 1976.

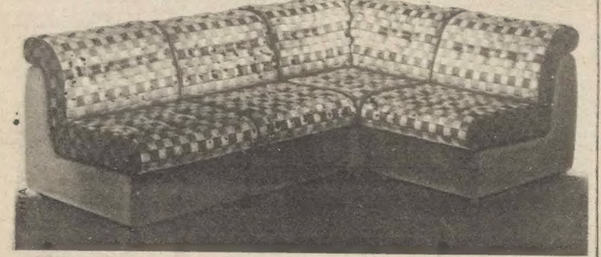
Pel'A DIRECÇÃO

CAMARADA:
A TUA PRESENÇA É IMPORTANTE
NAO FALTES

Lisboa, 16/6 76

NA FIL VISITE O STAND
OLAIO
E DESCUBRA SURPRESAS EM MOBILIÁRIO MODERNO

OLAIO
UM ESTILO
À MEDIDA DO SEU GOSTO
E DA SUA BOLSA



PARA O SEU LAR
QUADROS A ÓLEO
LINDAS PAISAGENS
FRUTAS E FLORES
BONS PREÇOS
A VENCEDORA
Rua de S. Lázaro, 127-A

AMORTECEDORES
Repara e Recondiciona todas as marcas, com garantia
MENDES Tel. 76 04 23
R. Capitão Ramires, 2-A (Ao Campo Pequeno)
REPRESENTANTE dos amortecedores «J. SL.»
FILIAL
Av. Gomes Pereira, 51-B (A Benfica)

CONION
O MELHOR EM CAPTAÇÃO E SOM
O melhor Rádio e Gravador do Mundo
Rua Pascoal de Melo n.º 7, 1.º — Lisboa

Geral

INOCÊNCIO: P.J. INVESTIGA

Pela Polícia Judiciária foram já identificados alguns dos populares responsáveis pela morte de Artur Inocêncio, junto ao cemitério da Ajuda, quando do enterro do guarda-freio da Carris assassinado, ele e outro companheiro de trabalho, na «raqueta» da Cruz Quebrada.

As diligências da P. J. têm sido facilitadas pelo facto de muitos dos agressores se terem gabado de haveram «feito justiça». A versão posta então a correr, fazia supor que o inocêncio era um carteirista.

Eleições em Itália

Continuação da pág. 3

novo, caracterizado por uma ampla e activa base popular.

Incessantemente conduziram-se inúmeras batalhas sindicais e económicas; na defesa da liberdade e pela democracia; contra o imperialismo; pela paz e independência nacional. Nesta perspectiva o movimento operário procurou respostas e soluções válidas numa visão unitária e de capacidade de Governo que servisse todo o país.

O sindicato aparece-nos como interlocutor político com que a classe dirigente se tem que medir constantemente. Não só como simples intermediário da venda da força de trabalho, mas como elemento fundamental e autónomo das forças capazes de apresentar uma alternativa viável e aderente à evolução socialista italiana.

Neste contexto a unidade sindical conseguida só no final dos anos sessenta, foi decisiva. As principais centrais sindicais, CISL (católica), UIL (social-democrata), CGIL (socialista e comunista) realizaram então uma fusão (Federação Sindical) conseguindo uma grande capacidade de luta e de elaboração e ao mesmo tempo pondo fim às divergências e antagonismos dos anos da guerra fria. Este facto determina uma viragem na economia e na vida social italiana.

As grandes lutas sindicais de 1968-69 não significam só grandes conquistas salariais, mas pela primeira vez foram impostas directivas de desenvolvimento económico, abrindo o caminho para a intervenção dos trabalhadores em todas as direcções. Na organização do trabalho (horários, ritmos, reclassificações, ambiente, etc.); no campo jurídico com o Estatuto dos Direitos dos Trabalhadores; na elaboração em curso das reformas sociais e de estrutura, etc.

Assim, todas as armas da burguesia, armas extraordinariamente eficazes no pós-guerra (armas de tipo cultural, religioso, de repressão e chantagem, de compadrio e caciquismo), foram perdendo toda a capacidade de persuasão e agregação. A prova mais evidente deste facto para além da crescente capacidade de luta das massas populares e da crescente influência dos partidos de esquerda, foi-nos dada pela derrota definitiva sofrida pelas forças da «velha política», no último «referendum» sobre o divórcio em 1974.

Os sectores do integralismo católico, ignorando o grau de emancipação adquirido pelo povo italiano viram no «referendum» sobre o divórcio uma extrema possibilidade de afirmação. Deste modo requereram à DC, ao Vaticano e a outros centros políticos abertos a uma política reaccionária, uma prova de força e de imposição autoritária contra todas as forças progressistas.

Perante uma derrota talvez inesperada, aperceberam-se pela primeira vez da sua própria desagregação e incapacidade de impor opções e directrizes.

Hoje em vésperas de eleições a situação económica e social italiana é das mais graves do pós-guerra. A crise italiana que se enquadra na crise geral da área capitalista tem, como já referimos, causas próprias. Antes da crise do petróleo (Novembro 1973) e da desvalorização do dólar (Agosto 1971) já a Itália apresentava um mecanismo de desenvolvimento fortemente em crise. Uma crise que se alargou rapidamente ao nível político. Surgem, nessa altura, sérias tentativas totalitárias e golpistas numa clara demonstração de completa incapacidade de recuperação de controlo da parte da classe dominante.

«Uma nação pode até suportar um período de grandes dificuldades quando está motivada; mas não pode viver, conservar a sua unidade moral e avançar, sem ter diante de si uma perspectiva e objectivos a atingir» alvitrava Berlinguer, secretário do PCI, num recente discurso.

É neste contexto que a esquerda italiana se apresenta hoje como os representantes de um vasto projecto de saneamento e de renovação de toda a vida nacional.

O aspecto peculiar desta situação é que a DC, sendo ainda hoje o maior partido político italiano encontra-se isolado de sectores decisivos da vida política, económica e cultural.

Nas próximas eleições de 20 de Junho temos pois fundamentalmente duas facções: de um lado a direita conservadora e integralista a qual chamou a rebate pela primeira vez os directos inspiradores e responsáveis da sua política neste trinténio. Um dos Agnelli, líder dos industriais, perante a surpresa dos meios políticos, apresentou-se como candidato DC; Paulo VI, campeão do equilíbrio e ambiguidade na política vaticana declarou-se abertamente contra os comunistas e «convidou» os católicos a votar DC. Estes são exemplos reveladores de pânico perante a real possibilidade de uma viragem política a favor da esquerda. Do outro lado, oposta a esta facção conservadora, abre-se um vasto leque de forças interessadas num Governo de esquerda, mas sobretudo interessadas a bater de vez o domínio autoritário da DC. O PCI, o maior partido da esquerda, tenta liderar esta facção, dando-lhe um cunho nacional capaz de evitar um choque entre facções. «A trágica experiência chilena levou-nos a confirmar que é necessário evitar uma rotura vertical no seio do povo e do país em duas frentes contrapostas e inimigas», afirmam os comunistas. A fórmula «voluntariamente provocatória» do «compromisso histórico» é a resposta a esta necessidade. Fundamenta-se na colaboração efectiva entre todas as componentes populares, nomeadamente às que se fazem às típicas componentes da história e vida italiana: a católica, a socialista e a comunista.

É um projecto político que nas suas premissas esteve sempre presente na política do PCI desde o fundador do partido, Antonio Gramsci. A teoria do «bloco histórico» apontava já nesta direcção.

Concretamente o que está em jogo nas próximas eleições italianas, assim como noutros países europeus, não é o socialismo como objectivo imediato, mas a possibilidade de actuar desde já algumas orientações decisivas que possam afirmar-se de cunho socialista.

As concentrações monopolistas, os grandes grupos financeiros, as multinacionais, o Vaticano, a Casa Branca, etc., como reagirão perante uma vitória da esquerda? A este e outros quesitos os comunistas italianos respondem: «... mas nós temos consciência, e hoje mais do que nunca, dos aspectos peculiares do processo histórico e do problema do socialismo no Ocidente: com a pesada herança das últimas fases do domínio burguês, mas também com a riqueza de tradições democráticas e de articulação social e com as peculiares tradições culturais que constituem o específico património histórico do Ocidente. É de Lenin a ideia de que o socialismo será totalmente realizado somente quando a sua construção se der nos países mais desenvolvidos».

Percentagens eleitorais em Itália de 1958 a 1975

Partidos	1958 (pol.)	1963 (pol.)	1968 (pol.)	1972 (pol.)	1975 (reg.)	1976 (previsões)
DC (católicos)	42,3	38,2	39,1	38,7	35,5	34,2
PCI (comunistas)	23,0	25,6	27,3	27,2	32,4	32,4
PSI (socialistas)	14,4	13,9	14,5	9,6	12,1	11,6
PSDI (soc. democr.)	4,5	6,1		5,1	5,6	4,8
PSIUP (socialist. proletár.)	—	—	4,5	1,9	—	—
PRI (republicanos)	1,4	1,4	2,0	2,9	3,3	5,6
PLI (liberais)	3,6	7,0	5,9	3,9	2,5	2,4
PDIUM (monárquic.)	4,9	1,8	1,3	8,7	6,9	6,3
MSI (fascistas)	4,8	5,1	4,5			

pol. — eleições políticas para a Assembleia Nacional
reg. — eleições para as autarquias locais e regiões

Nacional

Zés-pereiras» e cabeçudos andaram ontem à tarde por Lisboa promovendo a candidatura de Otelo. O momento mais animado foi na estação do Cais do Sodré, onde populares entoaram em coro «Grândola, Vila Morena»

OTELO NA MADEIRA

Funchal sem incidentes e um comício proibido

Contrariando expectativas menos optimistas, a visita de Otelo à Madeira mereceu a entusiasmada adesão de inúmera população local. Uma calorosa recepção esperava aquele que foi comandante do Copcon logo à sua chegada ao aeroporto do Funchal. Registou-se entretanto uma contrariedade: mal chegado Otelo, avisaram-no que não estava autorizado o comício no Machico. Motivo: a realização da sessão não fora comunicada dentro do tempo legal.

Passando por cima do incidente, o candidato seguiu para o Funchal a bordo de uma camioneta, seguido de uma caravana automóvel e passando por entre uma numerosa multidão. Já na cidade, Otelo falou em público, na Praça Almirante Reis e perante alguns milhares de pessoas, que o interrompia com saudações.

Otelo lembraria: as classes dominantes usam o velho expediente de dividir para reinar — disse.

Actualmente é isso que se passa em Portugal: «A burguesia faz isso no continente, procurando atirar os trabalhadores do Norte contra os do Sul. A burguesia faz isso na Madeira e nos Açores, tentando convencer o povo trabalhador das ilhas que ele é pobre por causa do povo trabalhador do continente. E assim pregam o separatismo.» Otelo afirmaria depois a necessidade de «o povo da Madeira ser autónomo»: o povo da Madeira tem de ser autónomo — disse; — tem de ter poder para resolver os seus problemas sem ir bater à porta do Terreiro do Paço. E quem governou até agora em Lisboa? Foi o povo? Foram os trabalhadores, ou foram os donos das fábricas, os grandes comerciantes, os senhores da terra?»

Sobre o separatismo — disse Otelo: «O povo da Madeira conhece muito bem os que defendem o separatismo. São os mesmos que defenderam a guerra colonial que matou e mutilou muita gente. São os mesmos que defendem o senhorio contra o caseiro. São os mesmos que estão às ordens dos capitalistas, estrangeiros e portugueses. Os trabalhadores da Madeira querem independência, mas a independência nacional contra o imperialismo.»

José Afonso encerraria a sessão com a canção «Grândola Vila Morena», que os presentes cantaram num coro numeroso.

Seguidamente, o Machico. Otelo foi lá, a despeito de proibido o comício. Uma hora de caminho, a caravana chegou, deteve-se no Largo da Igreja. José Afonso, o padre Martins e Otelo subiram ao pedestal de uma estátua. «Grândola», de novo, foi para o ar. Otelo conversou com as pessoas, e pôs a tónica na unidade, na organização das massas trabalhadoras, na luta a desenvolver em todo o País para «derrotar os exploradores», entre o povo e as Forças Armadas.

Um acontecimento inesperado, ainda Otelo não deixara o Machico: a luz cortada, facto que ninguém soube explicar.

Nota à margem: Otelo jantou numa tasca local, com populares encarregando-se de segurança nos arredores da vila.

NOS AÇORES

Na sequência da sua visita à Madeira, Otelo desloca-se hoje aos Açores, chegando a Angra (Terceira) cerca do meio-dia. Haverá uma sessão, ignorando-se se o candidato visitará outros locais. De qualquer modo, é uma estadia curta: Otelo regressa ainda hoje ao princípio da noite a Lisboa, de onde partirá imediatamente para o Barreiro onde vai participar numa sessão pública.

PORQUE FOI PROIBIDO O COMÍCIO NO MACHICO

Foi o governador civil do Funchal quem proibiu o comício que devia realizar-se à noite no Machico. Motivo invocado: Otelo não tinha cumprido «os requisitos da alínea a) do art.º 49 do dec.-lei 319/A-76 e o n.º 2 do art.º 2 do dec.-lei 406/74». Por palavras: a realização do comício não fora anunciada dentro do prazo legal (até 48 horas antes da sua realização). Um oficial foi esperar Otelo ao aeroporto para lhe comunicar a proibição, com um termo que Otelo deveria assinar. Otelo não assinou: O termo era para o representante da sua candidatura na Madeira, o padre Martins. No Machico, Otelo diria que a proibição era para respeitar, mas, uma vez que a multidão se encontrava reunida, ele, Otelo, integrava-se na multidão. Posteriormente, o governador civil do distrito emitiu um comunicado esclarecendo a proibição e lamentando a falta de cumprimento das necessárias formalidades por parte de quem (Otelo) pretendia chegar à chefia da Nação. Pensa-se que na proibição do comício terá influído muito o brigadeiro Azeredo, comandante militar e governador do arquipélago, declaradamente contrário a Otelo e às posições políticas que este candidato tem assumido e defendido na cena pública em Portugal.

INTELECTUAIS APOIAM

Entretanto o manifesto de apoio ao major Otelo assinado por intelectuais, artistas e jornalistas recebeu mais as seguintes adesões: Adelino Gomes, António Franco-Alexandre, Aldina, Ângelo de Sousa, Aníbal Telo, António José Forte, António Tavares Teles, Carlos Araújo, Diogo Pires Aurélio, Eduardo Guerra Carneiro, Eurico Gonçalves, Fernando Belo, Francisco Fanhais, Herberto Helder, João Mota, Jorge Fagundes, Jorge Fallorca, Jorge Silva Melo, José Alberto Gil, José Mário Branco, Júlio Pereira, Luís Filipe de Oliveira, Luís Miguel Cintra, Luiz Pacheco, Madeira Luís, Manuela de Freitas, Mário-Henrique Leiria, Miguel Serras Pereira, Rui Mendes, Sérgio Pombo, Teresa Magalhães, Vasco e Vitorino.

Octávio Pato em Coimbra

"A luta não começou nem acaba com as eleições"

A questão central do momento político português — a alternativa entre um governo de esquerda e um governo de direita — voltou a ser a tónica das intervenções do candidato comunista à Presidência da República durante a digressão ontem efectuada ao distrito de Coimbra.

Octávio Pato iniciou a sua visita pela Figueira da Foz onde dezenas de trabalhadores o aguardavam à entrada da cidade, acompanhando-o depois em cortejo até à Praça da Fonte Luminosa onde se situa o centro local de Trabalho do P. C. P.

Após uma breve sessão de canto livre, o candidato do P. C. P. dirigiu-se à multidão referindo, nomeadamente, que a Constituição com que o Povo Português conta pode ser considerada como a mais progressista da Europa capitalista «pois consagra a Reforma Agrária, o controlo operário e as nacionalizações» e sublinhando que ela só foi possível graças à unidade entre os comunistas e socialistas que a votaram.

Octávio Pato: «O candidato comunista apresenta-se perante os trabalhadores apontando-lhes uma outra perspectiva»

Acompanhado por extensa caravana automóvel e por entre os aplausos da multidão que se estendia ao longo da estrada, Octávio Pato seguiu depois para Vila Verde, onde, novamente no Centro de Trabalho do P. C. P., saudou a população local (que nas últimas eleições deu 80 por cento dos votos aos partidos de esquerda), formulando o desejo de que «em Portugal haja lugar para muitas «vilas verdes» o que será a prova de que o Povo Português vai no caminho da democracia e do socialismo».

A Vila Verde seguiu-se Montemor-o-Velho, culminando a digressão pelo distrito de Coimbra com uma festa comício na capital distrital.

PELA UNIDADE

«A candidatura comunista suscitou um amplo movimento unitário de adesão» — disse Octávio Pato em Coimbra, referindo-se à necessidade de reforçar a unidade de todos os trabalhadores e antifascistas e destacando que nas comissões de apoio que se formaram em torno da candidatura comunista se contam trabalhadores socialistas, num «movimento que se vai alargando à medida em que os trabalhadores se vão dando conta de que na sua unidade reside a possibilidade de defenderem eficazmente os seus interesses e o futuro democrático de Portugal».

«Surgiram, no entanto, tal como já tinham surgido nas eleições de Abril — disse Octávio Pato — forças que actuam no sentido de desagregar a organização e coesão dos trabalhadores e do movimento popular. Refiro-me às forças que promoveram e apoiam a candidatura do major Otelo Saraiva de Carvalho. É já conhecido que essas organizações visam, com a candidatura do major Otelo reduzir a influência do P. C. P. entre a classe operária e as massas trabalhadoras».

A acção paralela da direita nestas eleições foi, em seguida, analisada:

«Nesta campanha eleitoral vemos que os partidos da direita, procurando esquecer as contradições insuperáveis que o seu projecto político encerra tentam criar uma vasta aliança e incluir nela o Partido Socialista, tendo como base o anticomunismo. O principal obstáculo que encontram pela frente é a força e influência do P. C. P. Por isso tudo fazem para reduzir essa influência. Neste contexto os grupos que apoiam Otelo prestam um mau serviço à classe operária e a todos os antifascistas e prestam uma ajuda aos seus inimigos».

«Fazendo depender o cumprimento das suas promessas da vitória do seu candidato nas eleições, tais forças arrastam para uma amarga desilusão aqueles a quem conseguiram atrair o voto. Todas juntas, essas forças representam três por cento do eleitorado, mostrando logo à partida que Otelo Saraiva de Carvalho perderá as eleições».

E mais adiante:

«O candidato comunista apresenta-se perante os trabalhadores apontando-lhes uma outra perspectiva. A luta não começou nem acaba com as eleições presidenciais. Mas se através destas conseguirmos reforçar a unidade das forças democráticas e de esquerda, se soubermos consolidar e alargar a unidade da classe operária, se a candidatura comunista receber uma forte votação então estarão criadas as condições para que a luta a travar nos meses próximos tenha as maiores probabilidades de êxito.

APOIOS

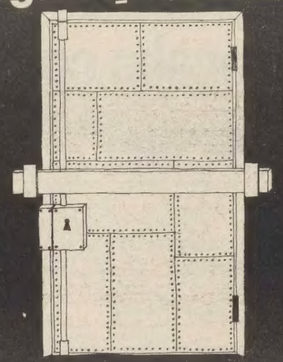
O movimento de apoio à candidatura de Octávio Pato continua, entretanto, a crescer. Mensagens e textos de apoio chegados aos serviços da candidatura transformam-se numa vasta corrente de opinião em torno dos princípios e objectivos da candidatura promovida pelo P. C. P.

Assim, trabalhadores da função pública, constituíram, em Lisboa, uma comissão unitária de apoio à candidatura de Octávio Pato, a qual integra já cerca de cinquenta nomes.

Também trabalhadores portugueses residentes em Maputo (Moçambique) saudaram o candidato comunista que consideram «o mais consequente e determinado na defesa intransigente dos verdadeiros interesses de todo o Povo Português».

Idênticas iniciativas foram ainda ultimamente tomadas por uma comissão unitária de mulheres de Alfama, por trabalhadores dos sectores de agentes de navegação e transitários e por uma outra comissão recém-formada, envolvendo numerosos democratas dos mais diversos sectores de actividade como domésticas, empregados bancários, escritores, empregados de escritório, funcionários públicos, comerciantes e operários.

A sua segurança... da porta fechada a "sete chaves" à segurança electrónica



Para a sua residência ou empresa dispomos de meios que garantem a sua tranquilidade.
Trabalhamos em segurança e colocamos ao seu dispor os nossos serviços: vigilância permanente; rondas itinerantes; assistência nocturna (controlados por carros-patrulha, equipados com rádio-telefone); sistemas de alarme com possibilidades de ligação à Central Grupo 8; e um gabinete técnico especializado em segurança industrial.
Esteja tranquilo, confie-nos a segurança de sua casa.

GRUPO 8
Vigilância e Prevenção Electrónica, Lda.
Av. dos Estados Unidos da América, 23, 1.º, dir. — Lisboa — Telef. 89 71 31

Nacional

Sede do P.P.D. atacada em Queluz

O Partido Popular Democrático emitiu um comunicado denunciando uma acção de violência de que foi objecto a sua sede em Queluz. A denúncia remetana a 9 do corrente e «ao período compreendido entre as 17 e as 21.30 horas» — segundo o texto do PPD emitido em Queluz: «aproveitando-se da ausência de qualquer militante na sede, foi destruído um vidro e, por ele, presume-se que lançado combustível no interior das instalações e ateado fogo».

«Por mera casualidade — diz o texto — poucos foram os danos mas as dimensões poderiam ser bem maiores se se tiver presente que se poderia pôr em perigo os residentes na parte superior do prédio». O PPD aproveita para invectivar aquilo a que chama «novas forças reaccionárias, qualquer que seja a cor que vestem». E fala de «criminosos», «neofascistas» e «terroristas».

O texto do PPD foi emitido às 23 horas. «Que fique bem claro que o medo não é nosso conhecido e o vandalismo dos ataques far-nos-á unir cada vez mais as mãos até identificação total dos provocadores e neofascistas» — dizia o texto do PPD. O texto data das 23 horas do dia 11, isto é, dois dias depois dos acontecimentos. Foi enviado aos órgãos de Comunicação Social, e alguns não se lhe referiram. Posteriormente, no dia 16, o Secretariado Nacional do PPD emitiu um comunicado enviando fotocópia do anterior documento e acusando os órgãos em questão de esquecerem que «toda a violência, venha de onde vier, é antidemocrática e reaccionária».

Quanto ao «DL» — e porque nas nossas páginas passou sem referência o acontecimento de Queluz — parece-nos que há alguma coisa a dizer a respeito não só do acontecimento (de que desconhecemos as consequências, acreditando no entanto na palavra do PPD que não as qualifica de graves), mas também da atitude do PPD quando se trata da sua divulgação e do subsequente protesto. De facto, será de estranhar que medeiem mais de 48 horas entre o acontecimento e a sua divulgação por parte da secção do PPD em Queluz, e, mais ainda, que, não parecendo, por tão pouca pressa, que o acontecimento tenha sido assim tão grave, o Secretariado Nacional do PPD venha propor de novo a sua notícia e a natural indignação do partido. Como sabe quem lê os jornais todos os dias, há diariamente coisas que merecem a atenção dos jornais muito mais do que um vidro partido, a presunção de que, através desse vidro terá sido introduzido combustível e ateado fogo que, «por mera casualidade», não causou muitos danos.

Há-de estranhar-se certamente ainda a falta de correspondência entre a urgência que o PPD parece pôr nesta questão e o facto de a sua secção de Queluz ter divulgado o comunicado quase à meia-noite do dia 11, quando o que se passou tinha ocorrido dois dias antes ao fim da tarde, o mais tardar. Não se tratasse de um caso sério (atentados, fogo, pormenores que tenham sido as consequências) poderia o leitor da situação pensar se os militantes do PPD de Queluz estiveram dois dias sem irem à sede, ou, se foram, passaram este tempo a apagar o fogo, a reparar os danos. No primeiro caso, os militantes do PPD em Queluz não serão muito menos negligentes do que os jornalistas a quem cabia a responsabilidade de, pelo menos, tornar pública a informação tardia que lhes chegou.

P.R. desmente "O Século"

A Presidência da República emitiu um comunicado desmentindo notícias sobre a instalação no Brasil do general Costa Gomes, publicadas na edição de «O Século» da passada quarta-feira.

Transcrevemos na íntegra o referido comunicado:

«O jornal 'O Século' publica hoje, 16 de Junho, na primeira página, um artigo com o título 'Costa Gomes Brasil depois das eleições' que, por não corresponder à verdade, carece de alguns comentários. Assim:

«1.º — É inteiramente falso que o general Costa Gomes tenha qualquer intenção de 'abandonar Portugal'.

«2.º — Nessa conformidade, também não é verdade que haja quaisquer preparativos para instalação do general Costa Gomes no Brasil.

«Lamenta-se que 'O Século' não tenha tido a preocupação de informar com verdade os seus leitores.

«Para tal, bastaria confrontar as 'notícias veiculadas do Rio de Janeiro' com as informações que sobre o assunto lhe seriam fornecidas pelo Gabinete do Presidente da República.»

TRIBUNAL DA COMARCA DE LISBOA
4.ª Vara Cível
ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados ao executado para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto destes bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do anúncio.

Execução da Sentença, n.º 2219/A, 2.ª Secção.

Exequentes — José Vicente e Artur Filipe Branco Vicente.

Executado — A Represental — Departamento de Vendas e Representações, Lda.ª, com sede na Praça do Chile, n.º 15-1.º - Lisboa.

Lisboa, 14 de Junho de 1976

O Juiz Corregedor
a) Armando Figueira Torres Paulo

O Escrivão de Direito
a) Henrique Pereira da Cunha

MINISTÉRIO DA MARINHA
TESOURARIA
CONSELHO ADMINISTRATIVO DA ADMINISTRAÇÃO CENTRAL DA MARINHA

CONCURSO PÚBLICO 1/76
AQUISIÇÃO OU ALUGUER DE EQUIPAMENTOS DE INFORMÁTICA

Dá-se público conhecimento que está aberto Concurso Público para aquisição ou aluguer de, pelo menos, seis unidades para colheita de dados sobre suporte magnético, tipo monoteclado e respectivo conversor com barras de 9 canais, 1600 ou 800 BPI'S, se as unidades o exigirem.

O caderno de encargos está à disposição dos concorrentes, na Secretaria do Conselho Administrativo da Administração Central da Marinha (CAACM), — Ministério da Marinha — Praça do Comércio — nas horas normais de expediente.

As propostas devem ser entregues na Secretaria do CAACM, nos termos das condições gerais do concurso, até às 17 horas, do dia 26 de Julho de 1976.

A abertura das propostas terá lugar pelas 15.30 horas do dia 27 de Julho do CAACM, em acto público.

Lisboa, 14 de Junho de 1976

O SECRETÁRIO-TESOUREIRO,

Alfredo de Jesus Espinha
Cap. Ten. AN

CENTRO HOSPITALAR DE COIMBRA
CONCURSO PÚBLICO N.º 32

Até às 15 horas do dia 23 do corrente mês de Junho, aceitam-se propostas, em carta fechada e lacrada para a venda de 1 caldeira a gasóleo para aquecimento de água e respectivo depósito.

Podem ser vistos no Hospital Pediátrico de Celas, devendo as propostas dar entrada nos Serviços de Aprovisionamento do C. H. C., à Rua do Cabido, 5 - 3.º — COIMBRA.

Coimbra, 11 de Junho de 1976

OS SERVIÇOS DE APROVISIONAMENTO

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
1.ª Vara
ANÚNCIO

Pelo presente se faz público, que nos autos de execução ordinária n.º 7787 da 1.ª secção da 1.º Vara Cível de Lisboa, que o exequente Dr. Abílio Dias Cardoso, casado, advogado, residente em Lisboa, move contra o executado José de Sousa Cintra, ausente em parte incerta e com última residência conhecida na Rua Luciano Cordeiro, n.º 83, 2.º, esquerdo, Lisboa, fica o executado notificado de que foi marcado o dia 27 de Julho de 1976, pelas 14 horas, neste Tribunal, para abertura de propostas de preços superiores aos oferecidos pelo exequente, e que constam dos autos, que se encontram à disposição do executado na secção para consulta.

Lisboa, 16 de Junho de 1976
O Juiz Corregedor Adjunto,
(José Artur Pessoa Monteiro Marques)
O Escrivão de Direito,
João Alves

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
6.º Juízo
ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados ao executado para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da data da afixação deste edital.

Execução Sumária. N.º 9 218 1ª Secção.

Exequente: J J Gonçalves. Sucrs., Comércio e Indústria, SARL.

Executado: JOSÉ DO ESPÍRITO Santos, residentes na R. General Rabordo, 14-r/c- em Lisboa.

VERIFIQUEI:
Lisboa, 3 de Junho de 1976
O Juiz de Direito,

a) J Guilherme R L Martins Alves

O Escrivão de Direito,

a) Antonio Moreira

PORTUGAL PREVIDENTE
COMPANHIA DE SEGUROS

COMUNICA A TODOS OS ESTIMADOS CLIENTES E COLABORADORES QUE O SEU CENTRO DE FORMAÇÃO DE AGENTES (CEF) PASSA PROVISÓRIAMENTE E A PARTIR DO PRÓXIMO DIA 21 DO CORRENTE A FUNCIONAR NA SEDE DA COMPANHIA, NA AV. DA LIBERDADE, N.º 72, COM OS TELEFONES N.ºs 36 22 21 E 32 19 20.

Nacional

EANES EM VISEU

"Quem não deve não teme"

Violentas respostas às críticas dirigidas por Pinheiro de Azevedo marcaram ontem a campanha eleitoral de Ramalho Eanes, bem como a actividade do seu gabinete de apoio.

Durante o dia, Ramalho Eanes viajou por todo o distrito de Viseu, terminando a digressão com um comício naquela cidade.

Depois de terem falado vários oradores, o general Eanes tomou a palavra, perante a multidão que enchia completamente o pavilhão gimnodesportivo local, referindo os ataques que têm vindo a ser feitos à sua candidatura nomeadamente pelo «cidadão Pinheiro de Azevedo».

Afirmou então Ramalho Eanes: «A esses que me atacam, direi apenas que lastimo não o ter feito no frente-a-frente na RTP, quando eu então podia responder.» E Ramalho Eanes acrescentou: «O povo costuma dizer que quem não deve não teme. Eu não temo e estou convencido de que o cidadão Pinheiro de Azevedo não poderá fazer publicamente a mesma afirmação. Desde já prometo que não utilizarei os dados que me chegaram às mãos por força das funções que exerci e dada a minha actual condição de cidadão apenas utilizarei as que são de domínio público e que são mais que suficientes...».

Referiu depois o candidato ter desenvolvido actividades na preparação do 25 de Abril e na resistência ao que considerou a perversão gonçalvista do 25 de Abril.

Também o Gabinete de Imprensa dos Serviços de Apoio da Candidatura emitiu diversos comunicados condenando as afirmações de Pinheiro de Azevedo sobre Ramalho Eanes, lamentando ao mesmo tempo que seja difícil distinguir os momentos em que Pinheiro de Azevedo está a actuar como primeiro-ministro e como candidato à Presidência da República. O Gabinete de Apoio de Eanes condena fundamentalmente a instrumentalização para fins de propaganda da final da Taça de Portugal e a edição pelo Ministério da Comunicação Social de um livro, com 5 mil exemplares de tiragem, referente a entrevistas concedidas pelo actual primeiro-ministro. Revela ainda que Eanes estaria disposto a participar numa nova mesa-redonda, na TV, com os outros candidatos.

Também um comunicado do Gabinete de Imprensa de Eanes refere os incidentes ocorridos em Évora, aquando do comício eleitoral de Eanes, condenando os «provocadores» que originaram tais incidentes, e também todos os apoiantes de Eanes que se envolvam em incidentes do mesmo tipo, já que a candidatura do C.E.M.E. se destina a garantir «a consolidação da democracia, com integral respeito pelas liberdades, a reconciliação nacional, a estabilização e a pacificação da vida portuguesa».

PS E PCP CONDENAM INCIDENTES

A Comissão Política do Comité Central do PCP e a Federação Distrital de Beja do PS também condenaram energicamente os incidentes ocorridos em Évora. A nota do PCP «alerta todos os trabalhadores para o significado especial que podem ter os actos provocatórios realizados nas zonas da Reforma Agrária e onde existe e actua um importante movimento popular e democrático».

Também do Gabinete de Imprensa dos Serviços de Apoio à Candidatura do General Ramalho Eanes foi emitido um comunicado refutando a possibilidade do tiro que vitimou um trabalhador ter partido dos elementos que faziam a segurança do general Eanes. Ao mesmo tempo aqueles serviços de candidatura admitem que «a segurança tivesse puxado das armas em legítima defesa». Contudo outras versões continuam a correr, afirmando-se nomeadamente que os tiros teriam partido em rajada dum dos carros integrados no cortejo que acompanhava Eanes, referindo mesmo algumas fontes que o carro seria um «Opel» preto, com a matrícula iniciada por AM.

PINHEIRO DE AZEVEDO

Violentas críticas a Eanes e às forças que o apoiam

«Sem ordem e autoridade não se pode construir a democracia pluralista no País» — afirmou Pinheiro de Azevedo ontem em Vagos, falando a centenas de pessoas que o ouviam. Ordem, autoridade, segurança, e disciplina continuam a ser as tópicas dominantes nas falas do Primeiro-Ministro na sua qualidade de candidato à Presidência da República. Azevedo falava em Vagos da varanda do Palácio da Justiça, mas o mais comum é a conversa corrente em ambiente informal.

Ontem, Azevedo percorreu várias localidades entre Figueira da Foz e o norte de Aveiro. Aqui e ali parava e falava com a população local, nas ruas, nos cafés, nos locais de trabalho. Em Águeda, por exemplo, o candidato esteve na esplanada dum café. Depois visitou a Famel e falou aos operários de cima dum carregador mecânico. Em Ovar, discursou num jardim. Na Murtosa, em plena rua. Em Estarreja subiu à varanda do edifício da Câmara Municipal depois de ter confraternizado com a população na rua. Contactos directos com o povo: Pinheiro de Azevedo falou e ouviu, fez perguntas, respondeu a perguntas.

A tónica posta na ordem, na disciplina, na segurança e na autoridade, o candidato referiu-se ontem, por várias vezes, ao terrorismo que está a perturbar a campanha eleitoral: condenou-o expressamente. «O terrorismo é uma forma de luta política» — diria Azevedo em Águeda. Acusaria de responsabilidades, pela violência até agora registada forças de direita que pretendem aproveitar-se do recuo da esquerda provocado pelo 25 de Novembro.

Outra — talvez a fundamental — preocupação de Azevedo: a distinção entre ele próprio e o general Ramalho Eanes. «Entre nós dois há uma distinção fundamental que nos separa — diria Azevedo: — eu sou um militar genuíno da Revolução do 25 de Abril. Eanes não. Portanto, o povo escolherá, ou um revolucionário que arriscou a própria vida para tirar Portugal da longa noite escura de 50 anos de fascismo, ou, então, não, e vota num não-revolucionário.» Ideia abundantemente difundida pelo candidato na suas inúmeras declarações, mais variante menos variante. Azevedo continuou a criticar igualmente os partidos que «fugindo à luta democrática procuram o paternalismo das Forças Armadas e dentro destas escolheram Eanes porque julgam que ele é que tem os canhões.»

Ainda ontem milhões de portugueses puderam ver e ouvir o almirante Pinheiro de Azevedo dirigir pela Televisão um violento ataque a Ramalho Eanes e aos partidos que o apoiam. «Os candidatos à P. R. não se definem nos gabinetes nem por escolha dos políticos — diria Azevedo, depois de ter classificado de «mistificação» a candidatura de Eanes e afirmado que tem tanto apoio das Forças Armadas como os restantes candidatos. «Há mistificação sobre poderes militares, sobre apoios, e tudo isto são arranjos de gabinetes que não correspondem ao consenso popular, nem à vontade das populações, nas fábricas, nos campos, nas cidades.»

«A candidatura do almirante Pinheiro de Azevedo à P. R. faz perder o sono a muita gente» — disse-se ainda ontem, na RTP, durante uma emissão de propaganda reservada ao candidato.

Entretanto, parece esboçar-se um contencioso entre as duas candidaturas. Os serviços de apoio a Ramalho Eanes começam a tomar posição pública sobre as declarações de Pinheiro de Azevedo, e parece que este não tenciona prosseguir a campanha noutro tom.

A candidatura de Pinheiro de Azevedo continua a bater na tecla da popularidade do Primeiro-Ministro

Caso do homem morto cometido à P.J.

Segundo informações obtidas esta manhã, foi cometida à Polícia Judiciária a investigação da morte de um homem, João António Pereira Lúcio, após o comício de apoio à candidatura de Ramalho Eanes, em Évora.

Recorda-se que Pereira Lúcio não participava da manifestação nem da contra-manifestação. Encontrava-se sentado num muro quando uma bala lhe perfurou o abdomen.

Eanes em Viseu lamentou não ter dito tudo na mesa redonda da RTP com os outros candidatos e desafiou os seus adversários para novo «bate-papo»

TOYOTA

TOYOTA o carro já eleito

Já eleito, no nosso País, por cerca de 50 000 condutores, o Toyota cobriu todas as previsões no que se refere à **economia**, à **segurança**, ao **conforto** e à **assistência**.
Milhões e milhões de quilómetros foram percorridos pelo Grande Candidato na sua campanha eleitoral num verdadeiro teste de resistência e maneabilidade.
E também na poupança. Realmente, o favorito gastou menos do que qualquer outro candidato nesta dura prova quotidiana que já conta mais de cinco anos!

TOYOTA veio para ficar
E FICOU MESMO

IMPORTADORES E DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS: SALVADOR CAETANO, S.A.R.L. ● CONCESSIONÁRIOS EM TODO O PAÍS COM SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA E PEÇAS

CONVOCATÓRIA

I.º ENCONTRO NACIONAL DE SINDICATOS E COMISSÕES DE TRABALHADORES

DIAS: 2, 3 e 4 de Julho/76

TEMA: **INATEL — TEMPOS LIVRES DOS TRABALHADORES**

. Alertamos as Uniões, Federações, Sindicatos e Comissões de Trabalhadores de todo o País, para que se inscrevam até ao dia 24/6/76 (inclusive) para:

INATEL — GIRP (Gabinete de Informação e Relações Públicas), Calçada de Santana, 180 — Lisboa

Tel. 538871
575288
575340
575390
575415

Nacional

Calma, P.S. "amigo"!

Continuação da pág. 3

temos agora «tecnicos agricolas» a tratar de coisas da politica. Só que o material que o bloco militar «amigo» nos enviou não é exactamente a esquadrilha de semeadores, de que falava, como seu sorriso publicitário, o engº Sousa Veloso. Oxalá que com estes «técnicos» as próximas ceifas não sejam só de «bolotas». Daquelas que saem do tal material...

///

P. S. — (aqui significa «post-scriptum») — já depois de escrito este comentário, ouvimos uma comunicação, ao país, do dr. Zenha. Apenas uma breve nota, por agora.

1) As apreciações que fez o ministro aos problemas da economia portuguesa são apenas a confirmação, talvez irremediavelmente tardia, do que foi dito, há cerca de oito meses, por alguns especialistas, dos chamados independentes. Infelizmente, estes são geralmente tratados com certa indiferença pelos meios de opinião e pelos políticos dos partidos, tal como os profissionais do jogo desprezam os jogadores «a feijão». Pergunta-se: que medidas de base tomou o VI Governo para corrigir os problemas? Cedências a quê e em nome de quê?

2) A subscrição das obrigações está a ser um insucesso, a nível do público, ao balcão, como a própria diligência do ministro confirma, pois têm sido sobretudo instituições várias a adquiri-las.

3) A poupança voluntária, que é um mecanismo fundamental nas sociais-democracias (que se querem imitar), exige um sentimento de opção pessoal que está por se definir e amadurecer entre nós. Tem duas componentes simples nas sociais-democracias: confiança e esperança. Na situação real que vivemos só uma forte motivação colectiva o conseguirá. Pensará o sr. ministro que, nesta incerteza, em plena campanha eleitoral e após outra, em que as promessas excederam largamente as possibilidades (e o dr. Zenha tem ajudado o cidadão comum a percebê-lo...), depois do engano em que tê vivido dezenas de milhares de pequenos clientes do mercado financeiro (Bolsa), alguns agora com dramáticos problemas pessoais de insegurança, que seriam mercado potencial para estas poupanças (na ausência de «migalhas» ardilosamente lançadas pelos capitalistas do «modo de produção anterior»), pensará que é a sua conversa paternalista que vai modificar a situação?

4) Tudo isto confirma o que se disse no comentário. Não basta fazerem-se os gestos de votar. Não basta ter um parlamento, imitando-se, ao contrário do que se diz, os modelos estrangeiros. Existe o vazio tremendo da ausência de um projecto global de desenvolvimento ecomómico e CULTURAL para esta sociedade. Os historiadores, sabem-no melhor do que eu e poderão talvez prever qual o acontecimento definitivo que vai seguir-se e que não depende só de nós, bem entendido. Na mesma noite em que na TV se utiliza para fins eleitorais o caso do assalto a uma embaixada, feito por umas dezenas de delinquentes manifestando a sua impotência desesperada contra um Estado que garrota a frio, o País toma conhecimento de um linchamento terceiro-mundista feito na véspera a um homem que dizem, afinal, que era honesto. Na mesma noite se convida à poupança com a fábula da formiga e da cigarra. Ironias da História ou verdadeiro «drama» deste País? Contradição ou atracção pelo abismo? Depois não nos queixemos do papel que não soubemos assumir. Nós e muitos: bastantes do PS, que nós queremos de esquerda...

Eça e Cesário Verde na "Colóquio/Letras"

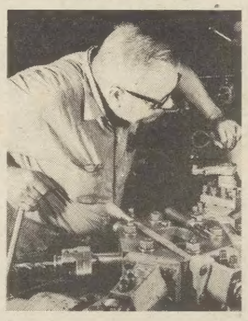
Eça de Queiroz e Cesário Verde são dois dos autores tratados no último número (31, de Maio último, agora em distribuição) da revista «Colóquio/Letras», a par do brasileiro Machado de Assis e de temas genéricos como o Realismo e o Romance naturalista português.

Sobre Eça defende Manuel da Costa Fontes que «A Relíquia» tem nítidos traços da novela picara, enquanto Alexandre Pinheiro Torres desfaz «os falsos códigos edénicos» de uma obra como «A Cidade e as Serras». Acerca de Cesário Verde escreve Vergílio Ferreira um ensaio em profundidade cujo fecho polémico é este: «Os poemas de Cesário admiram-se mas não se amam. Eu, pelo menos, não os amo. Nunca os amei».

Neste número há ainda um longo texto de Jorge de Sena, mandado da Universidade de Santa Bárbara e intitulado «Algumas Palavras sobre o Realismo, em especial o Português e o Brasileiro»:

VOCÊ QUER reequipar a sua unidade fabril?

O seu problema é financeiro.
Tem necessidade de crédito.
A crise "comeu-lhe" a maior parte das suas reservas.
Nós sabemos isso.
Você sente que é indispensável renovar processos.
Acompanhar o avanço tecnológico.
Modernizar equipamentos.
E pensa, até, que é altura de retirar da gaveta os projectos que em tempos estudou e programou.
Precisa de financiamento para adquirir bens de equipamento?
Pretende ampliar e transformar as instalações da sua pequena fábrica?



Reconverter a sua indústria?
Aumentar a capacidade produtiva montando equipamentos modernos?
Bem, o Crédito Industrial da Caixa Geral de Depósitos não se criou para outra coisa.
A sua missão é dar apoio a todas as iniciativas que contribuam para o desenvolvimento económico do País.
Se tem dados concretos em que baseie a viabilidade do investimento proposto, consulte-nos.

SIM o crédito industrial ajuda

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

PUB

CENTRO REGIONAL DE REFORMA AGRÁRIA
SANTARÉM

AVISO

Para cumprimento do despacho de 17-X-75, sobre comercialização de cortiça, dos Senhores Ministros da Agricultura e Comércio Externo, necessita este C. R. R. A. de saber se os proprietários abaixo relacionados têm dívidas de caracter comprovadamente agrícola, para o que pedem aos eventuais credores que lhe remetam até 30/6/76 todos os documentos que as comprovem.

— Dr. João Pedro Bourbon
Herdade Borato
— Engº António Pereira Caldas de Almeida
Herdade da Chaminé
— Artur Pais do Amaral Lopes Teles Branco
Herdade Vale de Parede
— COLBOM — Companhia Agrícola Cortes e Valbom, SARL
Herdades Afeteira e Barro Vermelho
— COMONTE — Companhia Agrícola de Monte Novo, SARL
Herdade Vale de Zebre (Zebras)
— D. Teresa Mónica Sousa e Holstein B. de Melo
Herdade Vale da Lama d'Atelo (de Baixa)
— Sociedade Agrícola Pecuária, SARL
Herdade de Pancas
— Companhia Agrícola das Polvorosas, SARL
Herdade Pinheiro do Divor
— Henrique da Silva Barreira Júnior
Herdade Zambujeira
— D. Maria Madalena da Silva Santos Neto Lourenço de Almeida e sua irmã D. Maria Manuela da Silva Santos
Herdade Várzea da Cruz
— Maria do Carmo Henriques da Silva
Herdade Castelhana
— Manuel João Monteiro Barbosa
Herdade Montargil
— D. Madalena de Barroso Sá
Herdades «Torre de Falcão» e «Vinagre»
— António José da Veiga Teixeira
Herdades Vale de Boi e Charneca
— João Garcia Nunes Mexia
Herdade Verdugos
— D. Olga e D. Graziela Cadaval
Casa Cadaval

Santarém, 11 de Junho de 1976.

Trabalho

FUNÇÃO PÚBLICA

Prazo termina hoje

. Termina hoje o prazo concedido pelos trabalhadores da Função Pública ao Governo para resposta às reivindicações apresentadas pelas respectivas organizações sindicais. Estas respeitam, fundamentalmente, à revogação do chamado «despacho antigreve», da lei do quadro de adidos, e do artº 50.º da Lei Sindical.

As direcções sindicais que promoveram a concentração de protesto em São Bento, na terça-feira, reunem na segunda-feira de amanhã para analisar a situação, com vista à tomada de novas posições conjuntas. Recorde-se que está prevista uma greve geral da Função Pública para o dia seguinte, no caso do Governo dar resposta negativa às pretensões dos trabalhadores.

Intervenção no I.N.E. "castiga" unidade dos trabalhadores

A Comissão de Trabalhadores do Instituto Nacional de Estatística prepara um documento a apresentar ao provedor de Justiça, de recurso contra o que considera a «ilegalidade e inconstitucionalidade das recentes medidas tomadas pelo Governo, primeira aplicação na prática da legislação que cerceia o direito à greve aos trabalhadores da função pública», medidas que estão a causar grande expectativa e algum alarme não só entre os directamente visados (os mais de oitocentos trabalhadores do I. N. E.) como na generalidade dos organismos de Estado.

A diligência junto do provedor de Justiça foi anunciada ontem à tarde em conferência de imprensa promovida pela Comissão de Apoio à Luta do I. N. E., a qual tem já delegados mandatados em cerca de uma dezena de departamentos oficiais e está em vias de novos alargamentos. As manifestações de solidariedade recebidas por parte das estruturas sindicais e pró-sindicais vão — ao que foi afirmado — crescendo dia a dia.

Ante os representantes dos órgãos da Informação, delegados dos trabalhadores do próprio I. N. E., da Direcção-Geral do Ensino Básico e do Laboratório Nacional de Engenharia Civil falaram do significado das medidas governamentais que levaram à suspensão do vencimento a mais de oitocentos trabalhadores em greve, à ameaça de processos disciplinares, ao eventual desemprego. As «medidas repressivas» postas em prática contra os trabalhadores do I. N. E. foram, nomeadamente, classificadas como sendo «um castigo ao espírito de unidade» demonstrado por aqueles trabalhadores e uma tentativa de semear a divisão entre eles, significada na «tarefa pidesca e de delação que, ao abrigo do estatuto fascista do funcionalismo público, se procure impor aos responsáveis pelos serviços». Estes porém têm mantido inalterável solidariedade para com os restantes trabalhadores, facto que estará a «irritar sobremaneira o Governo, em especial o ministro das Finanças». Numa outra intervenção, foi sublinhado o direito que assiste aos trabalhadores da função pública de se organizarem em estruturas sindicais: «Continuamos a ter situação especial face aos nossos direitos de organização sindical. Se o Governo pensa que as cadeias repressivas a que fomos sujeitos no tempo do fascismo quebraram a nossa vontade de lutar, demonstrar-lhe-emos o contrário: não estamos dispostos a ser considerados trabalhadores de segunda.»

De toda a legislação considerada como discriminatória relativamente ao direito ao trabalho foi destacado o decreto-lei que regulamenta o Quadro de Adidos, classificado nestes termos: «Tal decreto, ao permitir atirar os considerados «excedentes de pessoal» para uma situação, primeiro de subemprego e depois de desemprego, é claramente contrário à própria Constituição da República Portuguesa. A Constituição fala em garantir o pleno emprego, o dito decreto cria a situação inversa.»

Finalmente, foi evocada a eventualidade de uma greve geral da função pública, forma de luta para que avançou já uma proposta da C. T. do I. N. E. na última assembleia geral de delegados sindicais. Tal proposta — afirmou o representante dos trabalhadores do L. N. E. C. — deve ser discutida amplamente em todos os locais de trabalho e deve constituir uma base para a nossa mobilização». E mais adiante: «Pensamos que não pode haver melhor resposta ao despacho antigreve que o exercício da própria greve.»

SODA PÓVOA

"Corte" foi adiado

Os trabalhadores da «Soda Póvoa» decidiram em plenário adiar para a próxima segunda-feira a redução de 50 por cento da produção, medida de luta que devia ter ontem começado.

A deliberação foi tomada em consequência de a direcção dos serviços de produção ter dado ordem aos serviços de expedição que continuassem a fazer sair os fornecimentos a cem por cento. Para não entrar em confronto com os trabalhadores, a C.T. convocou o plenário onde foi tomada a decisão de adiar a redução de fornecimento da produção.

A administração declarou já que cederia às reivindicações dos trabalhadores se o Governo permitisse o aumento de alguns produtos. Do caderno reivindicativo dos trabalhadores constam os seguintes pontos: redução do horário semanal para 40 horas; aumento salarial; férias uniformes e respectivo subsídio; tolerância mensal de quatro horas de trabalho; uma falta por mês por motivo de força maior; subsídio de doença de 100 por cento; elevação do prémio de turno e inspecção médica anual.

UNIDADES COLECTIVAS

PROTECÇÃO, PRODUÇÃO, PLANEAMENTO — temas de discussão em Alcácer do Sal

Realizou-se, na quinta-feira, em Alcácer do Sal, um encontro das Unidades Colectivas de Produção do Distrito de Setúbal, sob a presidência do secretário de Estado da Reestruturação Agrária, eng. Vítor Louro. O tema da reunião dividia-se por três pontos: protecção das searas, contra fogos; armazenamento e escoamento dos cereais face à maior produção cerealífera de que há memória no nosso País; e programação da produção para o próximo ano agrícola, «com o indispensável desbloqueamento dos créditos, a par de uma melhoria efectiva de apoio técnico às unidades colectivas de produção».

Além do secretário de Estado da Reestruturação Agrária, estiveram presentes no encontro, o governador civil do distrito, Hélder Nobre Madeira, o director do Centro Regional da Reforma Agrária, dr. Parrança, e representantes dos comandos distritais da P.S.P., G.N.R., Regimento de Infantaria de Setúbal e do inspector de Incêndios da Zona Sul.

Quanto ao primeiro ponto da ordem de trabalhos, foi realçado o perigo «de se ver o nosso pão devorado por mãos criminosas ou simplesmente incautas», com a conclusão da necessidade do lançamento de «campanhas através dos meios de Informação — RTP, RDP, e Imprensa estatizada — no sentido de sensibilizar as populações para a prevenção contra fogos». Ainda de salientar a ideia de constituir «sistemas de autodefesa por parte dos trabalhadores das cooperativas, com o apoio técnico que lhes é dispensado pelas associações de bombeiros voluntários».

Quanto ao segundo ponto, armazenamento e escoamento de cereais, foi decidido aproveitarem-se todos os armazéns e todas as casas disponíveis para armazenamento. Contudo, face à falta de condições de grande parte das instalações das unidades colectivas de produção (infiltrações de águas, existência de roedores, etc.), concluiu-se que se torna necessária «a requisição de todas as instalações necessárias para o armazenamento dos produtos que não possam ser recebidos pelo Instituto de Cereais», com «reparação das referidas instalações, cabendo a responsabilidade dos encargos inerentes àquele instituto». Mais: «recurso, se necessário, ao Crédito Agrícola de Emergência em condições excepcionais e livres dos encargos de juros, para recuperação das instalações das unidades colectivas de produção onde se possam efectuar os armazenamentos».

No que respeita ao último ponto, produção da programação para o próximo ano agrícola, além do recurso ao «desbloqueamento dos créditos», considerou-se muito importante a «rectificação dos sistemas de comercialização, nomeadamente os que estão dependentes do aparelho do Estado.

A terminar os trabalhos, os participantes no encontro foram informados pelo dr. Parrança de que terá sido estabelecido um acordo de cedência de maquinaria pelas Forças Armadas ao Ministério da Agricultura e Pesca.

PORTO

Greve nos transportes pode ser suspensa hoje

Prevê-se que venha a ser suspensa, durante a tarde de hoje, a greve dos motoristas dos transportes públicos do Porto, iniciada no domingo. A decisão poderá ser tomada num plenário de trabalhadores que se iniciou às 15 horas, na estação de recolha da Areosa.

A suspensão da greve teria em conta os resultados das negociações que ontem se realizaram em Lisboa, entre representantes sindicais dos motoristas e o Ministério dos Transportes. As entidades oficiais, segundo informações de que dispomos, teiram acedido minimamente a algumas das reivindicações apresentadas.

Por outro lado, e segundo um delegado sindical ora não contactado, os motoristas não estão interessados em agravar os conflitos entre trabalhadores, podendo vir a recorrer a novas formas de luta, menos radicais.

No entanto, ontem à noite, durante um plenário de motoristas, e após largas horas de discussão, ficou decidido manter a greve, tendo sido mal recebida uma delegação de direcções de outros sindicatos que quiseram expressar a sua posição sobre o conflito. Como ontem noticiámos, estes sindicatos alertaram para os perigos que podem derivar da impopularidade da forma de luta assumida.

Assim, amamanhã, muito provavelmente, autocarros e tróleis voltarão a circular pela cidade, terminando desse modo uma situação que tem causado grandes perturbações no quotidiano portuense, afectando muito especialmente as classe trabalhadoras.

Suspensos do sector têxtil organizam encontro

Foi criado ontem, durante um encontro realizado em Coimbra, um grupo de trabalho encarregado de preparar proximamente um encontro de sindicalistas e trabalhadores «suspensos» nos sectores têxtil, vestuário e lanifícios, com vista à elaboração conjunta das formas de luta a adoptar para reintegração dos atingidos. O grupo de trabalho integra dirigentes dos Sindicatos de Vestuário e Têxtil do Porto, Têxtil, de Guimarães, Lanifícios do Norte e Têxtil, Lanifícios e Vestuário do Sul.

O ESTRANHO CASO DO ART.º 50.º

Terminada a greve dos trabalhadores das autarquias locais, com os efeitos sobejamente conhecidos das populações, o Sindicato dos Trabalhadores da Administração Local (STAL) reivindicou para si a principal responsabilidade pelo facto do Governo ter reconhecido a todos os trabalhadores da Função Pública (e não só aos das autarquias) o direito a registarem as suas associações sindicais. No entanto, e sem de modo algum votarmos ao desprezo o contributo deste sindicato nem dos trabalhadores da administração local, estamos em crer que tal entendimento peca por exagero.

Por um lado, o STAL nunca esteve isolado nessa reivindicação, que também foi insistentemente formulada, de forma implícita por onze organizações sindicais cujos filiados são funcionários públicos, designadamente, os três Sindicatos da Função Pública. Aliás, mantém-se um contencioso legal a que o Governo terá de dar despacho — contencioso esse que se centra em razões de fundo que ultrapassam o mero registo das associações sindicais dos servidores do Estado, e das autarquias corporizando-se no pedido de revogação de um conjunto legislativo que se considera atentatório dos direitos sindicais e laborais desses trabalhadores.

Acrescente-se que não foi contra este quadro legal bem mais vasto, no qual perduram ressonâncias da época fascista (é o caso do estatuto do funcionalismo público), que o STAL se insurgiu. O que este sindicato exigiu foi a sua legalização, o que, só por si é muito naturalmente, pressupunha o reconhecimento da possibilidade de serem registados os organismos sindicais que se encontravam em situação idêntica.

Em certa medida, o Conselho de Ministros do dia 9 veio corresponder à pretensão, claramente expressa pela Função Pública, de ver revogado o artº 50.º da Lei Sindical, que remetia para uma lei especial (que nunca foi publicada) a regulamentação do exercício da liberdade sindical dos servidores do Estado e das autarquias locais. Não revogando formalmente aquela disposição, a resolução do Governo afasta-a parcialmente já que autoriza o registo das associações sindicais em causa e remete para as regras processuais constantes da lei geral. Apesar disto, o artº 50.º mantém-se, continuando a consagrar-se na legislação vulgar, formalmente e com finalidades que nos escapam, essa aberrante excepção à regulamentação do exercício da liberdade sindical para os trabalhadores da Função Pública.

Trata-se de excepção, e excepção aberrante. Com efeito, e se outros motivos não existissem, o preceito é inconstitucional, pois a nossa Lei Fundamental afirma expressamente, que «no exercício da liberdade sindical e garantido aos trabalhadores, sem qualquer discriminação», (...) a liberdade de constituição de associações sindicais a todos os níveis, a liberdade de inscrição (...), a liberdade de organização e regulamentação interna das associações sindicais». Ora, a Lei Sindical enquadra-se dentro destes princípios, apesar de ser consideravelmente anterior à Constituição. Daquela, no entanto, o Governo só reconhece os meros trâmites processuais do registo, cuja liberdade reconhece.

O sobredito artº 50.º lá continua, impresso em letra de forma. Os trabalhadores da Função Pública ainda não o esqueceram, e mantêm-no em agenda. Talvez por isso o regozijo do STAL deva merecer algumas reservas.

E.L.

PUB

GRANDE COMÍCIO FESTA EM SETÚBAL

Sábado, 19 de Junho, pelas 17 horas
No Estádio do Bonfim
estarão presentes
OCTÁVIO PATO
ÁLVARO CUNHAL
JAIME SERRA
Canto Livre — Bandas Musicais

PUB

JARDINEIRO

Precisa o Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas

Resposta por escrito à Rua da Junqueira, n.º 86 — LISBOA 3.

Nacional

Alberto Arons de Carvalho:

«DL» — Como explica a existência deste surto terrorista entre nós?

Arons de Carvalho — O terrorismo existe quando existe uma transformação na sociedade como esta que houve em Portugal.

Uma grande parte da burguesia foi afectada; os quadros, as pessoas ligadas ao antigo regime foram prejudicadas política e pessoalmente, e portanto isso originou de certa forma o fenómeno das bombas. Por outro lado, há uma tendência para a utilização da violência quando não existem estruturas democráticas.

«DL» — Isso significa...

Arons de Carvalho — Que a institucionalização da democracia, o facto da esmagadora maioria do povo português ter escolhido a democracia, assim como a dialéctica dos partidos, a dialéctica do poder político quando resolve os problemas das classes sociais, sobretudo desde o 25 de Novembro, é susceptível de paralizar esse surto bombista.

«DL» — Como impedir, de imediato, a actividade terrorista?

Arons de Carvalho — Reforçando a vigilância em relação a esses atentados, e punindo severamente as pessoas que os cometem. Mas de qualquer modo não criar polícias políticas. Crie-se sistemas preventivos e fiscalização. Não se pense que é a violar os direitos do homem que se consegue evitar o terrorismo.

«DL» — Qual deveria ser o papel das forças populares na vigilância antiterrorista?

Arons de Carvalho — A luta antiterrorista é um assunto de polícia, mas é também um assunto da consciência popular. Isso consegue-se através da consciencialização geral das populações, das classes trabalhadoras, dizendo-lhes ao serviço de quem e de quê são postas as bombas.

Com isto não estou a propor milícias populares, mas apenas a propor que as comissões de moradores, por exemplo, distribuam papéis nas zonas onde há bombas, explicando que as bombas são postas pela direita, que é preciso desmascarar as pessoas que as põem, e que é preciso, portanto, uma certa fiscalização.

Manuel Alegre:

«D. L.» — Que pensa do terrorismo?

Manuel Alegre — A democracia em Portugal, na perspectiva do socialismo, exige aqui um estado sólido. O Estado português foi desagregado. Foi desagregado ou demitiu-se, ou pelo menos os órgãos responsáveis ou irresponsáveis em determinado momento demitiram-se de exercer as suas funções. Ora não pode aqui haver democracia nem socialismo sem um estado sólido.

Esta é uma das tarefas prioritárias, a construção de um estado numa perspectiva democrática. E o Estado que tem que reprimir o terrorismo. E tem que ter meios para o fazer, porque o Estado neste momento não está operacional.

Reprimir o terrorismo não é uma tarefa das Forças Armadas; é uma tarefa das forças de segurança. Um Estado tem que ter a sua segurança própria. Não se trata de reconstituir polícias políticas, como parece que certas forças políticas aqui já quiseram fazer.

«D. L.» — Que medidas deveriam ser tomadas contra o terrorismo?

Manuel Alegre — O terrorismo é sempre difícil de combater. O terrorismo tem normalmente origens de carácter económico e social e surge em períodos de perturbação. Eu penso que a batalha contra o terrorismo se ganha no plano político, e na resolução dos problemas económicos e sociais. É uma batalha sobretudo de estabilização da situação política portuguesa.

É preciso marginalizar cada vez mais o terrorismo, ou as forças políticas que podem estar detrás do terrorismo. A grande vitória sobre o terrorismo, embora eu pense que devem igualmente ser tomadas medidas de carácter policial, tem que ser uma vitória política, pela consolidação da democracia e pela estabilização da situação política. Se se degrada a situação económica; se se degradam os conflitos sociais; se se acentua a instabilidade política, o terreno está cada vez mais propício ao terrorismo, de um lado ou de outro.

O combate ao terrorismo desenvolve-se, portanto, em dois planos: o estritamente policial, isto é, os autores dos atentados têm que ser detidos, tem que haver investigações consequentes, os responsáveis têm que ser detidos e punidos exemplarmente; mas há sobretudo a batalha no plano político entre a resolução dos problemas fundamentais, dos problemas imediatos e medidas que estabilizem a situação.

«D. L.» — Não é de certo modo curioso que até hoje não haja conhecimento dos inquéritos feitos a essas actividades, nem que os seus responsáveis hajam sido presos, nem que as suas estruturas clandestinas hajam sido desmanteladas, em parte pelo menos?

Manuel Alegre — Os inquéritos, numa fase como esta, estão ligados normalmente à situação política em geral, e se fossemos levar até ao fim todos os inquéritos que foram começados, isso poderia colocar problemas graves à sociedade portuguesa. Isto quer no que se refere aos acontecimentos do 11 de Março como, por exemplo, do 25 de Novembro. Eu creio é que o Estado não tem tido a operacionalidade necessária para combater o terrorismo.

Estamos numa fase de transição: não há meios eficazes, não há, talvez, uma grande convicção, nem directrizes muito claras, porque a situação tem sido extremamente instável e tem mudado com frequência, e as próprias forças de segurança sentem-se perturbadas e inseguras, e por vezes com pouca confiança em si próprias. É também um problema político, um problema de vontade política e de decisão de acabar com o terrorismo.

Salgado Zenha:

«DL» — O que pensa do surto terrorista que se tem vindo a desenvolver no nosso país?

Zenha — Conforme já tive oportunidade de explicar, em várias intervenções minhas na vida pública, não pode haver uma política democrática e de defesa das classes trabalhadoras, sem uma autoridade democrática. Naturalmente que a inexistência de uma autoridade democrática é um dos principais aliados das forças da direita, e em última análise a inexistência de uma autoridade democrática só beneficia as forças da direita. Portanto, penso que terá que se instituir uma autoridade democrática que ponha cobro a todas as violações da legalidade democrática, sejam elas quais forem.

«DL» — As actividades terroristas prosseguem, e estenderam-se entretanto a regiões onde não se fizeram notar até ao 25 de Novembro. Que pensa sobre isto e que política seguirá o PS relativamente às organizações fascistas?

Zenha — O Partido Socialista já teve oportunidade, por diversas vezes, de condenar os actos terroristas, e agora particularmente nós entendemos, e já tivemos oportunidade de o dizer através de comunicados, que estes actos terroristas, como o perpetrado contra a embaixada de Cuba, visavam criar um clima de instabilidade e de ameaça pré-eleitoral. Nós pensamos que isso pode ser uma das armas que as organizações da direita poderão procurar empregar com intensidade se virem goradas as suas perspectivas eleitorais e pós-eleitorais. Mas se isso vier a acontecer, encontrar-se-ão limitadas, pois essa actividade levará também ao fortalecimento geral, à escala do País, do conjunto do povo trabalhador, da classe trabalhadora, o que isolará ainda mais as organizações terroristas, embora nós pensemos, evidentemente, que terão de ser tomadas medidas drásticas contra o terrorismo. É claro que isso compete mais às autoridades militares, do que às autoridades civis.

«DL» — Em que medida é que as massas populares poderiam, quanto a si, colaborar numa acção de vigilância antiterrorista?

Zenha — Creio que essa vigilância se virá a desencadear por parte da classe trabalhadora no seu conjunto, nas próprias organizações sindicais, que haverá essa vigilância e que, por outro lado, isso provocará um maior isolamento das organizações terroristas, o que lhes provocará um certo desespero. É possível que esse desespero possa acentuar acções desse tipo; mas penso também que haverá uma reacção extremamente violenta da parte do povo português, dos trabalhadores em geral, que sentem que necessitam neste momento de estabilidade para as tarefas que se lhes põem na reconstrução do País.

As reacções violentas da população face ao terrorismo obrigarão, naturalmente, também o nosso partido, que vai constituir Governo, a tomar medidas políticas eficazes, além das medidas específicas na matéria que compete às autoridades militares e militarizadas, que possam pôr termo a essas actividades. Mas isto deverá ser encarado em função do próprio desenvolvimento da situação e perante os casos concretos que vierem a surgir.

Jorge Campinos:

«D.L.» — Gostaria que nos dissesse, Jorge Campinos, o que pensa da campanha terrorista que, quer nos Açores e na Madeira, quer no Continente, se desenvolve há vários meses?

Jorge Campinos — Isso é um assunto muito sério, e um assunto muito grave, dada a quantidade de actos terroristas que estão a ter lugar no nosso país. Na sua origem estão forças, necessariamente minoritárias, que perderam do ponto de vista democrático e que, consequentemente, utilizam esses métodos terroristas para manifestar a sua presença e, sobretudo, dificultar o desenvolvimento normal da democracia em Portugal.

Todo e qualquer Estado, independentemente da sua organização interna, tem por dever e obrigação desenvolver as forças policiais ou outras para travar esses acontecimentos.

O Partido Socialista, no seu programa, propõe toda uma série de medidas concretas no que respeita à reorganização da Polícia Judiciária, no que respeita ao poder judicial e no que respeita à segurança pública.

Creio que nós devemos ter uma política de prevenção desses actos e um a política de repressão, respeitando os direitos do homem, os direitos do cidadão, mas reprimindo esses actos. Não se pode passar, nenhum Estado pode passar, nenhum poder político pode dispensar essa política de repressão.

Temos que assumir as nossas responsabilidades. Nós somos pela liberdade, mas a liberdade não pode ser aplicada aos nimigos directos dessa liberdade, quando eles acabam mesmo de ter a oportunidade que as eleições lhes permite livremente.

Por outro lado, esses indivíduos, extremamente minoritários, querem dificultar as nossas relações com outros países, e foi por isso que houve esse atentado à Embaixada de Cuba. É um atentado particularmente grave no direito diplomático, ou na prática diplomática internacional. Uma embaixada é um lugar que não se ataca, que não se toca, que tem um estatuto privilegiado, desde há séculos, e, consequentemente, não se toca nesses locais.

Não há dúvida de que querem dificultar as nossas relações com os países de Leste. E não são só esses grupos minoritários violentos que têm esse objectivo: partidos há, conservadores, que também querem dificultar essas relações, mas não o conseguem. Devo dizer que essas relações são vitais para a nossa economia, e sobretudo quando se é português e se quer praticar uma política de independência nacional e uma política de aproximação dos povos.

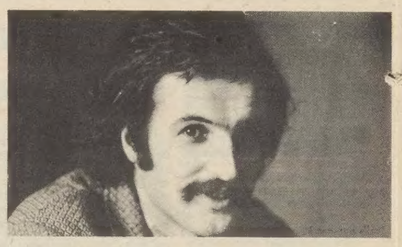
Consequentemente, penso que todas as autoridades, a começar pelo Conselho da Revolução, passando pelo Governo e por todas as autoridades intermédias têm que praticar uma política severa de prevenção e de repressão e que, como em todo e qualquer Estado, tem que haver tribunais que possam agir, rapidamente, para sancionar e aplicar as penas merecidas pelos autores desses atentados, que não são atentados políticos, mas, a meu ver, atentados pura e simplesmente de direito comum e, como tal deverão ser condenados.

«D.L.» — Pensa que a simples acção das forças militares e militarizadas será suficiente para fazer frente com êxito à campanha terrorista? A participação das massas trabalhadoras e de todos os progressistas não será necessária?

Jorge Campinos — Para esse género de política de prevenção, toda e qualquer participação é absolutamente necessária. Nenhum Estado pode ter forças policiais para tudo controlar. Mas o que é necessário é criar uma consciência colectiva democrática, que expulse esse tipo de actos, e é essa violência que nós vamos estabelecer a médio e a longo prazo. É um dos nosso objectivos primordiais.

«D.L.» — Mas, no imediato?

Jorge Campinos — No imediato, todos nós progressistas, partidos políticos e trabalhadores, todo o Povo português, deve condenar esse tipo de actos, como deve colaborar, na medida do possível, com todas as forças, para ver se paralisamos essa vaga terrorista que, por vezes, em certas regiões do País, é particularmente grave. Mas isto não quer dizer que nós sejamos favoráveis, como sabe, à instituição de políticas privadas, ou de milícias privadas. Esse assunto foi muito debatido, nos últimos meses, em Portugal, e nós condenamos abertamente, como condenaremos, esse tipo de polícias.



ALBERTO ARONS DE CARVALHO:

"Uma transformação como a que houve em Portugal origina de certa forma o fenómeno das bombas"

MANUEL ALEGRE:

"A batalha contra o terrorismo ganha-se no plano político"

SALGADO ZENHA:

"Terão de ser tomadas medidas drásticas contra o terrorismo"

JORGE CAMPINOS:

"Somos pela liberdade, mas a liberdade não pode ser aplicada aos inimigos da liberdade"

Declarações recolhidas por J. CÂNDIDO DE AZEVEDO

DEMOCRACIA AMEAÇADA PELO TERRORISMO

4

Mas é óbvio que eu, cidadão, se tiver conhecimento de um acto desse tipo a ser praticado dentro das próximas horas, ou dentro dos próximos dias, tenho como obrigação, dever, porque sou cidadão e democrata, de prevenir as autoridades competentes. Isso é óbvio. Mas não vejo como se pode organizar uma participação directa de milícias populares, que nós condenamos, ou de forças populares para atentar contra esses atentados. Isso é praticamente impossível e mais vale quanto a mim, por um lado, reforçar o aparelho policial existente, e, por outro lado, a médio e longo prazo, isolar essas minorias.

A experiência histórica prova que essas minorias não se podem desenvolver como peixe na água. Têm que encontrar um ambiente, um contexto que lhes seja favorável. Essas minorias acabarão por se devorar a elas próprias, por falta de implantação nas massas populares. Os problemas pessoais vão ser cada vez mais agudos, e os problemas políticos também. Essas minorias vão desaparecer em virtude de uma vivência democrática de todo o nosso povo. Mas, para já, temos que tomar uma série de precauções.

«D.L.» — Eu também acrescentaria, relativamente à experiência da história a que se referiu há pouco, que à medida que essas minorias se vão autodestruindo se tornam extraordinariamente perigosas, entrando frequentemente no campo do terrorismo de massa, nos atentados extremamente mortíferos.

Jorge Campinos — A experiência prova que podem encaminhar-se para essa orientação. Mas a experiência prova também que, quando não há apoio popular, essas forças não duram, não duram necessariamente muitos meses, antes pelo contrário. E até lá podem cometer actos de uma extrema gravidade. O atentado contra a Embaixada de Cuba é, do ponto de vista político, um acto de extrema gravidade, como foi no passado o acto contra a Embaixada de Espanha.

Mas nós, socialistas, pensamos que é nos momentos de degradação do poder político, e na inexperiência na realidade de um verdadeiro poder político, que essas forças tendem a desenvolver-se. Ora o que é que se está a passar em Portugal?

Em Portugal está a passar-se precisamente um momento de consolidação do poder político, do aparelho de Estado. Já não estamos a viver aquele período de decadência que nos conhecemos o ano passado, por exemplo. Não é tanto de decadência, é de desintegração das forças políticas, das Forças Armadas, da própria Polícia e dos Tribunais. Não havia autoridade no nosso país.

Nós vamos para uma consolidação da autoridade. Essa consolidação da autoridade tem, pelo menos, um efeito muito grande, um efeito preventivo. Uma pessoa não se sente àvontade para cometer actos que são abertamente contrários à lei ou à democracia. E isso já está a existir no nosso país.

«D. L.» — Falou há pouco de desintegração das forças políticas, das Forças Armadas, da Polícia e dos Tribunais. Mas a questão que se põe, ou poderá pôr, é a seguinte: em que medida é que essa desintegração não foi até certo ponto necessária, como consequência da luta entre o velho e o novo, entre estruturas demasiado ligadas ao passado e outras que se criavam mais de acordo com o período que atravessamos e o futuro que desejamos?

Jorge Campinos — A sua intervenção põe o problema em termos voluntaristas. Assim, tratar-se-ia de algo que era necessário. A vivência destes últimos meses, dos últimos dois anos, coloca-se numa dinâmica que foi muito mais rápida que a própria vontade do homem e da própria capacidade de domínio dessa orientação pelas forças políticas partidárias e pelas Forças Armadas. Consequentemente, falo, e penso que bem, de uma desintegração que foi um instrumento deste ou daquele partido político, que foi uma dinâmica de toda a sociedade que não foi dominada ou canalizada por este ou aquele partido político. Consequentemente, assistimos bem a uma desintegração das Forças Armadas. Penso nos feudos que se constituíram do ponto de vista militar. Falo bem em feudos. Havia uma espécie de regresso ao sistema medieval. O nosso Estado, como entidade histórica e política da organização digamos de uma classe determinada, se quiser, esteve em perigo. Mas essa desintegração não era necessariamente favorável a todos aqueles que queriam modificar as estruturas desse mesmo Estado. Poderia ser favorável precisamente a forças inversas. E é por isso que existia uma verdadeira desintegração. Digamos que os dois grandes blocos da sociedade, as classes trabalhadoras, por um lado, e a minoria conservadora, por outro lado, não estavam nem um, nem outro, em condições para aceder ao poder político.

Primeiro, porque as classes trabalhadoras estavam divididas por vários partidos que as representavam. Estavam divididas e não havia uma plataforma comum, nem um projecto comum. E ninguém sabia bem qual era a saída para essa situação.

Em segundo lugar, porque as forças que tinham sido derrotadas estavam completamente desorganizadas e tinham perdido os dois poderes essenciais: o financeiro e o Exército, as Forças Armadas. Por isso não estavam em condições de chegar ao Poder. A situação era de desintegração quase total. Imagine a situação de um Governo cercado pelos inválidos das Forças Armadas que não encontrava dez homens das Forças Armadas para o vir libertar. Foi essa situação. Levou horas e horas para encontrar dez, doze ou quinze soldados e um oficial para os vir libertar. Já não existia o Governo. E quando não há Governo, já nem é anarquia, é um estado quase total de desintegração da sociedade. Estávamos em perigo, nesse momento, de uma reacção chilena.

«D.L.» — Por numerosas notícias que a Imprensa tem publicado, conclui-se que as autoridades policiais e militares têm informações concretas inclusivamente fornecidas por partidos de esquerda, sobre indivíduos ligados às actividades da direita terrorista. Também têm detectado casas onde se armazenavam ou fabricavam engenhos explosivos, e preso em certos casos indivíduos inequivocamente implicados nesta actividade terrorista. Como é que se justifica que nada haja sido feito para desmantelar as redes terroristas?

Jorge Campinos — Isso não se justifica. Isso condena-se. Isso é um acto particularmente grave. Eu devo dizer que, pessoalmente, nem eu nem os meus colegas do Partido Socialista estão ao corrente desses casos concretos. Mas, se eles são verdade, eu creio que se deveria prevenir o próprio Governo. Não só as autoridades que foram contactadas mas também o próprio Governo, por intermédio dos serviços competentes do Primeiro-Ministro. E eu gostaria, pessoalmente, e estou convencido que todos os meus colegas socialistas do Governo, de ter conhecimento disso, para eu próprio me informar, assim como os meus colegas, da situação, da razão de ser dessa situação.

A obrigação de toda e qualquer autoridade militar ou não, no nosso país, é de cumprir as leis e de sancionar todos os actos contrários à lei. Temos um aparelho de Justiça. Consequentemente, essas pessoas que foram apanhadas, e segundo o que conta, em flagrante delito, já deveriam ter sido julgadas e deveria ter sido aplicada a sanção, a pena prevista pela lei. Ora para evitar situações destas, há um caminho muito fácil: é a denúncia nos órgãos de informação, mas sobretudo aproveitar a existência de um Governo que tem partidos democráticos no seu seio. Eu gostaria, como ministro e como representante do meu partido, de ser informado. Estou certo que o Salgado Zenha, o Walter Rosa e o Lopes Cardoso tomariam a mesma atitude. Por isso lhe digo: enviem essas informações para o Conselho de Ministros. Nós gostaríamos, nós Governo, de ser informados através dos serviços do Primeiro-Ministro, do ministro da Administração Interna e do ministro da Justiça, sobre esses acontecimentos. E esses ministros citados dar-nos-ão toda a colaboração, estou absolutamente certo.

CURSOS DE VERÃO
EXAMES 3.ª ÉPOCA — SETEMBRO
INÍCIO EM JULHO
EXTERNATOS
Marquês de Pombal — Rua Morais Soares, 93 — Tel. 82 02 21/83 46 58
Álvares Cabral — Avenida Grão Vasco, 1 (Benfica) — T. 70 69 74/5
PREPARATÓRIO - LICEAL
(GERAL E COMPLEMENTAR)
ADM. UNIVERSIDADE
(EXAMES «AD HOC» — Maiores de 25 anos

LONDRES
Férias e Negócios
Viagens económicas • Serviços de qualidade
Partidas TODAS as QUINTAS e DOMINGOS de Maio a Outubro
Desde 4.650$
• Fim-de-semana - 4 dias
• Mini-semana - 5 dias
• Maxi-semana - 8 dias
Avião + Hotel c/ banho + Visita Cidade + Transportes + Assistência
Inglaterra e Escócia
8 ou 15 dias — Partidas diversas de Junho a Setembro
PROGRAMAS • RESERVAS
VIAGENS RAWES
Lisboa-Correspondência R. Bernardino Costa, 47 Expediente Trav. do Corpo Santo, 15 Tel. 370231
Faro-Rua Conselheiro Bivar, 72 Tel. 23195/6

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS SINDICATOS METALÚRGICOS

METALURGIA E METALOMECÂNICA

Contrato Colectivo Vertical Nacional

ANTE-PROJECTO DE CLAUSULADO PARA REVISÃO
DA PORTARIA DE 30 DE AGOSTO DE 1975

PARA ALÉM DOS PLENÁRIOS DE EMPRESA, PLENÁRIOS DE DELEGADOS SINDICAIS E PLENÁRIOS DE ZONA QUE OS SINDICATOS METALÚRGICOS TÊM PROMOVIDO POR TODO O PAÍS, TERÃO LUGAR AS SEGUINTES ASSEMBLEIAS:

MAPA DE ASSEMBLEIAS

PARA ANÁLISE E DISCUSSÃO DO ANTE-PROJECTO

SINDICATO	DIA	HORA	LOCAL DA ASSEMBLEIA
AVEIRO	21 Junho	21 Horas	RIOMEÃO — Sede do Sindicato
BRAGA	19 Junho	9 Horas	BRAGA — Inatel
BRAGANÇA	21 Junho	15 Horas	BRAGANÇA — Sede do Sindicato
COIMBRA	21 Junho	18.30 Horas	COIMBRA — Inatel
CAST. BRANCO	21 Junho	21 Horas	CASTELO BRANCO — Centro Artístico Albicastrense
ALENTEJO	21 Junho	18.30 Horas	VENDAS NOVAS
FARO	21 Junho	21 Horas	FARO — Junta Distrital
FUNCHAL	21 Junho	20 Horas	FUNCHAL — Caixa de Previdência
GUARDA	25 Junho	21 Horas	GUARDA — Inatel
LEIRIA	21 Junho	21 Horas	VIEIRA DE LEIRIA
LISBOA	21 Junho	21 Horas	LISBOA (Sacavém) — Pavilhão Gimnodesportivo
PORTALEGRE	24 Junho	21 Horas	PORTALEGRE
PORTO	21 Junho	21.30 Horas	PORTO — Inatel
SANTARÉM	26 Junho	16 Horas	SANTARÉM — Casa do Campino
SETÚBAL	23 Junho	15 Horas	SETÚBAL — Inatel
VIA. DO CASTELO	19 Junho	9.30 Horas	VIANA DO CASTELO — Sede do Sindicato
VISEU	21 Junho	21 Horas	VISEU — Auditório da Feira de S. Mateus

TODOS ÀS ASSEMBLEIAS

UM SÓ CONTRATO! UMA SÓ LUTA!

CONTRATO COLECTIVO VERTICAL NACIONAL

A LUTA CONTINUA

UNIDOS VENCEREMOS!

O SECRETARIADO

Estrangeiro

ELEIÇÕES EM ITÁLIA

As constantes clássicas voltarão a verificar-se

(mas talvez o P.S.I. se engane)

Juan Manuel Francia

ROMA (IPS) — Os dois maiores partidos italianos — Democracia Cristã (DC) e Partido Comunista (PCI) — têm tido durante o período eleitoral, uma constante cada um: a DC parte muito debilitada e recupera pouco a pouco porque recupera os votos dos que receiam mudanças; o PCI arranca dando a impressão de capacidade arrasante, mas logo os ânimos se acalmam e os números expressam a verdadeira temperatura das massas italianas.

Desde 1972, ano da última eleição legislativa, a DC tem revelado outra constante, a de reduzir pouco a pouco a sua percentagem eleitoral: 38,75 por cento naquela altura, 38,5 na consulta administrativo regional de 1975 e, segundo as previsões do Instituto «Demoskopea», 34 por cento no próximo domingo.

O PCI tem fama de ser um partido de mãos limpas. Por isso, nos últimos trinta anos, cresceu sempre nas eleições administrativas que não decidem a composição do Parlamento nem do governo e, em relação a elas, desceu um pouco nas consultas legislativas.

Os cáculos de «Demoskopea» indicam que, no próximo fim-de-semana, os comunistas saltarão também essa vala e atingirão o nível de 33 por cento, o que significaria um crescimento, nestas eleições legislativas, de 0,6 por cento em relação aos números das legislativas de 75.

Se tais cálculos se verificarem nas urnas, cabe fazer as seguintes observações: a) os que no ano passado deram o seu voto a um partido de mãos limpas, este ano não retrocederam, no quarto escuro, perante o receio dos comunistas no governo; b) com um padrão de 40 milhões de eleitores, 1 por cento de diferença significa apenas 400 mil votos, número que indicaria a existência de dois partidos da mesma envergadura; c) em tais condições voltaria a ser decisiva a atitude do Partido Socialista, a que as referidas sondagens atribuem 12 por cento (12,1 nas administrativas de 1975 e 9,66 por cento nas legislativas de 1972).

Por isso os socialistas, pelo menos o seu secretário Francesco de Martinho, parecem ter posto de lado a hipótese de um governo que seria uma «alternativa de esquerda» e voltam a considerar, para o «dopo» eleições, um entendimento com a Democracia Cristã, sem relegar os comunistas para a oposição.

De Martino crê, que será possível que o PCI aceite sentar-se na bancada da maioria do Parlamento, sem exigir cargos ministeriais.

Em teoria é perfeito um bicolor CD-PSI, mantendo uma maioria nas Câmaras que seria a expressão de 82 por cento de 40 milhões de italianos — ou seja os 11/12 milhões de eleitores comunistas poderiam sentir-se molestados e que a grande habilidade das diferentes direcções que o PCI tem tido consiste em nunca haver contrariado o estado de ânimo da sua base de apoio.

PORTUGAL na «National Plastics Exposition» CHICAGO, 6-10.12.76

Consciente da importância e projecção do «**National Plastics Exposition**» decidiu o Fundo de Fomento de Exportação levar a efeito a organização duma representação a nível nacional no referido certame, que se realizará em Chicago de 6 a 10 de Dezembro próximo.

Esta exposição de realização trienal é considerada como uma das Feiras mais importantes que se realiza no mundo, no domínio dos plásticos e dos químicos.

A representação nacional portuguesa terá lugar no sector dos moldes para a indústria dos plásticos.

Todas as firmas nacionais interessadas em estar presentes nesta representação oficial deverão contactar até ao próximo dia 28 de Junho a

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE FEIRAS E EXPOSIÇÕES
Avenida 5 de Outubro, 101 — Lisboa
Telefones 77 77 72 ou 77 77 68

Estrangeiro

CERCA DE CEM MORTOS

Os piores tumultos raciais na África do Sul

JOANESBURGO, 19 — (R.) — Reforços da Polícia, bem armados, patrulham hoje as localidades africanas, que cercam, Joanesburgo numa tentativa para sufocar o pior caso de violência racial na história da África do Sul.

O comandante da Polícia de Joanesburgo, brigadeiro J. Visser, declarou ontem: «A partir de hoje, empregaremos medidas mais duras». Contudo, mais tarde, admitiu: «A situação é três vezes pior do que quando as desordens começaram na quarta-feira».

O balanço trágico conhecido era de cerca de 100 mortos, havendo muito mais de mil feridos. Quase todas as vítimas da onda de violência eram negros, abatidos a tiro pela Polícia ou feridos durante lutas entre quadrilhas, que surgiram acompanhando os tumultos.

As localidades africanas acham-se em grande agitação. Grupos de saqueadores negros percorrem as ruas apedrejando e gritando insultos a guardas da Polícia de choque, pretos e brancos, armados com metralhadoras «sten» e pistolas automáticas. Barreiras nas estradas, erigidas pela Polícia, mantinham os desordeiros longe das áreas habitadas por brancos.

Nas localidades mais afectadas, Soweto, a Sudoeste de Joanesburgo, e Alexandra, a Nordeste, quase todo o edifício municipal foi destruído por incêndios devido à sanha dos negros contra tudo relacionado com a autoridade dos brancos.

O primeiro-ministro John Vorster, falando ontem, à noite na televisão, lançou um apelo aos brancos para não entrarem em pânico. «Não seremos intimidados e manteremos a lei e a ordem a todo o custo» declarou.

Vorster dissera antes no Parlamento que a violência negra não era espontânea, mas «uma tentativa determinada para causar pânico e uma polarização entre negros e brancos».

O «Rand Daily Mail» afirma hoje num editorial que a advertência de Vorster quanto à lei e à ordem levantava «a possibilidade de acção tão feroz que uma pessoa treme só ao pensar onde ela poderá conduzir ou sobre quais serão as suas consequências em termos de vidas humanas e de ódio racial».

A Polícia impôs a censura no que se refere a números de vítimas. O seu último boletim dizia que 60 pessoas, tinham perdido a vida e que mais de 800 ficaram feridas, mas notícias posteriores das localidades indicavam o balanço trágico como sendo de cerca de 100 mortos.

O caso mais sério de violência racial, registado antes na África do Sul, ocorreu em 1960 quando do massacre de Sharpeville em que a Polícia abateu a tiro 69 manifestantes negros.

Os motins desta semana começaram na quarta-feira, quando a Polícia abriu fogo em Soweto numa tentativa para controlar uma multidão de estudantes africanos manifestando-se contra o facto de serem obrigados a aprender «afrikan» que consideram como o idioma do «apartheid» e do domínio branco.

O primeiro sinal de qualquer concessão por parte do Governo registou-se ontem, a noite, quando Michael Botha, ministro da Educação Bantu (Africana), disse que concordava, em princípio em se encontrar com dirigentes negros em Soweto, embora não indicasse quando ou onde o encontro se efectuaria.

O Conselho Sul-Africano das Igrejas pediu a Vorster para adiar a sua viagem para se avistar com o secretário norte-americano de Estado, Henry Kissinger, na República Federal Alemã, na próxima semana, «como sinal de gravidade da situação...e de simpatia por aqueles que têm sofrido devido aos motins».

Vorster afirmara antes no Parlamento: «Embora seja importante o meu encontro com o secretário norte-americano de Estado, a manutenção da lei e da ordem na África do Sul é muito mais importante».

AMANHÃ E SEGUNDA-FEIRA

Eleições cruciais em Itália

ROMA, 19 — (R.) — Terminou à meia-noite a campanha para as eleições gerais mais cruciais da Itália, desde a Segunda Guerra Mundial pois os seus resultados poderão traduzir-se na entrada dos comunistas para o Poder. Os italianos vão às urnas amanhã e depois de amanhã.

Como sucedeu durante toda a campanha, o dia de ontem foi assinalado pelas acusações que os dois maiores partidos — o da Democracia Cristã e o P. C. — fizeram um ao outro.

Ataques muito violentos contra o partido adversário caracterizaram os dois gigantescos comícios com que os democratas-cristãos e os comunistas encerraram a campanha, ontem à noite, em Roma.

Num comício, com a presença de mais de 50 mil pessoas, realizado na zona Sul desta capital, o secretário-geral do P. C. I., Enrico Berlinguer, descreveu a D. C. como um partido falido e afirmou que, no caso de os democratas-cristãos ganharem as eleições a Itália continuará a ser um país sem Governo.

Por seu turno, no comício do seu partido, o democrata-cristão e antigo primeiro-ministro, Giulio Andreotti, declarou que «as tentativas do P. C. I. para se fazer passar por coisa diferente do que era dantes, são uma armadilha estendida ao eleitorado, na qual este não deve cair». O comício da D. C. teve a participação de 15 mil pessoas.

Berlinguer acusou o presidente do Partido da Democracia Cristã, Amintore Fanfani, de «admirador obsequioso do regime fascista» e preveniu os simpatizantes comunistas para estarem de sobreaviso contra as «maquinações subversivas dos seus inimigos nos próximos dois dias». O secretário-geral do P.C.I. voltou a pedir a demissão do actual ministro dos Negócios Estrangeiros, Mariano Rumor, suspeito de envolvimento do escândalo Lockheed, quando foi primeiro-ministro.

Entretanto, o Vaticano mais uma vez interferiu na campanha. O seu semanário «Osservatore della Domenica» escrevia ontem em editorial que não se pouparam esforços na campanha eleitoral para atacar a democracia cristã, abrindo assim caminho ao comunismo.

Declarava que uma ofensiva lançada de todos os quadrantes se concentrou sobre o partido no Governo, o único obstáculo à subida dos comunistas ao Poder. Os ataques foram comandados pelo Partido Comunista, apoiado por alguns católicos «independentes» — acusava numa referência a um grupo de intelectuais destacados que se candidatam pelas listas do P. C. I. às eleições de amanhã.

«Os que estão a enfraquecer os democratas-cristãos concorrem para o advento do comunismo» — advertia.

Nunca umas eleições italianas se mostraram de resultados tão imprevisíveis. Se é certo que o ascenso do P. C. I. parece imparável, certo é também que a violenta campanha anticomunista levada a cabo pela D. C., as ingerências do Vaticano e outros factores poderão levar ao retraimento do eleitorado.

Quadro geral do escrutínio

Votantes: 40 871 493 italianos, com mais de 18 anos, sendo 19 586 969 homens e 21 284 524 mulheres.

Quando votam: das 5 às 20 t.m.G. de domingo, 20 de Junho, e das 5 às 12 t.m.G. de segunda-feira dia 21 de Junho.

O escrutínio inicia-se após o encerramento das urnas, no dia 21.

Em disputa: 630 lugares da Câmara dos Deputados e 315 no Senado, incluindo sete senadores vitalícios.

Estarão também, em causa os representantes para os concelhos das cidades de Roma, Génova, e outras, além de 90 lugares para a Assembleia Regional da Cicília.

Para as eleições de senadores, somente maiores de 25 anos podem votar.

Concorrem os seguintes partidos: Partido Democrata Cristão (DC); Partido Comunista (PCI); Partido Socialista (PSI); Partido Socialista Democrático (PSDI); Partido Republicano (PRI); Partido Liberal(PLI); Movimento Social Italiano-Direita Nacional (MSI); Partido Radical (PR); Democracia Proletária (DP); Partido Popular do Tirol do Sul (Sud Tyroler Volkspartei — SVP).

— Resultados das eleições legislativas de 1972, para a Câmara dos Deputados:

Partidos	Votos	Percentagem	Lugares
D.C.	12 912 466	38,7	266
P.C.I.	9 068 961	27,1	179
P.S.I.	3 208 497	9,6	61
P.S.D.I.	1 718 142	5,1	29
P.R.I.	954 357	2,9	15
P.L.I.	1 296 977	3,9	20
M.S.I.	2 894 862	8,7	56
S.V.P.	153 674	0,5	3
DIVERSOS	544 886	1,6	1
Para o SENADO:			
D.C.	11 465 529	38,1	135
P.C.I.	8 573 862	28,4	95
P.S.I.	3 335 707	10,7	33
P.S.D.I.	1 613 810	5,4	11
P.R.I.	918 440	3	5
P.L.I.	1 316 172	4,4	8
M.S.I.	2 767 059	9,2	26
S.V.P.	113 452	0,4	2
DIVERSOS	120 376	0,4	

Resultados das eleições regionais de Junho de 1975:

Partidos	Votos	Percentagem
D.C.	12 547 480	35,5
P.C.I.	11 313 552	32
P.S.I.	4 235 416	12
P.S.D.I.	1 989 504	5,6
P.R.I.	1.160 967	3,3
P.L.I.	890 214	2,5
M.S.I.	2 403 930	6,8
D.P.	417 355	1,2
S.V.P.	132 185	0,4
DIVERSOS	229 018	0,7

Reunião de emergência do Conselho de Segurança

NAÇÕES UNIDAS (NOVA YORK), 19 — (R) — A Tanzânia declarou, às primeiras horas de hoje, numa sessão de emergência do Conselho de Segurança que a África do Sul enfrentava uma revolta de 10 milhões de negros que significaria o começo do fim do «apartheid».

Salim A. Salim, o embaixador da Tanzânia, advertiu de um «holocausto» e de uma ameaça directa à paz e segurança internacionais.

O embaixador foi um de três membros africanos que, agindo em nome do grupo africano de 47 nações, convocou o Conselho para uma sessão ontem, a altas horas da noite, a fim de apreciar o que a alínea da agenda oficial classificava como «mortes e violência pelo regime do «apartheid» na África do Sul em Soweto e outras áreas».

Com a efusão de sangue, que já causou mais de cem mortos e número superior a mil feridos, continuando aparentemente em várias localidades africanas, o Conselho adiou a sessão às 6 horas e 16 de hoje e marcou para as 16 desta tarde o recomeço do debate, a fim de se estudar uma resolução condenando energicamente a «violência maciça e mortes de africanos».

A resolução foi apresentada na sessão nocturna pelo Benin, Guyana, Líbia, Paquistão, Panamá, Roménia, Suécia e Tanzânia.

Estes países pretendiam que ela fosse aprovada imediatamente, mas as potências ocidentais, que têm o direito de veto, solicitaram tempo para comunicarem o texto aos seus Governos. Parece, porém, provável que, com possíveis revisões, os elementos principais da resolução sejam aprovados hoje.

O delegado soviético, Jacob Malik, acusou os sul-africanos de «crimes sangrentos e monstruosos» incluindo o assassínio de crianças a sangue frio.

A resolução perante o Conselho convidaria o organismo da O.N.U. a reafirmar que a política do «apartheid» «é um crime contra a consciência e dignidade da Humanidade e um perigo para a paz e segurança».

Convidaria também o Conselho a reconhecer «a legitimidade da luta do povo sul-africano para a eliminação do «apartheid» e da discriminação racial» e pediria ao Governo de Pretória para acabar urgentemente com a violência contra negros e para tomar medidas urgentes para eliminar o «apartheid».

Caleidoscópio

■ ESTOCOLMO, 19 — (R) — Com um fausto raras vezes visto na social-democracia sueca, celebra-se hoje, na histórica Storkyrka (Grande Igreja) de Estocolmo, o casamento do rei Carlos Gustavo, de 30 anos, com a plebeia Silvia Sommerlath, de 32 anos, a sua noiva alemã ocidental, que envergará um vestido Dior.

Embora as festividades tenham sido criticadas pela esquerda, uma onda de sentimento monárquico varreu a Suécia e os hotéis da capital têm todos os seus quartos reservados há meses.

■ PARIS, 19 — (R) — A popular revista semanal francesa «Paris-Match» foi ontem vendida ao grupo Hachette pelo editor Jean Prouvoust, de 91 anos, que já tinha vendido há um ano o quotidiano conservador «Le Figaro».

■ BERLIM-LESTE, 19 — FP) — Os dois guardas fronteiros alemães ocidentais presos há dias perto de Eschwege, pelas autoridades da RDA, foram libertados ontem de manhã e entregues às autoridades da RFA — anuncia a agência alemã oriental ADN.

■ PASADENA (Califórnia), 19 — (R) — A «Viking 1», a sonda espacial norte-americana não tripulada, entra hoje numa órbita em redor de Marte para se preparar para a aterragem no Planeta vermelho em 4 de Julho, à procura de vestígios de vida.

CTT

Correios e Telecomunicações de Portugal

NOVO VALE POSTAL NACIONAL

Os CTT informam os senhores utilizadores que a partir da semana com início em 14 de Junho entrou gradualmente em vigor, nas estações da CCP da Estremadura Provincial o novo sistema de emissão do Vale Postal Nacional.

Os impressos apropriados, bem como quaisquer outros esclarecimentos, podem ser solicitados em qualquer das estações dos CTT desta região.

Espectáculos

Paco Bandeira: a reabilitação?

PACO BANDEIRA:

Melhor canção política na Bulgária

Paco Bandeira, que representou Portugal com a canção «É por isso que eu vivo» no XII Festival Internacional Orfeu de Ouro da Bulgária, ganhou o prémio para a «melhor canção política».

Participaram 60 concorrentes de 40 países, entre os quais os conçonetistas Adamo, Gilbert Bécaud, Morandi, Ornella Vanoni, Udo Jurgens, Tony Christie, Endrigo, e outros nomes populares do mundo da canção.

Cerca de 200 milhões de pessoas assistiram à transmissão do «show» pela Intervisão.

Crítica de Cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

"Comissário da Luz" da R.P. Albânia

A Albânia era, até à data, o único país importante da Europa de que nenhum filme jamais franqueara a entrada nos **écrans** portugueses. Para quem não saiba, a Albânia é um pequeno e pobre território no sudeste do continente europeu com cerca de dois milhões de habitantes e que tem a particularidade de constituir o único estado que se reclama do maoismo na Europa.

Antes da libertação, datando do fim da última guerra, não existia na Albânia qualquer indústria de cinema e só em 1947 se rodou a primeira película, um documentário sobre a visita do Presidente Hoxha ao sul do seu país, realizada por Hamdiu.

Seria preciso esperar por 1954 para ver surgir a primeira longa-metragem alganesa, aliás realizada pelo soviético Yutkevitch.

É a partir de 1957 que uma regular produção se estabelece, centrada sobre os documentos e as actualidades, e lançando os primeiros filmes de longa-metragem e os primeiros realizadores albaneses.

Todas estas razões se acumulam como estímulo para a visão deste **Comissário da luz** que o Universal agora exibe, filme, ao que julgamos, datado de 1966 e realizado por Dhimiter Anagosti e Viktor Gjika, chegado até nós pela mão da Associação de Amizade Portugal-Albânia.

Abordando o tema de um guerrilheiro regressado à terra natal (uma pequena aldeia das montanhas) onde consegue levar a cabo a abertura de uma escola, que depois se multiplicam nas proximidades, **Comissário da luz** envereda por uma via sem grandes passos em frente mas também sem passos atrás.

Optando por uma estética próxima do neo-realismo italiano do pós-guerra, aqui e ali pontada por inegáveis influências do (melhor) cinema alemão e soviético, os realizadores deste filme optaram antes do mais por um enquadramento estético seguro e eficaz. Não é um cinema experimental (no sentido em que avance novas propostas estético-ideológicas) é, acima de tudo, uma demonstração honesta do caminho de um cinema cuja pobreza de meios não significa pobreza de intenções.

Conseguindo evitar o maniqueismo redutor, **Comissário da luz** é didáctico sem ser demagógico ou simplista, positivo sem ser unidireccional. Trata-se do realismo socialista onde as personagens não se esvaziam em apenas símbolos, onde o velho e o novo em combate generalizado têm o peso do quotidiano, quer dizer, onde a luta de classes não é um conceito abstrato ou maniqueu mas uma realidade com várias gradações e cambiantes que os realizadores nunca escamoteiam.

E se desejariamos ver a Albânia socialista enveredar por um cinema que rasgasse os modelos existentes, nem por isso este filme deixa de constituir uma agradável demonstração de como o cinema albanês procura, fora do grande triângulo Hollywood-Mosfilm-Cinecittà, um caminho divergente que, se não ainda um doc dois, três, muitos Vietnames de que falava Godard, pelo menos já uma sólida esperança, que gostaríamos de ver confirmar. Que venham, portanto, mais filmes albaneses.

PUB

Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgica e Metalo-Mecânica do Distrito de Lisboa

Av. C. Carlos I. 42, 2.º — LISBOA

CONVOCATÓRIA

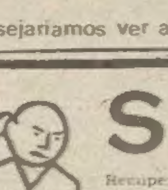
De harmonia com o artigo 33.º, alínea b) dos Estatutos, convoco todos os sócios do Sindicato para uma Assembleia Geral Extraordinária a realizar no próximo dia 21 de Junho (segunda-feira) pelas 20.30 horas, no Pavilhão Gimnodesportivo do Sport Grupo Sacavenense, na Estrada de Moscavide (Campo de Jogos do Sacavenense, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1 — **Discussão e votação do Anteprojecto de revisão da Portaria de Regulamentação de Trabalho para a Indústria Metalúrgica e Metalomecânica**
2 — Informações

Lisboa, 9 de Junho de 1976

O Presidente da Mesa
Raul José Marques Nunes Manquinho

Nota: É necessária a apresentação do cartão de sócio.
Os exemplares do anteprojecto encontram-se na sede do Sindicato para distribuição.



SURDEZ

Recupere a Sua audição com os modernos e garantidos aparelhos auditivos MYKROSON. Um modelo para cada caso de surdez. Consulte-nos sem compromisso.

MICROSOM — Organização especializada em prótese auditiva.

LISBOA: Av. Almirante Reis, 75-1.º Esq.
PORTO: Praça da Batalha, 3-4 — FARO: Rua Ivens, 24-26

SERRALHEIRO MECÂNICO

Precisa-se Serralheiro Mecânico com conhecimento de electricidade e de torneiro para fazer parte de equipa de manutenção de empresa em Lisboa com maquinaria muito diversificada. Obrigatoriedade de turnos rotativos.

Telefonar para 654634 (horas de expediente).

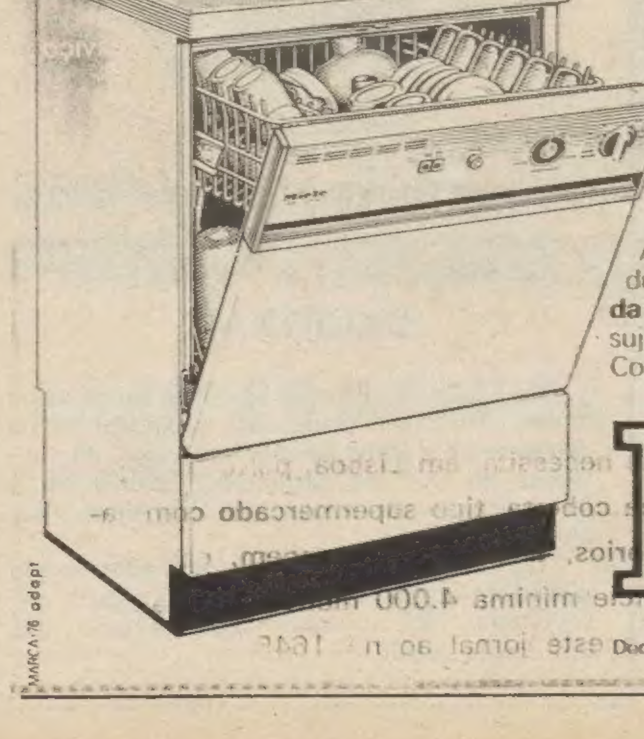
circuito dos 3 Alpes

uma excursão maravilhosa por um preço excepcional, visitando:
SUICA - AUSTRIA
ITALIA - FRANÇA - ESPANHA
AVIÃO ESPECIAL TAP + AUTOPULLMAN DE LUXO
PARTIDAS: 12 de Julho 14 de Setembro
15 DIAS DE VIAGEM 12.600$
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
fundada em 1840
LISBOA Av. da Liberdade, 160 • Telef. 320021
PORTO Av. dos Aliados, 207 • Telef. 37901
COIMBRA Rua da Sota, 2 • Telefs. 27011/2
FARO Rua Cons. Bivar, 65 • Telefs. 25035/6
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

LISBOA-PARIS

«À la carte»
Desde Esc.: 750$00 (*)
Partida em autocarro — Junho, 23
(*) Só um percurso — Lugares limitados
CONSULTE-NOS
CAPRISTANOS
Viagens e Turismo, S.A.R.L.
Av. Duque de Loulé, 47-A — LISBOA — Telef. 56 01 71

Não temos nada contra os homens que ajudam em casa...
...mas para lavar a louça
é simplesmente melhor uma Miele.



Uma máquina de lavar louça Miele poupa **tempo e dinheiro**: cerca de 45 dias inteiros de trabalho, de 8 horas, por ano — e as despesas com a água e a electricidade são menores do que lavando a louça à mão.
A máquina de lavar louça Miele é um produto da **técnica mais avançada!** Três braços de lavagem duplos garantem uma **lavagem perfeita**: o sistema Turbo-thermic assegura a completa **secagem da louça**; e o isolamento sonoro proporciona um **funcionamento silencioso.** E como pode arrumar a louça suja imediatamente na máquina, a sua cozinha tem sempre um aspecto impecável!
Consulte os Agentes Miele. Eles poderão ainda demonstrar-lhe como a máquina de lavar louça Miele, pelas suas características de economia e duração, não é um luxo, mas um bom investimento.

Miele

Documentação gratuita ao seu dispor. Peça à MILE PORTUGUESA, LDA. — R. Reinaldo Ferreira, 31-A/C — Lisboa 5

MARCA-76 adapt

Televisão

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

ODRINHAS EXTRAORDINÁRIAS E FOSQUINHAS REACCIONÁRIAS

Odrinhas. Fica a dois passos de Lisboa. Não sei se percebes do que estou a falar, leitor alfacinha. Se calhar, não. Se calhar, um dos teus sonhos é ir fora do país assistir às pegadas de afastadas civilizações. No entanto, tens aqui perto com que matar essa fome natural de cultura e nunca te lembraste disso. Pois. Santos de casa não fazem milagres. E também não se costuma falar muito desses milagres, infelizmente.

O programa dedicado à Odrinhas, ontem repetido, foi um bom convite à visita do museu. Programa longamente demorado sobre as pedras, a andar por elas, a sentir-lhes a dureza, a aspereza, a rugosidade, as cicatrizes, a memória. De onde em onde, a explicação que aponta para novos horizontes, para melhor entendimento dos materiais na sua relação com a sociedade: os túmulos destinados a pessoas com mais elevada posição social, por exemplo — a desmentir a noção de que a morte tudo nivela. Ou a preciosa colecção de mosaicos destruídos pelas recém-formadas comunidades cristãs que se recusavam a aceitar, até na morte, a presença de elementos pagãos. Oh, esse perigo chamado sectarismo...

Odrinhas. A dois passos de Lisboa, abaixo de Sintra. Também entre nós moram desconhecidos.

DINHEIRO? NÃO HÁ

Não houve o programa desportivo. Porquê? Bem, por motivo de força maior, que não diz nada e explica tudo. Força maior, acabou-se. Traduza cada qual como entender.

A substituir, também uma repetição: um documentário sobre a vida animal de um estuário, não me lembro qual, desculpem, na Inglaterra, coisa em grande, em bom, praí uns dez quilómetros quadrados de gaivotas, gansos, narcejas, etc., etc., só de aves pernaltas à volta de 160 mil, à procura de vermes.

A certa altura, o apontamento que poderá ter passado despercebido a muita gente. Assim: há o projecto para transformar o estuário num grande reservatório de água doce, reservatório esse que, só por si, resolveria o problema da maior parte do sudeste de Inglaterra. No entanto, tal plano corre o perigo de se não cumprir. Porquê? Muito simplesmente porque implica abrir os cordões à bolsa em não sei quantos milhões de libras...

Pode gastar-se dinheiro à labúrdia na repressão, na manutenção de polícias e exércitos. Importâncias astronómicas aplicam-se nos mais sofisticados engenhos de guerra. Centenas de milhares de parasitas gastam rios de dinheiro em suas fantasias.

E tudo isso está certo. Claro que depois não há massa para o bem-estar das populações. Seriam, na realidade, dinheiros mal empregados...

AS TAIS FOSQUINHAS

Telejornal. A pobreza profissional de um Viegas, e de um tal Seruca Salgado a dar tristíssima imagem (correctíssima imagem) do baixo nível a que desceu a Televisão Portuguesa. Também, que diabo, não se pode exigir tudo: a cumplicidade e a qualidade. As congeminações, os comentários nevoentos do Salgado face às violências nos regimes «democráticos» (as aspas são minhas) representam modelos primários de manipulação. Com mil demónios, meus senhores, sejam francos, digam que a Televisão defende uma determinada candidatura, digam-no caramba, digam-no pela pose conselheiral do Seruca, pela dicção entre dentes do Balsinhas, pelo trautear destrambelhado do Viegas, pela sonolência contagiosa do Veiga Pereira, mas digam, para quê esse armar aos cardos da independência e da isenção?

Já agora, que estamos com a mão na massa do *Telejornal*, vem a propósito referir três momentos do seu noticiário internacional praticado na vox melodioja de um xenhor xamado Helder de Xouja.

1 — «Graves distúrbios na África do Sul devidos à reivindicação de estudantes que degeneraram em cenas de racismo(!) e violência...» «As desordens nos bairros negros espalharam-se a outros bairros que circundam a cidade, levando a Polícia a proteger as áreas residenciais dos brancos...» «Incêndios provocados pelos manifestantes...» «Decisão das autoridades de manter a ordem(!) a todo o custo...» Vorster: «tentativa determinada para provocar o pânico e a polarização(!) entre negros e brancos...»

Leitor: na tua opinião, e com estes dados, para onde vai a simpatia informativa do Telejornal? Para os negros oprimidos ou para os brancos do «apartheid»?

2 — Fronteira Moçambique-Rodésia. «Infiltração de nacionalistas rodesianos com base em Moçambique...» «... três últimos ataques da Frelimo ao posto fronteiriço, levaram as forças rodesianas a acumular o seu poder bélico no dito posto...» «Pelo último comunicado da capital rodesiana foram mortos 24 guerrilheiros...»

Leitor: na tua opinião, e com estes dados, para onde pende a simpatia informativa do telejornal: para o regime fascista da Rodésia ou para a luta libertadora do seu povo que conta com a solidariedade de Moçambique?

3 — «Em Luanda, o acusador público pediu a pena de morte para os 13 homens presos pelo MPLA durante a última fase da guerra civil(!) em Angola...» «os advogados de defesa dos mercenários pediram para se poupar a vida dos seus constituintes considerando-os prisioneiros de guerra (!) e vítimas da sociedade (!) «o advogado americano afirmou que os réus americanos não dispararam um único tiro nos poucos dias em que estiveram ao serviço da FNLA(!)».

Leitor: na tua opinião, em estes dados, para onde pende a simpatia informativa do *Telejornal:* para o povo angolano ou para o imperialismo?

Responde, leitor: que o *Telejornal* é isento? Independente? Correcto? Ao serviço da boa informação do Povo português? Achas que a *Televisão* age dentro do espírito do 25 de Abril? Não achas que o Inverno já chegou ao *Telejornal?*

MÁRIO CASTRIM

P.S. — Os pontos de espantação são meus. O *Telejornal* não se espantou nada. — M.C.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

CONVOCATÓRIA

AOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO ABRANGIDOS PELO C.C.T. VERTICAL DA INDÚSTRIA METALÚRGICA E METALOMECÂNICA

Colegas:

Como deve ser do Vosso conhecimento, estão decorrendo os trabalhos para a revisão do clausurado e tabelas salariais da Portaria da Indústria Metalúrgica e Metalomecânica.

Assim, convocam-se todos os trabalhadores de escritório deste sector, para um Plenário a realizar no **dia 22.6.76, às 21 horas**, no Salão dos Bombeiros Lisbonenses, **Rua Camilo Castelo Branco, 33-1.º**, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

Ponto Único: Análise, discussão e aprovação do anteprojecto da Portaria das Indústrias Metalúrgica e Metalomecânica.

Lisboa, 14 de Junho de 1976

COMPARECE, A TUA PRESENÇA É INDISPENSÁVEL!

PARTICIPA NA RESOLUÇÃO DOS TEUS PROBLEMAS!

Pela **DIRECÇÃO**

Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil e Ofícios Correlativos do Distrito de Setúbal

CONVOCATÓRIA N.º 20/76

Dando cumprimento ao estabelecido no n.º 2 do Art.º 12.º do Decreto-Lei n.º 215-B, de 30 de Abril de 1975, convoco os trabalhadores associados deste Sindicato que exercem a sua actividade em empresas do sector mineiro localizadas no Distrito de Setúbal, para uma Assembleia Geral a realizar no próximo dia 14/6/76, pelas 17 horas e 30 minutos, nas instalações das Minas do Louzal, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

Ponto Único — Verticalização do Sector Mineiro (Integração dos Trabalhadores da Construção Civil no Sindicato dos Mineiros).

Setúbal, 28 de Maio de 1976.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Domingos Baião Pires

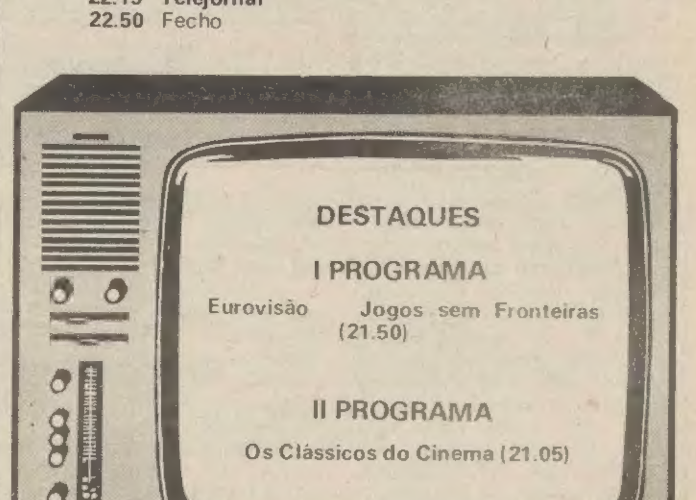
Hoje

I PROGRAMA

15.30 **«As Aventuras da Família Powenk»** — série filmada.
16.25 **Fungagá da Bicharada**
17.00 **Campeonato Nacional de Hoquei em Patins** — transmissão directa do Pavilhão da Juventude Salesiana do encontro Salesiana-Infante Sagres.
18.30 **Sinfonia n.º 5, op. 47, de Chostakovitch**
19.20 **Cinema de Animação** — apresentação de Vasco Granja.
19.50 **Esclarecimento Eleitoral**
19.55 **«Gente do Amanhã»** — série filmada.
20.30 **Telejornal** — 2.ª edição
21.00 **Campanha Eleitoral**
21.50 **Eurovisão** — Jogos sem Fronteiras
23.30 **Telejornal** — 3.ª edição
23.50 Fecho

II PROGRAMA

20.00 Abertura e **Sonata em Si Bemol Maior, KV 454 de Mozart** — pelo Duo Antonino David e Catherine Heinz. Realização de Victor Manuel.
20.20 **Retrospectiva**
20.40 **As Pedras e o Homem** — túmulos romanos.
21.05 **Os Clássicos do Cinema** — «Malmequer e Frei Bonifácio». Apresentação de Lauro António.
22.05 **Esclarecimento Eleitoral**
22.15 **Telejornal**
22.50 Fecho



Amanhã

I PROGRAMA

12.00: Abertura e Missa de Domingo; **12.45**: Barcos Rabelos; **13.10**: No Jardim Zoológico; **13.35**: Desenhos Animados; **14.00**: Telejornal — 1.ª edição; **14.15**: Campanha Eleitoral; **14.35**: «A Mala de Hamburgo» — série filmada; **15.35**: S. João — festas populares. Transmissão dos Estúdios do Porto; **16.00**: «As Aventuras de Robinson Crusoé»; **17.35**: Presença do Brasil; **17.55**: «Festival Wickie»; **18.45**: «Heidi» — desenhos animados; **19.15**: **TV Rural** — um programa apresentado pelo eng. Sousa Veloso; **20.00**: Campanha Eleitoral; **20.35**: Telejornal — 2.ª edição; **21.15**: Final da Taça da Europa das Nações de Futebol — Checoslováquia-Alemanha Federal, transmissão diferida de Belgrado. Comentários do enviado especial Nuno Brás; **23.20**: Telejornal — 3.ª edição; **23.40**: Fecho.

II PROGRAMA

20.00: Abertura e Foi Êxito na TV — «O Capitão Kloss» — série filmada de origem polaca; **21.00**: Jogos sem Fronteiras — jogos feitos em Nimes (França) num teatro romano; **22.30**: Telejornal; **23.00**: Cinema de Aminação — apresentação de Vasco Granja; **23.30**: Fecho.

FÉRIAS NA PRAIA
TORREMOLINOS
1 SEMANA
PARTIDAS:
Julho 4, 11, 18 e 25
Agosto 1, 8, 15, 22 e 29
Setembro 5 e 12
Preços excepcionais desde 2.500$
PROGRAMAS E INSCRIÇÕES
abreu
fundada em 1840
LISBOA, PORTO, COIMBRA, FARO
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 722786-834271
Avenida S. João de Deus, 13-B · Rua Macau, 8

PRECISA-SE

Organização industrial necessita, em Lisboa, perto do Príncipe Real, grande área coberta, tipo supermercado com capacidade para escritórios, armazéns e garagem, com andares ou não, superfície mínima 4.000 metros quadrados.

Resposta a este jornal ao n.º 1645

Desporto

Conhé, estreia infeliz: sem tocar na bola «come» um golo, apanha outro de um defesa e sofre terceiro perfeitamente defensável

SPORTING: 4.ª DERROTA

O Sporting perdeu ontem em Badajoz (3-2 com o Atlético de Bilbau) no seu primeiro encontro do torneio que está a disputar na cidade fronteiriça. Mas, se essa derrota nada tem de especial (é a quarta seguida na carreira desastrada do Sporting, neste final de época), já o mesmo não se poderá dizer da estreia de Conhé na baliza do seu novo patrão.

Com efeito, o guarda-redes que até aqui tem jogado na Cuf (e assinou recentemente contrato profissional com o Sporting) estreou-se no lugar deixado vago por Dâmas. E fê-lo com tanto azar que o seu primeiro toque na bola foi bem no fundo da baliza, logo no primeiro minuto, para a devolver ao centro do terreno, após o árbitro ter assinalado o primeiro golo de Bilbau. Mais ainda: estava-se a um minuto do intervalo (com empate a 1-1) quando o defesa central «leonino», José Mendes, tornou infrutíferos esforços do seu colega da baliza ao aplicar bela cabeçada para trás.

Em suma: só azares. Aliás, Conhé di-lo-ia em declarações depois do jogo. *Sinceramente não gostei nada de minha estreia, mesmo nada! Não fiz nada e sofri três golos!*. Pudera!

. O jogo efectuou-se no estádio «El Viveros, de Badajoz, arbitrado por Sanchez Ibanez. Equipas: *Atlético Bilbau:* Zaldua; Lasa, Artrain, Madariaga e Nunez; Garay Irureta e Zabalza; Dani, Carlos («cap.») e Rojo I.

Sporting: Conhé; Vitor Gomes, Laranjeira («cap.»), Mendes e Da Costa; Fraguito, Walter, Nélson e Baltasar (Manoel) Manuel Fernandes e Libânio.

Golos: 1-0 no primeiro minuto, por Dani; 1-1, aos sete minutos, por Libânio; 2-1, por José Mendes, na própria rede, aos 44 minutos; 3-1, aos 62, por Dani; 3-2, aos 72, por Manuel Fernandes.

Esta noite, jogam Spartak de Moscovo e Salamanca. Quem perder defrontará, amanhã, o Sporting em jogo a contar para os 3.º e 4.º lugares.

FUTEBOL EM EBULIÇÃO

Peres Bandeira no Benfica

. .Peres Bandeira está firme na orgânica futebolística da Luz: para começar, pertencem-lhe já as funções que estavam, anteriormente, atribuídas a Fernando Cabrita. Assim, na Intertoto, o Belenenses será orientado por outro técnico, falando-se que poderá ser Carlos Silva (a concluir o contrato com o Atlético) ou, por cedência momentânea do Estoril Praia, o treinador António Medeiros.

EUROPEU

A República Federal Alemanhã e a Checoslováquia defrontam-se amanhã, pelas 20 e 15, em Belgrado, a final do Campeonato Europeu de Nações em jogo que a RTP transmite directamente.

PORTO

. Vital, dianteiro do Riopele, descoberto por Pedroto para a selecção de «esperanças», acompanhará o técnico na passagem para as Antas, tendo já firmado acordo com o F. C. Porto por duas temporadas.

MARÍTIMO

O Marítimo (Funchal) assegura bons reforços: depois do sportinguista Nelson, coube a vez ao ex-cufista Arnaldo e ao estorilista Norberto tomarem o rumo da Madeira.

CUBILLAS

Teófilo Juan Cubillas Arizaga revalidou, por mais uma temporada, a estadia ao serviço do F.C.Porto.

TRANSFERÊNCIAS

A documentação de tranferência do Freitas (Belenenses) para as Antas, foi devolvida ao clube portuense, pela Federação. Estava irregular saliente um comunicado federativo. Tal e qual como um contrato de prorrogação dos serviços de Dinis com a colectividade «azul-branca».

ARRAIAL NO ESTORIL

Um convite para quem more na zona da Costa do Sol ou, de Lisboa, queira ir até ao Estoril divertir-se: nas instalações da sede do Grupo Desportivo Estoril Praia, há, esta noite (a partir das 22) arraial popular.

Bacalhau, chouriço assado, bailarico e fados: as vozes de Deolinda Rodrigues, Carlos Zel e Fernanda Batista, entre outras de agrado, para os admiradores da dolente melopeia que os nossos marítimos exportaram até longes terras.

Na «gerência» do balcão, um nome popular: João Carlos. O marido de Deolinda, «stopper» do «team» dirigido por António Medeiros, comandará as operações de defesa da «caixa».

Dinheiro de Bulhosa seria para Nené

. . . .Era conhecido: Nené oferecera-se ao Belenenses, pedindo vencimento mensal da ordem dos 30 contos e «luvas» anuais no montante de 900 contos, o que (tudo junto) daria 105 contos por cada 30 dias de trabalho.

O Belenenses não ficou atordoado pela verba solicitada: de Paris, estava prestes a chegar uma boa maquia, enviada por Manuel Bulhosa, uma vez mais disposto a acorrer com os frutos da sua bolsa para solucionar uma situação difícil no clube «azul». Porém, pensando melhor, os actuais dirigentes belenenses devem ter feito uma análise à proposta-empréstimo do banqueiro radicado em França: e, provavelmente porque ela exigia algo em troca, abdicaram do dinheiro e, por aproximação, do contrato com Tamagnini Nené que, a estas horas, se debruça sobre propostas para revalidar pelo Benfica ou tomar o rumo do Boavista. Um clube (afinal) que possa desembolsar os cento e tal por mês pretendidos pelo extremo de Leça da Palmeira.

Bonfim requisitado para campanha eleitoral

A direcção do Vitória de Setúbal torna público o seguinte comunicado:

«A direcção do Vitória F.C. vem comunicar a todos os senhores associados que o Estádio do Bonfim foi requisitado pelo excelentíssimo senhor governador civil do distrito de Setúbal para utilização durante a campanha eleitoral, na eleição do Presidente da República.

«A requisição foi efectuada ao abrigo do Artigo 55.º do Decreto-Lei n.º 319-A/1876, de 3 de Maio.»

Ginastas portugueses na Suíça

Através da Federação Portuguesa de Ginástica, o Ginásio Clube Português recebeu um convite da Federação Suíça para participar numa competição internacional de ginástica rítmica desportiva, que terá lugar em Zurique, no dia 26 do corrente. A estadia da comitiva é suportada pela organização, cabendo às ginastas o encargo de pagamento das respectivas passagens, uma vez que o Clube ginasista apenas contribui com uma pequena comparticipação, devido às suas dificuldades financeiras.

As atletas e professora responsável têm envidado todos os esforços em organizações particulares com vista à obtenção de fundos tendentes a custear os encargos de deslocação.

Da comitiva portuguesa não faz parte qualquer dirigente, cabendo à professora Teresa Abrantes as funções de treinadora e chefe da equipa, além de actuar também como juiz internacional neste importante torneio, em que participam também representantes da Alemanha, Bélgica, Itália e Suíça.

A equipa ginasista é constituída por 6 ginastas efectivas e uma suplente, conforme se indica:

Maria Josefina Cruz, Natália Lopes, Leonor Jesus Correia, Ana Paula Salgado, Maria Teresa Madeira, Maria Manuel Repas e Maria Helena Bandeira.

NA SUIÇA

Martins foi para o quarto

Concluiu-se a «Volta à Suiça» em bicicleta, em que o português José Martins alcançou o 4.º lugar. Na última etapa, um contra-relógio individual de 23,55 km, triunfou o belga Michel Pollentier. O actual campeão do Mundo, o holandês Hennie Kuiper, foi o vencedor da «Volta».

Classificação da etapa — 1.º Pollentier (Bélg.) 31m 06s; 2.º Hennie Kuiper (Hol.), a 12s; 3.º Dietrich Thurau (RFA), a 20s; 4.º Rov Shuiten (Hol.), a 24s; 5.º Pesarrodona (Esp.), a 37s; 6.º Bracke (Bélg.), a 43s; 7.º Maertens (Bélg.) a 46s; 8.º Pronk (Hol.), a 47s; 9.º Lannoo (Bélg.) a 1.06s; 10.º Porter (GB), a 1.11s; 11.º Vercelli (It.) a 1.37s; 12.º Martins a 1.40s; 13.º Martinez-Heredia (Esp.), a 1.48S; 14.º Budle (N.Z.) a 1.53s; 15.º Bischoff (Suiça) a 1.54s.

Classificação final — 1.º Hennie Kuiper (Hol.), 36h 09m 02s; 2.º Pollentier (Bélg.) a 42s; 3.º Pesarrodona (Esp.), a 1.23s; 4.º José Martins a 1.41s; 5.º Bert Pronk (Hol.), a 1.46s; 6.º Andre Romero (França), a 2.07; 7.º Maertens (Bélg.) a 5.14s; 8.º Thurau (F A), a 8.00s; 9.º Ferdinand Julien (França), a 10.01s; 10.º Martinez-Heredia (Esp.), a 12.09s.

PASSAPORTES abreu
Av. da Liberdade 160-LISBOA

PORTUGAL

ATLETISMO

A 3.ª jornada do «Torneio de Mínimos» (para infantis e iniciados) efectua-se amanhã (9 e 30 horas) no Estádio Universitário de Lisboa. Por seu turno, a Associação Desportiva de Oeiras promove, também amanhã (a partir das 9 horas) provas de marcha atlética, para pré-infantis, infantis, iniciados, juvenis, juniores, seniores e veteranos. Ainda de atletismo: Campeonato Nacional da 2.ª Divisão (por equipas) com as meias finais neste fim-de-semana, respectivamente no Estádio das Antas, Universitário de Coimbra e Jamor.

BASQUETEBOL

Para esta noite, quinta e penúltima jornada da fase final do Campeonato Nacional de Seniores da 1.ª Divisão (masculinos): Sangalhos-F. C. Porto e Sporting-Barreirense. Taça de Portugal (quartos-de-final): Algés-G. Figueirense, no Pavilhão da Ajuda, às 21 horas.

«DL»

Registamos a gentileza da Associação Portuguesa de Surdos que, em ofício da sua directiva, nos comunica que «foi altamente apreciada e louvada a preciosa colaboração recebida do DL, por ocasião do Campeonato Mundial de Futebol Silencioso». Nada há para agradecer a este órgão de Imprensa: o cumprimento do objectivo para que fomos criados não é de enaltecer.

GINÁSTICA

A Federação de Ginástica realizou um curso de formação elementar de ginástica rítmica desportiva (leccionado por Ruben Marques, Maria Manuela Rodrigues, Maria Teresa Abrantes, Ida Sá e Silva Pereira), que teve os seguintes participantes: Carlos Alberto C. de Melo e Silva, Júlio César Budal Arins, José Luís Brancq Neves, Luís Câmara Pestana, Urtélia de Oliveira Lourenço, Paulina Maria Ribeiro Ferreira, Maria Luísa Diogo Marques, Maria de Fátima F. A. de Almeida, Nara Maria Peres de Figueiredo, M. Graciete dos Santos O. Barros, Isabel de Jesus Dias Fernandes, Maria Teresa G. F. M. M. dos Santos, Eduardo de Jesus Correia Cabrita, Georgina Natália P. F. F. D. Carvalho, Maria Teresa Q. da Silva Soares, Maria Umbelina Lopes de Jesus, Isabel Maria C. Silva Cordeiro, João Albino R. Ataíde das Neves, Maria do Carmo S. Patrício da Costa, Oriana Nunes Figueiredo, Eduardo António M. de Albuquerque, Maria Manuela Trindade Pires e Pedro Manuel da Silva Pires.

Também se efectuaram os campeonatos nacionais de iniciados, em que triunfaram Pedro Leal e Helena Alvarez (Lisboa Ginásio). No 3.º escalão, os êxitos pertenceram a Helena Leal (Lisboa Ginásio), os títulos nacionais de infantis foram para Paulo Aparício (F. C. do Porto) e Paula Santos (Lisboa Ginásio). Entretanto, para amanhã (8 e 30 horas) está marcado, no pavilhão gimnodesportivo de Faro, o «Torneio Olímpico».

HÓQUEI PATINADO

Prossegue este fim-de-semana o nacional de hóquei patinado. Jogos desta noite, na 5.ª jornada. J. Salesiana-Infante de Sagres, Benfica-Oliveirense, Valongo-Oeiras, e F. C. Porto-Sporting.

AMANHÃ: 7.ª e última jornada da 1.ª volta da fase final do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão: J. Salesiana-Oliveirense, Benfica-Infante de Sagres, F. C. Porto-Oeiras e Valongo-Sporting.

JUDO

Esta tarde, em Grândola, processa-se um convívio interdistrital de judo, com a participação de representantes de núcleos da DGD dos distritos de Faro, Évora, Setúbal e Portalegre.

JUVENDO

Neste fim-de-semana, notável incremento do «Juvendo 76» com todos os distritos do continente em actividade, num ponto alto que se saúda. Mais de 200 mil jovens vão estar em acção: 69 256 vão jogar futebol, em 200 torneios ou convívios locais; 46 mil estarão envolvidos em despiques de atletismo, ao longo de 16 movimentações.

KARTING

Amanhã, pelas 15 horas, há karting: no «Karódromo do Estoril», realiza-se o «Circuito do Benfica», a contar para o nacional da modalidade.

RÂGUEBI

Eleição da nova gerência da Federação de Râguebi, a 25 do corrente:

Xadrez intensifica-se

Por iniciativa de dois departamentos do M IC, (FAOJ e DGD), e da Federação de Xadrez vai realizar-se este ano o Campeonato Nacional de Juniores da modalidade, de um modo diferente da habitual. Além de jogadores federados, participarão numa primeira fase os representantes dos liceus e escolas secundárias.

Feito o apuramento do representante de cada escola, (tendo em atenção que só podem participar indivíduos que não completem 21 anos até 31 de Dezembro de 1976), o apuramento dos representantes distritais será feito durante o mês de Julho, em moldes que oportunamente serão comunicados directamente aos interessados.

Em princípio de Agosto, os representantes distritais concentrar-se-ão numa colónia de férias (possivelmente Peniche), onde, simultaneamente com outras jornadas culturais, se realizará a fase preliminar do campeonato.

Os dez primeiros classificados participarão na final, que se disputará imediatamente a seguir, englobando também os jogadores federados. A fase preliminar terá lugar de 2 a 11 de Agosto e a final de 11 a 23.

Cova da Piedade: curiosa proposta dos seus chutadores

Proposta curiosa, apresentada pelos futebolistas do Desportivo da Cova da Piedade, perante a assembleia geral do clube:

. «Os jogadores sèniores do clube, reunidos em plenário, estando presentes Jacinto Marques (treinador); Tadeu Costa (dirigente); e António Martins (massagista); decidiram, por unanimidade, apresentar aos dirigentes do clube uma reivindicação salarial, com vista à próxima temporada.

«O treinador, no início da época, formaria um quadro futebolístico (sèniores), composto por vinte jogadores, que passariam a vencer, mensalmente, três mil escudos. Mas cada jogador descontaria, do seu ordenado quinhentos escudos, que seriam depositados num banco, em nome dos quatro jogadores mais antigos da equipa. No final da época, a conta bancária registaria cento e vinte mil escudos. Se o clube subisse à II Divisão Nacional, a referida importância ficaria às ordens dos dirigentes.

«Mas, se o clube continuar na II Divisão Nacional, a importância depositada na sua totalidade, reverteria em benefício dos jogadores, que na época em curso ganham mil escudos por mês».

LÁ FORA

HUNGRIA

. .O Ferencvaros é campeão húngaro de futebol.

FRANÇA

. .O Saint Etienne derrotou ontem, à noite, o Avignon (por 4-0) tornando-se pela 2.ª vez consecutiva, campeão da primeira divisão de futebol de França. Resultados dos outros jogos: Nice-Estrasbourg 1-0; Lille-Sochaux 1-1; Bordeaux-Nantes 2-1; Paris St. Germain-Mónaco 1-2; Troyes-Lyon 3-1; Lens-Reims 1-0; Nimes-Nancy 2-2 e Marseille-Bastia 4-3. Classificação final: 1. St. Etienne, 57 pontos; 2. Nice, 53; 3. Sochaux, 51; 4. Nantes, 48; 5. Reims, 45; 6. Nancy, 45; 7. Metz, 45; 8 Bastia 44; 9. Marseille, 42; 10. Nimes, 40; 11. Paris St. Germain 38; 12. Bordeaux, 38; 13. Lens, 38; 14. Valenciennes, 38; 15. Lille, 38; 16. Troyes, 37; 17. Lyon, 35; 18. Mónaco, 35; 19. Strasbourg, 32 e 20. Avignon, 18.

Desporto

Campeonatos de futebol dão amanhã último pio

Conclui-se amanhã o campeonato nacional de futebol da 2.ª Divisão, já com os lugares primordiais ordenados e esclarecidos: Varzim e Portimonense na 1.ª Divisão, Salgueiros e Montijo admitidos na «liguinha». Há apenas, uma ou outra dúvida em relação aos despromovidos, como pode ver-se pelo mapa de provas e classificações actuais:

Zona Norte: Vila-Novense-Varzim; Chaves-Paredes; Gil Vicente-Espinho; Famalicão-U. Lamas; Sp. Covilhã-Feirense; Marinhense-Fafe; Lourosa-Riopele; Sanjoanense-Alba; Paços Ferreira-Régua, e Penafiel-Salgueiros.

Zona Sul: Estrela Portalegrense-Caldas; Torres Novas-Torreense; Portimonense-Oriental; Lusitano Evora-Montijo; Olhanense-U. Leiria; Sesimbra-Sintrense; Barreirense-Juventude Évora; Maritimo-Esperança Lagos; Peniche-U. Santarém; Almada-U. Sport.

. Igualmente baixa o pano sobre o secundário futebolístico que aglutina os grupos da 3.ª Divisão, com o seguinte programa de jogos:

Zona A: Avintes-Freamunde; Sp. Lamego-Aliados Lordelo; Vila Real-Arrifanense; Limianos-D. Bragança; Desp. Aves-Forjães; Tadim-Tirsense; Mirandela-Vianense; Paços Brandão-Esposende; Cabeceirense-Leça, e Rio Ave-Mondinense.

Zona B: Cucujães-Ala Arriba; U. Coimbra-Marialvas; Anadia-Viseu e Benfica; Lusitano Vildemoinhos-Desp. Gouveia; Tabuense-Lousanense; Naval-Covilhã e Benfica; Tazem-Oliveira Bairro; Académico Viseu-Águeda; Desp. Guarda-Penalva Castelo e Febres-Oliveirense.

Zona C: Ginásio Alcobaça-Elvenses; Almeirim-Bombarralense; Cartaxo-Nacional; Alverca-Loures; Vila-Franquense-Sp. Pombal; Marrazes-Ponte-Sôr; Odivelas-Alhandra; Campomaiorense-Benavente; Vieirense-Alcanenense e Elvas-Portalegrense.

Zona D: Estrela VN-Cova Piedade; Amora-Costa Caparica; Pão Pires-Casa Pia; Vasco Gama-Luso; Moura-Desp. Beja; Odemirense-Quarteirense; Alcochetense-U. Santiago; Rosarense-Sacavenense; U. Sambrazense-Seixal; e L. Olivais-Lusitano VR.

2.ª DIVISÃO

Classificação:	J	V	E	D	P
VARZIM	37	29	5	3	63
Salgueiros	37	14	18	5	46
Lourosa	37	16	11	10	43
Paços Ferreira	37	16	10	11	42
Chaves	37	14	13	10	41
U. Lamas	37	15	10	12	40
Famalicão	37	14	10	12	39
Riopele	37	15	8	14	38
Sp. Espinho	37	16	6	15	38
Gil Vicente	37	14	9	14	37
Sanjoanense	37	13	9	15	35
Sp. Covilhã	37	13	8	20	34
Feirense	37	11	12	14	34
Fafe	37	10	13	14	33
Penafiel	37	12	8	17	32
Vila-Novense	37	12	8	17	32
Marinhense	37	12	8	17	32
Paredes	37	11	8	18	30
Regua	37	11	7	19	29
Alba	37	7	8	22	22

Classificação:	J	V	E	D	P
Portimonense	37	23	7	7	53
Montijo	37	20	10	7	50
Peniche	37	18	9	10	45
Marítimo	37	15	13	9	43
Oriental	37	14	14	9	42
Caldas	37	16	9	12	41
Esperança	37	15	10	12	40
Barreirense	37	14	12	11	40
Estrela	37	15	8	20	38
Olhanense	37	13	12	12	38
Torreense	37	11	14	12	36
Juventude	37	12	12	13	36
U. Santarém	37	14	8	15	36
Almada	37	15	4	18	34
Sesimbra	37	11	11	15	33
Sintrense	37	8	17	12	33
U. Leiria	37	10	12	15	32
Lusitano	37	9	11	17	29
Torres Novas	37	7	7	23	21
U. Sport	37	6	8	23	20

3.ª DIVISÃO

Classificação:	J	V	E	D	P
TIRSENSE	36	27	4	5	58
Vila Real	37	24	5	8	53
Vianense	37	21	7	9	49
D. Bragança	37	18	9	10	45
Aliados	37	17	10	10	44
Presamunde	37	18	8	11	44
Sp. Lamego	37	14	11	12	39
Leca	37	16	7	14	39
Avintes	37	15	8	14	38
Limianos	37	12	11	14	35
Cabeceirense	37	14	6	17	34
Mirandela	37	13	7	17	33
Desp. Aves	37	12	8	17	32
Tadim	37	12	8	17	32
Esposende	37	9	13	15	31
P. Brandão	37	13	5	18	31
Arrifanense	37	9	12	16	30
Rio Ave	37	11	7	19	29
Forjães	36	8	8	20	24
Mondinense	37	5	8	24	18

Classificação:	J	V	E	D	P
U. COIMBRA	37	26	7	4	59
Marialvas	37	21	9	7	51
Naval	37	17	15	5	49
Acad. seu	37	20	9	8	49
Desp. Guarda	37	18	9	10	45
Cucujães	37	17	9	11	43
Oliv. Bairro	36	15	11	10	41
L. Vildemoinhos	37	15	9	13	39
Lousanense	37	14	9	14	37
Águeda	36	12	12	12	36
P. Castelo	37	12	10	15	34
V.seu Benfica	37	11	12	14	34
Anadia	37	10	13	14	33
Febres	37	10	12	15	32
Desp. Gouveia	37	9	11	17	29
Ala Arriba	37	8	9	20	25
Covilhã Benfica	37	5	14	18	24
Tazem	37	6	8	22	21
Tabuense	37	6	6	25	18

Classificação:	J	V	E	D	P
Pe. talegrense	37	23	9	5	55
Odivelas	37	24	7	6	55
Loures	37	19	10	8	48
Cartaxo	37	20	7	10	47
Marrazes	37	20	6	11	46
Elvas	37	17	10	10	44
Ponte Sôr	37	16	10	11	42
Nacional	37	17	7	13	41
Alverca	37	18	13	14	39
Alcanenense	37	12	10	14	36
Campomaior	37	12	11	14	35
Alhandra	37	12	11	14	35
Alcoitrim	37	12	10	15	34
Vieirense	37	10	11	16	31
G. Alcobaça	37	10	10	17	30
Vila-Franq.	37	13	3	21	29
Benaventense	37	6	9	21	24
Sp. Pombal	37	7	10	20	24
Bombarralen.	37	7	9	21	23
Elvense	37	6	10	21	22

Classificação:	J	V	E	D	P
VASCO GAMA	37	30	3	5	61
Alcochetense	37	22	6	9	50
Sacavenense	37	19	9	9	47
Cova Piedade	37	20	5	12	45
Seixal	37	17	10	10	44
L. Olivais	37	16	8	13	40
Desp. Beja	37	15	10	12	40
U. Santiago	37	13	12	12	38
Amora	37	14	10	13	38
Lusitano VR	37	15	8	14	38
Costa Caparica	36	14	8	14	36
Odemirense	37	14	8	15	36
Quarteirense	37	15	9	15	35
Casa Pia	37	13	7	17	33
Luso	36	12	11	13	33
Estrela VN	36	11	10	15	32
Rosarense	37	10	8	18	28
U. Sambrazense	37	6	12	19	24
Moura	37	8	6	23	22
Pão Pires	37	4	7	26	15

O traço de Pargana

Carlos Lopes: Montreal à vista Hagan: emprego um Ahalade

Avel Kazachénkov (26 anos): campeão em judo. Trata-se de um dos atletas soviéticos pre-seleccionados para as Olimpíadas de Montreal, escolhidos após a U.R.S.S. ter conquistado 4 medalhas de ouro (das seis em disputa), duas de prata e 2 de bronze, nos «europeus» desenvolados em Kiev. Avel é alferes do Exército, vive em Moscovo e pratica judo há 10 anos

Militares ao chuto

Realiza-se no Porto, de 21 a 25 do corrente o campeonato nacional militar (Exército) de futebol de salão, organizado pelo OG/RMN. Estarão representadas as quatro regiões militares do Continente e os comandos territoriais independentes dos Açores e Madeira.

Os jogos disputar-se-ão no pavilhão gimnodesportivo do Estádio das Antas, com o seguinte calendário:

Dia 21: 15H: RM Lisboa-CTI Açores; 16H: CTI Madeira-RM Norte; 17H: RM Sul-RM Centro

Dia 22: 09H: RM Lisbon-CTI Madeira; 10H: RM Norte-RM Sul; 11H: CTI Açores-RM Centro.

Dia 23: 09H: RM Lisboa-RM Norte; 10H: CTI Madeira-RM Centro; 11H: CTI Açores-RM Sul.

Dia 24: 09H: RM Lisboa-RM Sul; 10H: CTI Açores-CTI Madeira; 11H: RM Norte-RM Centro.

Dia 25: 09H: RM Lisboa-RM Centro; 10H: CTI Açores-RM Norte; 11H: CTI Madeira-RM Sul; 12H: distribuição de prémios.

PUB

Sindicato dos Trabalhadores da Indústria e Comércio Farmacêuticos

GRUPO ELEITORAL

ELEIÇÕES PARA OS CORPOS GERENTES DO SINDICATO EM 26/6/76

VOTO POR CORRESPONDÊNCIA

Camarada :

No sentido de esclarecer todos os associados do nosso Sindicato sobre o VOTO POR CORRESPONDÊNCIA, transcrevemos o n.º 3 do Art.º 88.º dos Estatuos :

3 — É permitido o voto por correspondência desde que :

a) — A lista esteja debrada em quatro e contida em sobrescrito fechado;
b) — Do referido sobrescrito conste o número de sócio e a respectiva assinatura reconhecida pelo notário ou abonada pela autoridade administrativa;
c) — Este sobrescrito seja introduzido noutro endereçado ao Presidente da Mesa da Assembleia de Voto por correio registado.

Considerando que o encerramento da Assembleia Eleitoral será feito às 21 horas do dia 26 de Junho de 1976; informa-se que os VOTOS POR CORRESPONDÊNCIA só serão contados se derem entrada no Sindicato até às 21 horas do dia 26 de Junho de 1976, altura do encerramento da Assembleia Eleitoral. Lembramos que aos sábados não há distribuição de correio.

Recorda-se que o VOTO POR CORRESPONDÊNCIA deverá ser dirigido ao Presidente da Assembleia de Voto, o que significa que podará ser enviado para as Delegações do Sindicato mas sempre para o Presidente da Assembleia de Voto.

Esperando que o acto eleitoral decorra com a maior dignidade, apelamos para a participação massiva dos trabalhadores na eleição dos seus Corpos Gerentes para o triénio 1976/78.

NO ACTO DO VOTO É INDISPENSÁVEL QUE TRAGAS O TEU CARTÃO

Lisboa, 16 de Junho de 1976.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Alexandre Pereira Peres

Geral

Assembleia por abrir

Foi adiado o recomeço dos trabalhos da Assembleia da República, em princípio marcado para o próximo dia 22.
Um comunicado da Assembleia da República esclarece que, «a despeito dos esforços da comissão designada para a elaboração do regimento da Assembleia», não lhe foi possível apresentar o respectivo projecto até à data fixada, pelo que a «reabertura dos trabalhos fica adiada «sine die».

PEANUTS

COMUNICADO DO STAPE

Cópia dos cadernos eleitorais para eventual segunda volta

Com a designação dos membros das mesas das secções de voto surge, dentro do actual processo pré-eleitoral, a obrigação desses membros extraírem cópias ou fotocópias dos cadernos eleitorais correspondentes às suas respectivas secções de voto, para serem usadas pelos dois escrutinadores. Essa extracção deverá ser feita desta vez em duplicado (4 cópias ou fotocópias, portanto) tendo em consideração a eventualidade de uma segunda votação.

Entretanto, o Secretariado Técnico dos Assuntos Políticos e Eleitorais (S.T.A.P.E.) informa que foram publicados em «Diário da República» dois diplomas legais que regulam matéria eleitoral. O Decreto-Lei 456-A/76 consagra o exercício do direito de voto através de representante, em termos semelhantes aos já consignados para a eleição da Assembleia da República, devendo apontar-se como diferença substancial o conteúdo dos telegramas a dirigir pelos embarcados (navegação marítima e aérea) aos seus representantes e presidentes das Comissões Administrativas municipais (ou administradores de bairro) que devem conter, além do nome do representante, o nome do comandante do navio ou quem as suas vezes fizer. Ainda sobre a representação salienta-se que na procuração a passar por militares, ou elementos de forças militarizadas, aos seus representantes a assinatura reconhecida pelo comandante da unidade militar ou da força militarizada acompanhada do selo branco, tem o mesmo valor do reconhecimento notarial para os cidadãos civis.

Outro diploma com matéria eleitoral é o Decreto-Lei 472-A/76 que inclui Macau como território eleitoral, tornando-lhe aplicável o Decreto-Lei 319-A/76, regulador da eleição do Presidente da República.

Assembleia de professores da Grande Lisboa

Os professores colocados fora do grupo (despromoção de categoria) na segunda fase, em Janeiro, são obrigados a repor até ao fim de Junho a quantia de 1400 escudos mensais, conforme foi ontem afirmado por um professor do ensino secundário na assembleia de delegados sindicais convocada pelo Sindicdicato da zona da Grande Lisboa.

No final da assembleia, cuja ordem de trabalhos incluía a avaliação escolar para o presente ano lectivo, professores colocados ora do grupo, e concurso de efectivos, foi divulgado um comunicado dirigido à população, onde a classe salienta que «o próximo ano não pode ser a arepetição deste», e anuncia para a próxima terça-feira, às 16 horas, nova concentração defonte do Ministério da Educação, Investigação e Cultura visando a «luta por um ensino científico voltado para as necessidades da população».

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava pouco nublado ou limpo o vento era fraco e havia neblina a Norte do Tejo.

TEMPERATURAS EXTREMAS

ÉVORA Máxima		36º
PENHAS DA SAÚDE Mínima		12,5º

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente pouco nublado ou limpo; temporariamente muito nublado nas regiões do interior durante a tarde e começo da noite com ocorrência de trovoadas isoladas; vento fraco; possibilidades de neblina ou nevoeiro matinais na Costa Ocidental.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	20º
COIMBRA	21º
PORTALEGRE	21º
LISBOA	23º
FARO	25º
FUNCHAL	18º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
9.42	3,3 m	2.58	1,5 m
22.01	3,4 m	15.18	1,7 m
Dia 20			
10.42	3,2 m	4.00	1,6 m
23.03	3,3 m	16.26	1,8 m
Dia 21			
11.43	3,3 m	5.01	1,6 m
		17.29	1,7 m

AMANHÃ

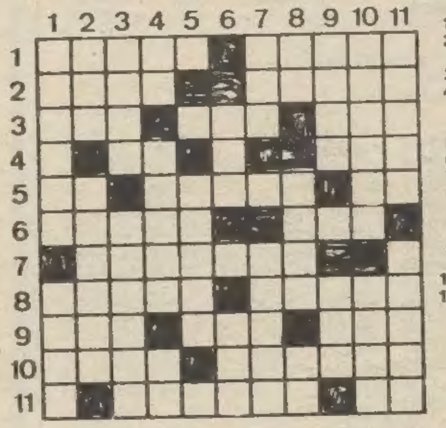
NASCER ÀS 6.12
OCASO ÀS 21.05

DIA 19 — DIA 27 — DIA 4 — DIA 11

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 11 397



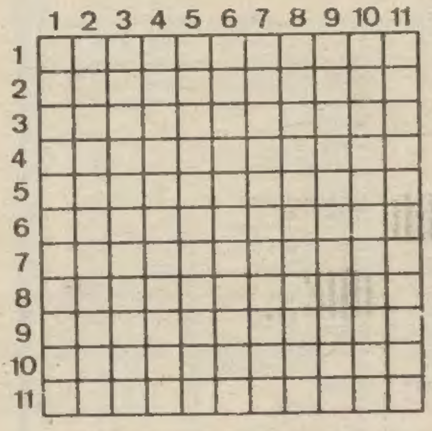
HORIZONTAIS:
1 Ferre. Descarnada.
2 Trate por tu. Dividir ao meio.
3 Caminho. Ruim. Renque.
4 Nesse lugar. Oferecer (inv.).
5 Preposição. Viatura. Compaixão.
6 Queimas. Íntimo.
7 Defunto.
8 Que fica na direcção dos pólos. Falta de dinheiro (gír.).
9 Cidade da África Ocidental Francesa, na margem direita do Níger. Acrescentei. Prefixo que designa ar.
10 Rio dos Estados Unidos. Desperta.
11 Poisou no mar (o avião). Preposição e artigo.

VERTICAIS:
1 Sova. Mais mal.
2 Base aérea portuguesa. Doutrina.
3 Pilha. Rústica.
4 Preposição. Levantada. Grande ribeira da Ásia Russa.
5 Guarnecera de asas.
6 Oásis. Conceder.
7 Ruim. Ciência da moral.
8 Amónio (s.q). Metal precioso de cor amarela. Sufixo que designa estado.
9 Congelar. Chefe etíope (inv).
10 Moído. Luxo (pop).
11 Charrua. Reunião familiar, à noite.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7557



HORIZONTAIS:
1 Revolucionário francês que foi assassinado no banho por Carlota Corday. Província de Marrocos.
2 Estimem. Califa que mandou incendiar a biblioteca de Alexandria.
3 Freguesia do concelho de Penafiel. Caminha para cá. Campeão.
4 Cento e um em romano. Cabo da costa da ilha da Madeira. Centiare.
5 Tostem. Concorrente.
6 Astenias.
7 Nota musical. Prefixo de privação.
8 Alugarias.
9 Pequeno poema medieval narrativo ou lírico. Alternativa. O mesmo que uma (ant. e pop.).
10 Abaixaríamos.
11 Conjunção. Aplano.

VERTICAIS:
1 Cunho. Exprimem por palavras.
2 Estimais. Carro ligeiro, de duas rodas, usado na África do Norte, para o transporte de pessoas e víveres.
3 Rente. Apelido. Esteiros.
4 Amónio (s.q.). Multidão de pessoas.
5 Vimeiros. Ébrio (Bras.).
6 Preposição. Sazonada.
7 Nome de mulher. Distar.
8 Associação ou confraria cristã na Índia. Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Sair frequentemente à rua.
9 Estima. Vossa Senhoria. Uma das mais antigas divindades da Índia. Deus da Justiça e da Morte.
10 Reles. Agora. Artigo definido.
11 Bromo (s.q.). Fileira. Juízo.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11 396

HORIZONTAIS: 1 BARBA. Morta. 2 Viam. Ie. Rm. 3 Ri. Comichão. 4 Es. Pga. Un. 5 Mar. N. 6 Oral. Graças. 7 Mirraras. 8 Há. Pao. 9 Assaltariam. 10 Deão. Odiado. 11 As. Sasão. As.

VERTICAIS: 1 REMOLHADA. 2 Avisar. Ases. 3 Ri. Ramosa. 4 Baco. Li. Aos. 5 Amolo. Rol. 6 Mg. Gratos. 7 MEIA. RAPADA. 8 Cio. Mar. Rio. 9 Huacá. Ia. 10 Trancas. Ada. 11 Amó. As. Imos.

PROVÉRBIO: BARBA REMOLHADA MEIA RAPADA.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7556

HORIZONTAIS: 1 Pavia. Lapas. 2 Anemia. Sumi. 3 Pilosas. 4 Amar. Ma. Mec. 5 Aias. Dome. 6 Siasses. 7 As. Siro. Ba. 8 Nio. Sabóia. 9 Hora. Baba. 10 Abarcara. El. 11 Sarais. Siso.

VERTICAIS: 1 Papa. Manhas. 2 Anima. Sioba. 3 Velais. Orar. 4 Imorais. Ara. 5 Ais. Sais. Ci. 6 Aam. Sra. As. 7 Sa. Sob. 8 Ás. De. Obas. 9 Pu. Mós. Ia. 10 Am. Em. Babes. 11 Sincera. Aló.

JORNALISTAS SUSPENSOS

Noticiaristas do ex-R.C.P. vão regressar ao trabalho

Está iminente a reintegração dos 18 noticiaristas do ex-Rádio Clube Português afastados das suas funções na sequência do 25 de Novembro, confirmou à Anop Adelino Gomes, um dos trabalhadores visados.

A mesma fonte desmentiu uma notícia, hoje divulgada, segundo a qual os noticiaristas teriam afirmado que só regressariam ao trabalho após as eleições. «Nunca dissemos isso», afirmou Adelino Gomes, «temos é lutado pelo regresso imediato ao trabalho».

As divergências existentes entre os trabalhadores afastados e a comissão instaladora da Radiodifusão Portuguesa (que engloba a ex-Emissora Nacional e o ex-Rádio Clube Português) baseiam-se sobretudo nos critérios adoptados na reestruturação dos serviços de noticiário. Enquanto que os jornalistas do ex-R. C. P. defendem a existência de dois serviços de informação adaptados aos dois canais existentes, o comercial e o não comercial, a referida comissão apresentou um organigrama que «cria uma redacção «monstra» originando o empastelamento da informação», nas palavras de Adelino Gomes.

Neste momento, e após a rejeição do referido organigrama pela maioria dos jornalistas, está a ser elaborado novo projecto por uma comissão composta por três jornalistas da ex-E. N., e um do ex-R. C. P. «Este novo projecto, que deverá ser apresentado dentro de dias, poderá, se for aceite, acabar com o diferendo, o que terá como consequência a nossa reintegração nos serviços de noticiário», concluiu o referido jornalista, que não deixou de recordar não estarem os trabalhadores afastados das suas funções, contemplados por qualquer processo.

"CRIADA EMPRESA NACIONAL DE COMERCIALIZAÇÃO"

Na nossa edição do passado dia 9 do mês em curso noticiamos a criação de uma empresa pública para o comércio externo, a «Empresa Nacional de Comercialização (Enacomo)», medida, de resto, cuja oportunidade é muito controversa, apesar de ser reclamada por alguns sectores da opinião pública como via para se superarem tradicionais insuficiências neste domínio, agravadas agora pela crise económica capitalista internacional. Acontece, porém, que por lamentável gralha esta empresa surgiu nas nossas colunas como criada pelo Governo português, quando de facto ela foi decidida pelo Governo moçambicano, para vigorar naturalmente em Moçambique.

Não é de surpreender, deste modo, que diversas entidades, nomeadamente privadas, hajam ficado inquietas com aquela notícia. Por outro lado, o chefe do Gabinete do Ministério do Comércio Externo, Rafael Prata, dirigiu-nos uma carta onde esclarece que «o Ministério do Comércio Externo não alterou a sua orientação quanto ao comércio externo, e não tem, portanto, fundamento o receio de que várias entidades se fizeram eco junto deste Gabinete sobre a criação em Portugal de uma empresa pública visando o exercício em exclusivo das actividades de importação, exportação e prospecção sistemática de mercados externos».

FÉRIAS NA MADEIRA
1 SEMANA
SÉRIE «A» todos os DOMINGOS
PARTIDAS:
Julho 4, 11, 18 e 25
Agosto 1, 8, 15, 22 e 29
Setembro 5, 12, 19 e 26
SÉRIE «B» todas as 3.as FEIRAS
PARTIDAS:
Agosto 3, 10, 17, 24 e 31
SÉRIE «C» todas as 6.as FEIRAS
PARTIDAS:
Julho 16, 23 e 30
Agosto 6, 13, 20 e 27
Preços excepcionais desde * 2.880$
INCLUINDO:
• Viagem em avião a jacto TAP
• Estadia no Hotel
• Transportes em terra
• Visita turística
• Assistência de delegado abreu
*a vantagem dos voos especiais
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
fundada em 1840
LISBOA Av. da Liberdade, 160 • Telef. 320021
PORTO Av. dos Aliados, 207 • Telef. 37921
COIMBRA Rua da Sota, 2 • Telefs. 27011/2
FARO Rua Cons. Bivar, 65 • Telefs. 25035/6
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

BARES - BOITES
RESTAURANTES TÍPICOS
DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13 (Telef. 364859, 368197. Marta Mónica Stripteaseuse.

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. T. 261461/164526/264596/264621/264946

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO J-1

TODA A NOITE

ALVALADE
Belo, Avenida de Roma, 53-A (tel. 776314).
AVENIDAS NOVAS
Vale, Avenida Marquês de Tomar, 45-49 (tel. 773013)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, Praça Norte, 11-A (tel. 311216)
BAIXA
Estácio, Rossio, 60 (tel. 327067-324224)
BENFICA
Macedo, Estrada Poço do Chão, 69-C (tel. 703697)
CAMPOLIDE
Imparcial, Rua General Taborda, 28 (tel. 680931)
ESTRELA
Linside, Rua Ferreira Borges, 30 (tel. 660955)
GRAÇA
Almeida Dias, Largo da Graça, 38-A (tel. 862909)
LUMIAR
Douro, Alameda das Linhas de Torres, 93-A (tel. 791131)

TURNO 0-2

ATÉ ÀS 22 HORAS

ALTO DE S. JOÃO
Vitális, Rua Morais Soares, 69 (tel. 841779)
ALVALADE
Marbel, Avenida de Roma, 131-A (tel. 776235)
AMEIXOEIRA
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (Galinheiras-Charneca (tel. 790969)
ANJOS
Guerra, Rua Andrade, 32/36 (tel. 845513)
ANJOS
Magalhães, Avenida Almirante Reis, (tel. 49479)
AREEIRO
Garantia, Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 5-A (à Praça do Areeiro) (tel. 727300)
AVENIDAS NOVAS
Saldanha, Avenida Praia da Vitória, 53 Tel. 43936)
BENFICA
S. João, Estrada da Luz, 124-A (tel. 783179)
CAMINHOS DE FERRO
Frazão, Rua Cruz de Santa Apolónia, 90 (tel. 847019)
ESTRELA
Andrade Ribeiro, Avenida Infante Santo, 66-B (tel. 666971)
PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B (tel. 720703-728395)
OLIVAIS SUL
Antunes Rosas, Praça Cidade de Luso, lote 199 (tel. 313610)
RESTELO
Tamara, Rua Rodrigo Reine, 3-A (encosta do Restelo, próximo dos Minhos) (tel. 611814)
S. BENTO
Fénix, Rua Cruz dos Poiais, 52 (tel. 608531)
SETE RIOS
Curie, Avenida Madame Curie, 15-A (tel. 778439)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miraflores, R. António Granjo, 2 (T. 2113161)
CAXIAS
Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 242839). Até às 22 horas
OEIRAS
Alcântara Guerreiro, P. Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 10 (T. 2430691). Toda a noite
NOVA OEIRAS
Leal. Até às 22 horas
CARCAVELOS
Central. Toda a noite
S. DOMINGOS DE RANA
Godinho da Silveira, Av. Sabóia, 29-B (T. 260085). Até às 22 horas
PAREDE
Grincho, Av. da República, 87 (T. 2471204). Toda a noite
AMOREIRA
Amoreira. Até às 22 horas
ESTORIL
Marques dos Santos, R. Ferreira J. A., 15 (T. 260116). Toda a noite
CASCAIS
Nova, E. de Alvide, Fontainhas (T. 281044). Até às 22 horas; **Marginal**, Av. Marginal (T. 280078). Toda a noite

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (T. 930019); **Flama**, R. Elias Garcia, 78-B (T. 932485); **Confiança**, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (T. 938149)
DAMAIA
Damaia, P. Alexandre Gusmão, 9-A (T. 970523)
VENDA NOVA
Nova, R. Elias Garcia, 10 (T. 972530)
QUELUZ
André, Av. Elias Garcia, 151 (T. 950043)
CACÉM
Guerra Rico, Agualva
MEM MARTINS
Miranda Garcia, E. de Mem Martins, 173-B (T. 2914103)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (T. 980456)
SINTRA
Simões, Estefânia (T. 2930832)
COLARES
Abreja (T. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 204020)
ALMADA
Algarve, R. Fernão Lopes, 1 (T. 2750271)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, E. Nacional, 178-B (T. 2040302)
BARREIRO
Pimenta, R. Cons. Joaquim António Aguiar, 259 (T. 2073212). Até às 19 horas; **Soares**, R. da República, 1 (T. 2073023). Serviço permanente
COVA DA PIEDADE
Rainha Santa, E. das Barrocas, 50 (T. 2494182)
MOITA
Silva Rocha, P. da República, 16 (T. 239029)
MONTIJO
Moderna, R. Bulhão Pato, 60 (T. 2310156)
SESIMBRA
Leão, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471)
SETÚBAL
Rosado Pinto, P. do Bocage (T. 22484); **Nova**, R. General Gomes Freire (T. 22052)
SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (T. 2218560)

PORTO

TURNO 16

ATÉ ÀS 22 HORAS
Vilarinha [illegible] 161 **Bonfim** [illegible] 73 **Guerra**, R. de Costa Cabral, 43 **Guimarães** R. [illegible] 37 **Lemos e Filhos** [illegible] 31 **Liga das Ass. Soc. Mutuos** [illegible] 76 **Moreno**, Id [illegible] 11 **Vasques** [illegible]

Toda a Noite
Castro Carneiro [illegible] **Henriques** [illegible] **Serra Pinto** [illegible]

COIMBRA

Baptista, Praça da República, 9 (tel. 23747); **Estádio**, Rua do Brasil, 348 (tel. 24410); **Miranda**, Praça do Comércio, 41 (tel. 23261)

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

A. B. C.
20.30 e 22.45 (18 anos)
«A Vida é Boa»
VARIEDADES
21.30 (18 anos)
«Amargura Para um Cavalo»
TEATRO ABERTO - GRUPO 4
21.15 (13 anos)
«O Círculo de Giz Caucasiano»
MARIA VITÓRIA
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Vota, Vota Camarada Zé».
TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS
21.30 (13 anos)
A Ópera de Três Vinténs»

LISBOA/Cinemas

PARIS
21.15 (18 anos)
«Noitadas de Paris»
CINE-BOLSO
21.00 (18 anos)
«Relações Escaldantes»
EUROPA
21.00 (18 anos)
«Convém Fazer Bem o Amor»
SATÉLITE
21.30 (13 anos)
«Aquela Loira»
JARDIM
21.30 (6 anos)
«Os 4 malucos do Supermercado»
S. LUIZ
21.15 (18 anos)
«Cântico Final»
PROMOTORA
21.15 (18 anos)
«Iniciação Carnal»
LUMIAR
21.15 (13 anos)
«Juntos são Dinamite»
ARCO ÍRIS
21.15 (14 anos)
«O seu nome era Espírito Santo»

LINHA DE CASCAIS

OEIRAS
Oeiras-Cine
21.15 (10 anos)
«A Carga da Polícia Montada»
ESTORIL
Casino
18.30 e 21.15 (13 anos)
«Segundos para uma Fuga»
ESTORIL
Palácio
21.15 (13 anos)
«Brincando com a Sorte»
CASCAIS
S. José
21.15 (18 anos)
«Funny Lady — uma Mulher Endiabrada»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.15 (18 anos)
«Cidade em Fúria»
MEM MARTINS
Cine Chaby
21.15 (18 anos)
«Sangue Chama Sangue»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (13 anos)
«O Gato, o Medo, o Rato e a Morte»
LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.15 (18 anos)
«Yupidu»
TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (13 anos)
«My Fair Lady»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.15 (13 anos)
«Godss Pell»

PORTO/Cinemas

ESTÚDIO FOCO
21.15 (Planeta Selvagem»
COLISEU
21.30 (18 anos)
«A Senhora sabe da Poda»
BATALHA
21.15 (18 anos)
«Noitadas de Paris»
VALE FORMOSO
21.15 (18 anos)
«Relações Escaldantes»
JÚLIO DINIS
21.15 (18 anos)
«A Fúria do Dragão»
S. JOÃO
21.15 (13 anos)
«Quo Vadis»
RIVOLI
21.15 (18 anos)
«Salon Kitty»
ÁGUIA DE OURO
21.30 (18 anos)
«Os mortos não fazem sombra»
PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«A Rebelde Apaixonada»
TRINDADE
21.15 (13 anos)
«O Leão e o Vento»
ESTÚDIO
21.15 (18 anos)
«Resgate»
CARLOS ALBERTO
21.15 (18 anos)
«A Jovem Assassinada»

COIMBRA

AVENIDA
21.15 (18 anos)
«A Religiosa»
TIVOLI
21.15 (18 anos)
«A Torre do Inferno»
GIL VICENTE
21.15 (18 anos)
«A Rival»
S. TEOTÓNIO
21.15 (18 anos)
«O [illegible]»

cinemas

CASTIL
T. 530194 15.00, 17.00, 19.00, 21.15
Não acons. a M/18 anos
Um filme sobre educação sexual
AMOR ENTRE MENORES
Hoje às 24 antestreia
MENINAS BEM
Não acons. a menores de 18 anos

CALEIDOSCÓPIO
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15
Não acons. a men. de 18 anos
Música divina!
LISZTOMANIA
Um filme de Ken Russell
3.ª Semana

UNIVERSAL
T. 774402
Às 15.00 e 21.00
O FUNERAL DO PATRÃO
de Eduardo Geada
Às 17.00 e 23.00
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?
De João César Monteiro
Às 19.00 Sessão especial, entrada gratuita com o filme
LINHA GERAL

IMPÉRIO
T. 555134 15.15, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
3 BILIÕES SEM ASCENSOR
Um filme de Roger Pigaut

EDEN
T. 320768 14.45, 18.00, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
Um dos maiores filmes da história do cinema!
QUO VADIS
Com Robert Taylor, Deborah Kerr, Peter Ustinov, Leo Genn
3.ª Semana
Um filme de Melvin Le Roy

CONDES
T. 322523 14.00, 16.30, 18.45, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
Num corpo de fogo a explosão do amor sexual
EMMANUELLE NEGRA
Real. Albert Thomas

POLITEAMA
T. 326305 14.15, 16.30, 19.00, 21.30
Para todos maiores de 6 anos
OS BARBEIROS DA SICÍLIA
c/Franco Franchi - Ciccio Ingrassia

ODEON
T. 326283 15.15, 18.15 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
3.ª semana de sensação
O notável filme mexicano em realismo passional
DESEJO CARNAL
Deve uma mulher ser fiel a um marido que não corresponde aos seus deveres sexuais

BERNA
T. 776098 14.00, 16.30, 19 e 21.15
Para todos
Os grandes sarilhos de um polícia em Saint-Tropez
O GENDARME EM FÉRIAS
C/Luís de Funès

VOX
T. 720808 14.15, 16.30, 19.00, 21.15.
(Não acons. a men. de 13 anos)
Uma história humana e realista
A VIDA COMEÇA AOS VINTE ANOS

ROMA
Tel. 727778 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
LOUCURA SEXUAL
Com Sandra Julien — Yves Vicent
Amanhã o mesmo programa

APOLO 70
Tel. 795093 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Para todos
Em 2.ª semana
Festival Apolo 70
Jerry Lewis e «O Herói do Regimento»
Às 24.00 Grupo D (18 anos)
JERRY, ENFERMEIRO SEM DIPLOMA
Amanhã às 11.00 (M. 6 anos)
DUMBO

LONDRES
Tel. 801313 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
A RIVAL
Com Bibi Andersson e Jean Piat
Hoje às 24.00 (Int. a men. 18 anos)
EMILIENNE

CASINO ESTORIL
T. 264621 17.00 e 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
SEGUNDOS PARA UMA FUGA

ROXY
Tel. 48560 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
EMMANUELLE NEGRA
c/ Karin Schubert e Angelo Infanti

S. JORGE
554153/4 15.15, 18.15, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
ABUTRES NA CIDADE
Dois polícias implacáveis contra o crime e a corrupção

TIVOLI
T. 570595 15.00 e 21.00
Não acons. a menores de 13 anos
Uma história imortal!
Um filme eterno!
E TUDO O VENTO LEVOU
Com Clark Gable, Vivien Leigh

RESTELO
T. 727778 21.00
Não acons. a menores de 13 anos
FUNNY LADY

AVIS
Tel. 47163 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
4.ª Semana
BOBBY
Amanhã o mesmo programa

ALVALADE
T. 897480 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A GUERRA DA CADONGA
Com Richard Widmark, Patrick Mc Gohen

ESTÚDIO
T. 555134 15.00, 17.00, 19.00, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
MEIA NOITE DE PRAZER
5.ª Semana

PATHÉ
T. 821933 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Int. a menores de 18 anos
LOUCURA SEXUAL
um filme de Marx Pecas

ESTÚDIO 444
Tel. 779095 15.30, 18.30 e 21.15
Não acons. a men. 18 anos
KAMASUTRA
Às 24 h.
LOUCURA SEXUAL

MUNDIAL
Tel. 538743 15.15, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
2.ª semana
CONFIDÊNCIAS DE UM LAVADOR DE JANELAS
N.º 1 do riso em Inglaterra

NIMAS
Tel. 574313 14, 16.30, 18.45 e 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
TUDO VAI BEM
Um filme de Jan Luc Godard
A história da crise de um casal c/Yves Montand e Jane Fonda um filme de Jean-Luc Godard

rádio

1.º Programa

15.00: Música na tarde; 18.00: Música portuguesa; 18.45: Campanha eleitoral; 19.45: Melodias; 20.00: Jornal da noite; 20.30: Jazz; 21.00: 17.º episódio do folhetim «Pão Incerto», de Assis Esperança, numa adaptação de Judite Navarro; 21.20: Contraponto; 23.05: Rádio revista, por Luís Pereira de Sousa.

2.º Programa

16.30: Cravistas; 17.00: A Orquestra de Câmara Gerard Cartigny; 17.30: Pequenas obras de grandes compositores; 18.00: Solos de piano; 18.30: Concerto sinfónico; 20.00: O violinista Ruggiero Ricci, acompanhado ao piano por Ernest Lush; 20.30: Sonatas; 21.00: Árias de óperas; 21.20: Música do século X ; 22.00: Concerto pelo Trio Pro Arte; 22.18: «Sonata all'Antiga», de Vittorio Rieti; 22.30: Trechos da ópera «La Wally»; 22.47: «A Valsa», de Ravel; 23.00: Festival de Verão em Helsínquia, 1975; 23.40: Música sinfónica; 00.30: Solos de piano; 01.00: Fecho.

3.º Programa

16.00: Emissão nacional; 16.15: Casos ao acaso, por Orlando Dias Agudo (repetição); 16.40: Música, por Bernardo Brito e Cunha; 17.10: Vamos ao médico, pelo dr. José Matildes; 17.30: Cinemas, por Carlos Pina; 18.00: Emissão regional — contacto; 21.15: Hora luterana; 21.30: Quando o telefone toca; 23.05: A música e as vozes.

4.º Programa

16.00: Música variada; 17.00: Canções; 18.00: Apenas música; 19.00: Em órbita; 20.00: Orquestras; 21.00: Concerto; 22.00: Auditório; 24.00: Prisma; 02.00: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

16.05: Sequência da tarde; 18.00: Boa viagem; 18.15: Palavra do dia; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Programa da Liga dos Amigos de Rádio Renascença; 20.00: Objectivo; 21.05: Pentagrama; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Temas vivos; 23.05: Trifónico; 23.30: Dicionário político; 02.00: Fecho.

DL

RENASCENÇA GRÁFICA S A R L
ADMINISTRAÇÃO GERAL
RUA CASTILHO 185 1.º 2.º
TELEF 654531/2/3/4
REDACÇÃO SERVIÇOS TECNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO 67
TELEF 321154/5 320221/2/3
RUA DA ROSA 75
END TEL DIÁRIO TELEX 12363
LISBOA PORTUGAL

CARTA A UM DESCONHECIDO

. Caro amigo: desculpe tratá-lo assim, mas como o estou a ver hesitante, perturbado, cheio de boas intenções democráticas e de dúvidas, atrevo-me a considerá-lo um companheiro e amigo, até prova em contrário. A dúvida é científica, pelo menos em certas circunstâncias, e as certezas são próprias de inconscientes ou de iluminados.

Por isso as suas hesitações e dúvidas, as suas dúvidas e perturbações, são compreensíveis, porque resultantes de boas e sãs intenções democráticas. Se pensa no futuro melhor deste povo, se deseja a democracia para este País, democracia a caminho do socialismo, se é isso que mais lhe importa, não se importe com as suas dúvidas, hesitações e perplexidades. qualquer que seja a sua prática política, você está certo, ou melhor, está no caminho certo. Porque em cada dia saberá analisar as contradições entre o que deseja e o que acontece. Em cada dia saberá rectificar os seus erros, enganos e ilusões. Em cada dia tirará um curso de cidadania. Em cada dia nascerá de novo.

Caro amigo: também pertenço ao número dos que tentam ouvir as várias verdades para irem, pouco a pouco, construindo a sua Verdade provisória, claro, enriquecida dia-a-dia, hora a hora. Visto que todas as horas são horas da verdade.

Caro amigo: queria um conselho de voto? Pois só te digo que votes nos teus desejos, nas tuas boas intenções, tanto quanto possível na tua verdade provisória.

MANUEL DE AZEVEDO

Comissão de Otelo protesta contra proibição de comício

Ao fim da manhã de hoje, a Comissão Nacional de Apoio à Candidatura de Otelo emitiu um comunicado no qual se refere à proibição do comício em que o candidato deveria participar na vila madeirense do Machico.

Sob o título «Atentado a liberdade na Ilha da Madeira», o comunicado refere que «chegou ao conhecimento da Comissão de Apoio à Candidatura de Otelo a ocorrência de graves acontecimentos lesivos das mais elementares liberdades democráticas por ocasião da visita do candidato à Ilha da Madeira.»

O comunicado prossegue afirmando que «o senhor governador da Madeira, brigadeiro Azeredo, proibiu a realização de uma concentração popular na vila do Machico evocando pretensos motivos de ordem burocrática. E quando Otelo, acedendo aos apelos do povo, se dirigiu ao Machico e falava ao povo, pelas 22 horas, de ontem, foi cortada toda a iluminação da vila, ao mesmo tempo em que a multidão era cercada por tropas vindas do Funchal em dez viaturas militares, acompanhadas de forças policiais.»

O comunicado afirma que o povo foi obrigado a dispersar sob a ameaça das armas, mas que, entretanto, «camponeses e pescadores, seguiram para as suas casas com mais forte vontade de lutar contra o fascismo e de apoiar o candidato da unidade popular».

Diz ainda o comunicado: «É perfeitamente inacreditável que um candidato à Presidência da República tenha sido proibido de contactar com as massas populares que exigiam a sua presença sobretudo numa campanha em que todos os dias os candidatos são chamados a comparecer em manifestações improvisadas.»

A Comissão Nacional de Apoio à Candidatura de Otelo estranha que motivos de natureza burocrática sejam evocados para justificar aquilo que classifica de «prepotência das autoridades em tudo semelhante ao que se fazia na nossa terra antes do 25 de Abril». Afirma também que «só não estranha que esses atentados à liberdade democrática tenham partido do mesmo governador que, ainda há poucos dias, ao apresentar nos estúdios da RTP no Funchal a mesa-redonda dos quatro candidatos, a seguir transmitida em diferido, se atreveu a insultar o candidato do povo trabalhador atropelando as próprias normas militares e civis e dando a maior prova de abuso do poder».

Emídio Santana e Beatriz Costa na Feira do Livro

Emídio Santana e Beatriz Costa estarão hoje, respectivamente às 18 e às 21 horas, na Feira do Livro, onde vão autografar exemplares de «História de um Atentado — O Atentado a Salazar» e «Sem Papas na Língua». Estas sessões, promovidas pelas Publicações Europa-América, realizam-se no pavilhão da Associação Portuguesa dos Editores e Livreiros.

Entretanto a Associação Portuguesa de Escritores divulgou um comunicado insurgindo-se contra notícias segundo as quais «determinado acontecimento comercial» (aparentemente a sessão de autógrafos de Fernando Ferreira, «Chico da CUF») se passaria no seu pavilhão da Feira. A Associação recorda o facto de não possuir ali «qualquer pavilhão ou **stand**».

MERCENÁRIOS EM TRIBUNAL

Advogados pedem clemência para a "escória da Humanidade"

. O julgamento dos treze mercenários brancos pela sua participação na guerra civil angolana termina hoje em Luanda. O comandante dos mercenários, «Callan», afirmou privadamente que antes preferia morrer do que estar preso muitos anos. Costa Georgiou, cipriota de nascimento e naturalizado inglês, não assistiu à maior parte da audiência de ontem. A sua advogada, dr.ª Maria Teresinha Lopes, disse que o seu constituinte estava muito «nervoso». «Callan», que é acusado de ser um assassino sádico, compareceu sempre no Tribunal algemado, ao contrário dos outros doze aventureiros britânicos, norte-americanos, irlandeses e argentino. «Que tudo acabe agora» disse «Callan» no termo do julgamento. A sentença, em princípio, será proferida amanhã à tarde

O fuzilamento para os treze mercenários, foi pedido pelo acusador público, Rui Monteiro, no decurso de um libelo acusatório que se prolongou por três horas e vinte minutos.

Disse, então, Rui Monteiro:

«Camaradas: no vosso nome e no de todos os camaradas caídos em combate, em nome de todas as pessoas do mundo assassinadas pelos canhões, rajadas de metralhadoras, obuses, granadas de fragmentação, espancamentos e enforcamentos do imperialismo, em nome de todos, camaradas, peço a pena de morte para estes treze homens.»

Por sua vez, adogados britânicos e norte-americanos concluiram a defesa dos mercenários com «um pedido de clemência em nome da humanidade».

De notar que dois advogados londrinos, seguindo a linha de defesa traçada pela equipa de defesa norte-americana, culparam o seu próprio Governo de não impedir os acusados de se deslocarem a Angola para lutarem por dinheiro.

Argumentando que os mercenários foram peões dos seus recrutadores, que por seu turno foram «lacaios de poderosas agências internacionais como a CIA», o advogado britânico Clive Stanbrook (vale a pena acentuar a sua frase) pediu clemência «em nome da humanidade para a escória da humanidade».

GOVERNO BELGA VAI IMPEDIR O TRÂNSITO DE MERCENÁRIOS

O Governo belga vai modificar a legislação vigente a fim de impedir o trânsito de mercenários pelo país — anunciou o informador do Ministério dos Negócios Estrangeiros em Bruxelas.

Referindo-se às alusões que têm sido feitas à Bélgica no decurso do actual julgamento em Luanda dos treze mercenários capturados com tropas da FNLA, o informador salientou, em primeiro lugar, que nenhum súbdito belga estava implicado no julgamento.

Quanto às declarações dos mercenários sobre a sua passagem pelo aeroporto de Bruxelas, declarou que alguns deles o haviam feito em condições de «trânsito», o que significa que juridicamente não entraram em território belga e as autoridades do país não podiam tomar qualquer medida contra eles.

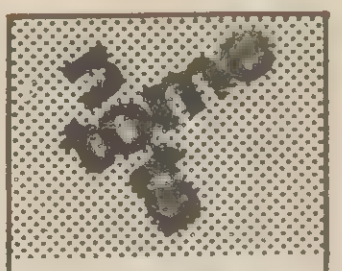
A concluir, anunciou que todos estes acontecimentos irão levar o Governo a adaptar a legislação actual, a fim de que, no futuro, se poderem tomar medidas contra os próprios mercenários, e não apenas, como actualmente, contra os que os recrutam.

«TIMES» POSTO EM CAUSA

O Governo angolano pediu ao enviado especial do jornal britânico «Times», Stewart Tendler, que abandone o território angolano.

Numa conferência de imprensa, Luís de Almeida, director-geral da Informação de Angola, indicou que esta medida não visava Tendler, um dos jornalistas «mais correctos e educados que se encontra entre nós», mas sim o órgão de Imprensa que ele representa.

Luís de Almeida indicou que o «Times» publicara, em 9 do corrente, sob a assinatura de Ian Hartford, um artigo injurioso para o povo e o Governo angolanos, sob o título «Quem mexe realmente os cordelinhos do Governo fantoche de Angola?».



Na Faculdade de Direito de Lisboa, para a cadeira de Ciência Política, aconselha-se a consulta de obras de Engels, Lenine, Marx e... Arnaldo Matos. Do «Mestre» teremos de estudar a sua obra (ainda não completa): «A Revolução deve avançar a todo o vapor». Ao que nos parece a obra deveria ser agora retirada. Uma pequena «paragem» para dar «vapor» à Revolução e à Faculdade.

Governo de Luanda nacionaliza a C.A.D.A.

O Governo da República Popular de Angola nacionalizou quarenta grandes propriedades agrícolas entre as quais se conta uma das maiores plantações de café do Mundo, com mais de quinze mil hectares

Segundo palavras do primeiro-ministro, Lopo do Nascimento, durante a abertura de uma campanha nacional para a colheita do café deste ano, a decisão do Conselho Revolucionário de Angola «tem por objectivo reforçar a nossa independência e a construção de uma sociedade sem exploração»

Lopo do Nascimento pormenorizou que a maior das empresas nacionalizadas foi a «C.A.D.A.» (Companhia Angolana de Agricultura) que constituía «o maior império do café em Angola e um dos maiores do Mundo». De acordo com o «Jornal de Angola», a «C.A.D.A.» ocupava cerca de 15 mil hectares (quase toda a província do Cuanza Sul), empregando mais de três mil pessoas.

Magistrados do M.P. apoiam declarações de Vasco Lourenço

. Delimitando-se da posição recentemente assumida pela Associação Sindical dos Magistrados Judiciais Portugueses, face às declarações do brigadeiro Vasco Lourenço sobre abusos da liberdade de Imprensa, o Sindicato dos Magistrados do Ministério Público tornou público um comunicado, no qual considera essas declarações «um desabafo corajoso sobre algo que se queda nas gargantas de cada um de nós, que apostámos numa sociedade mais justa e progressista».

Afirma este Sindicato: «Ao Povo Português não passa despercebida a proliferação de órgãos de comunicação social que em nome das liberdades restituídas em 25 de Abril, pretendem apenas liquidá-las. A liberdade por detrás da qual se escudam para lançar os seus ataques contra as instituições populares e os defensores das conquistas do Povo, não é a liberdade dos trabalhadores, mas sim a da burguesia. É urgente que se tome consciência de que a liberdade desta é contra a liberdade daqueles. Antes que seja demasiado tarde.»

Os magistrados do Ministério Público, apelam finalmente, aos administradores e serventuários da Justiça para que «ponderem devidamente a quem serve o Direito, a Justiça e a Liberdade em nome dos quais são absolvidos os inimigos das autênticas liberdades do Povo». É que — prossegue o Sindicato — «essa ponderação, mais do que a manutenção e defesa de mitos de independência e irresponsabilidade que só têm por fim camuflar a verdadeira justiça, conduzi-los-á a prestar um melhor serviço ao Povo em nome do qual é feita a Justiça. Sob pena de os tribunais servirem apenas, objectivamente, a contra-revolução».

Recorda-se que as declarações prestadas por Vasco Lourenço à Imprensa, por ocasião da visita ao Batalhão de Reconhecimento da Trafaria, incidiam sobre a escalada dos jornais reaccionários — designadamente «A Rua», que qualificou de «pasquim» — contra as instituições democráticas, atingindo também, incidentalmente, alguns juízes, que, segundo disse, teriam «medo de actuar». Estas afirmações foram de pronto vivamente contestadas pelos principais visados, designadamente «A Rua» e a Associação Sindical dos Magistrados Judiciais (juízes).

Suspeita de homicídio

As autoridades policiais aguardam o resultado da autópsia ao cadáver de uma sexagenária encontrada morta na sua residência, à Avenida 25 de Abril, a fim de apurar se se tratou de acidente, morte natural ou homicídio.

Trata-se de Natália Elisa Perestrelo Garcia, de 67 anos, cujo corpo foi encontrada ontem às 10 da manhã. A morte teria ocorrido durante a noite

Entretanto, as suspeitas de homicídio são apoiadas no facto, de, próximo do corpo, nas paredes e no chão, se notarem salpicos de sangue, o quarto remexido e uma alça do avental da sexagenária apertando (aparentemente) o pescoço.

Ainda assim, a Polícia Judiciária admite que a morte tenha ocorrido por motivo de doença súbita.

Para o apuramento do que se passou, será decisivo o resultado da autópsia.

Trabalhadores de hotelaria preparam Encontro Nacional

No Sindicato da Indústria Hoteleira decorreu ontem uma reunião preparatória do Encontro Nacional das Mulheres Trabalhadoras, marcada para o dia 24 de Julho próximo

O Encontro, promovido pela Intersindical, visa reforçar o movimento sindical através da participação das mulheres trabalhadoras, e esta a ser preparado em reuniões a nível de todo o País. Afirmou-se na reunião de ontem que a situação das trabalhadoras portuguesas se resume, na sua maioria, à utilização da sua força nos locais de trabalho e nas tarefas domésticas, ocupando-se o homem das questões profissionais que dizem respeito aos dois. Esta divisão vai beneficiar o capitalismo, daí a necessidade de as mulheres trabalhadoras se integrarem nos vários organismos criados a nível do trabalho

Aprofundar os problemas específicos da mulher trabalhadora é um dos temas principais do Encontro Nacional das Mulheres Trabalhadoras. Entre esses problemas destacam-se a falta de apoio à maternidade, discriminação salarial e legislativa.

Um heliporto no ex-C.I.C.A.P.

PORTO, 19 — O secretário de Estado da Saúde visitou ontem as instalações do CICAP onde deverá ser instalado o Instituto Superior de Educação Física do Porto. Este ocupará a zona a poente do grande edifício.

Deverão instalar-se ali, também, os serviços farmacêuticos daquele hospital e um heliporto

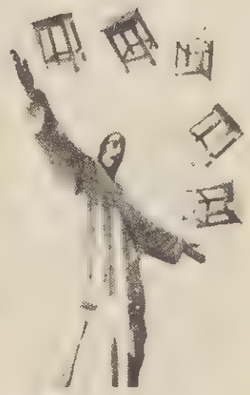
Mário Baptista no Norte

. . PORTO, 19 — No prosseguimento da sua viagem ao norte, o dr. Mário Baptista, secretário de Estado do Comércio Alimentar, teve hoje reuniões de trabalho em Viseu sobre actividades do seu departamento e visitou instalações dos vinicultores do Dão.

os bancos
antes da nacionalização

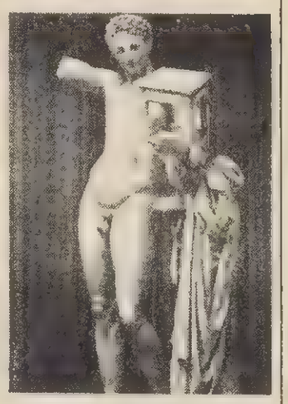
Aqui tiramos o cahpéu e oferecemos uma cadeira ao escritor poeta, pintor, museólogo e historiador António Aragão pelo seu trabalho «Os bancos antes da nacionalização». Numa altura em que os intelectuais portugueses, muitos deles, parecem envergonhar-se de escrever com humor — como se o humor fosse coisa reaccionária — o trabalho do director do Arquivo do Funchal, com colaboração fotográfica de Helmut M. Winkelmayer, é assim como uma lufada de ar fresco. Reproduzimo-lo hoje (parcialmente) que amanhã pode ser tarde.

Um banco comendo outro banco



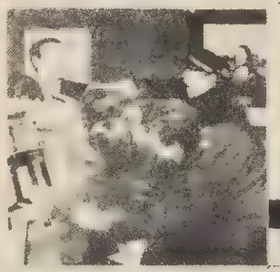
Agora sim. Eis o grande malabarismo da criação: bancos para todos e todos para os bancos

Mamas no banco

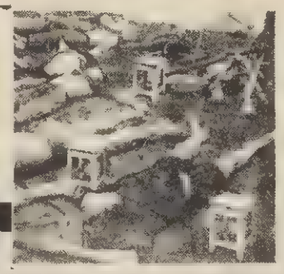


Hermes e o banco. Nova estátua grega recentemente descoberta

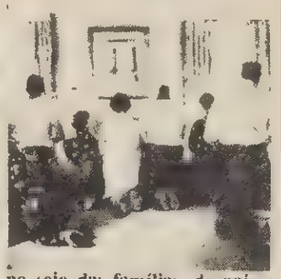
«O anjo tocando o seu banco». Escultura de Bernini. Diz-se que esta foi a obra mais inspirada do célebre artista



Um banco é uma obra de arte dos nossos dias. Tenta-se por todos os meios alcançar um ou mais bancos

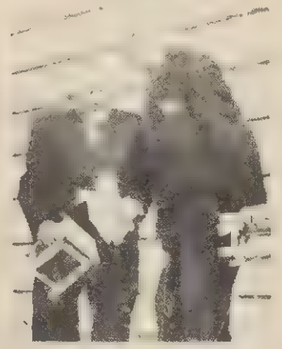


Os bancos sempre em toda a parte e todo o lugar



no seio das famílias, de pais e filhos, raros são os que não acreditam

Lembra-te que podes pertencer a um banco ou que num banco te podem sentar



Não há nada melhor do que cada um ter o seu banco; «Deixa lá ver se o teu é parecido ao meu»

bancu

12 de Junho de 1976

sete PONTO sete

AGENDA SEMANAL DL DOS TEMPOS LIVRES
ARTE, ESPECTÁCULO, PASSATEMPO & DIVERSOS

suplemento semanal

sete PONTO sete

cinema 6
jorge leitão ramos

10 teatro
carlos porto

discos 13
j. p. santos reis

15 gastronomia

música 18
mário vieira de carvalho

19 livros
luís de miranda rocha

televisão 21

Coordenação de Mário Lindolfo
Orientação gráfica de
Rodil Garcia e Luísa Cardoso
Lisboa, 19 a 25 de Junho de 1976

Uma acha para a semana

Mais uma acha para a ocupação dos seus tempos livres, é o que SETE-ponto-SETE traz esta semana, com um apontamento de reportagem sobre o Museu do Bombeiro e uma sugestão a que veja-você-mesmo. Em matéria de ver (e pensar) outro convite: o filme «Trás-os-Montes», de surpreendente qualidade, e já alvo da incompreensão por parte de quem se diz «ofendido». Se ainda for a tempo, aproveite também os últimos dias da Feira do Livro, e compre com desconto, porque não apenas o cão e o bacalhau são os melhores amigos do homem: os livros também.

Como SETE-ponto-SETE se propõe ser o seu guia semanal do que em matéria de diversão, distracção, passatempo, vai acontecendo neste país, aqui encontra hoje várias achegas. Para o de que livre lhe for sobrando (em matéria de tempo) nos sete dias da semana.

Acresce um aviso: como agenda, teríamos apenas que indicar onde e quando acontecem certas coisas: como suplemento «DL» fazemos questão de, a propósito, indicar ao leitor, em termos de crítica, o que é que o espera, sob o nosso ponto de vista. Daí que os espectáculos de massas (TV, cinema, teatro, músicas e não só) sejam necessariamente acompanhados de apontamento crítico.

Ficamo-nos pelo aviso: a escolha fará você.

19.35 A flecha negra
(esquive-se)

20.00 TV Palco
(actividades teatrais por Igrejas Caeiro)

20.30 Telejornal (1.ª edição)
(TJ 1 apresenta o primeiro N. P. E. — noticiário do país e do estrangeiro)

21.00 Campanha eleitoral
(falta três dias)

21.35 História dos jogos tlímpicos

22.00 Telejornal
(diferido e deferente)

22.30 Padre Brown
(um padre gozão, bem disposto, mordaz, vivo,

detective, como as pessoas comuns)

23.30 Telejornal (2.ª edição)
(segunda e última. Então, muito boa noite)

II Programa

20.25 Ver
(para crer. Dedicado às artes plásticas)

20.55 A falecida mãe da senhora
(a peça de Georges Feydeau, traduziu e adaptada por Sérgio Porthman. Interpretações de Benjamim Falcão (Luciano) Fernanda Borsatti (Ivone) e Carlos Rosa (José)

Sexta, 25

I Programa

19.00 O cavalo da terra cota
(série filmada. A cavalo dado não se olha o dente. Mas quem paga as taxas, quem é?)

19.30 Encontro
(às sete e meia)

19.55 Momento desportivo
(não jogo)

20.30 Telejornal (1.ª edição)
(há o trabalho à jorna, nos campos, e o telejornal nas cidades. Aqui, «basta saber ler»)

21.05 Terra a terra minha gente
(os burgueses a somar pontos)

22.20 Há só uma terra
(assim e, minha gente! Programa de qualidade apresentado por Luís Filipe Costa)

22.50 Bicicleta
(da Eurovisão, um resumo da Volta à França)

23.05 Telejornal (2.ª edição)
(não tenho trocado)

II Programa

20.00 Pipi das meias altas
(série filmada. Tranças, sardas, e o tal grão de loucura conformada)

20.05 Fronteiras do amanhã
(como vão viver os nossos netos, com os progressos da ciência a oferecer-lhes uma série de coisas boas e relaxantes)

20.40 Da saúde e da vida
(à saúde!)

21.00 Os Boussardel
(série-filmada-série)

21.55 Telejornal
(é a cara do outro. Difere dele)

22.30 Uma vida... uma profissão

SOLUÇÕES

A gente na ordem!

Raul Cubillas	1. d)
Jimmy Carter	2. e)
Roman Polanski	3. a)
Idi Amin Dada	4. c)
Jean Paul Sartre	5. b)
Mireille Mathieu	6. a)
Günter Grass	7. d)
Nicki Lauda	8. e)
James Callaghan	9. a)
Raul Solnado	10. b)
Lawrence Olivier	
Mikis Theodorakis	
Bernard Thevenet	
Anatoly Karpov	
Jack Nicholson	

Puxe pela bola

Palavras Cruzadas

HORIZONTAIS:

I/II-MAURICE CHEVALIER; 4-Rã; 6-Cali; 10-Cl; 15-Ámen; 16-VA; 17-LIV; 19-Id; 20-Aviso; 23-Arcar; 25/50-LANA NAVARRO; 26-Emes; 27-Édipo; 30-Em; 31-LII; 33-CW; 34-Áden; 35-ase; 38-Yale; 40-Sama; 43-Mi; 44-STJ; 46-Abatiam; 48-Ga; 49-Eu; 51-II; 52-Ilo; 53-Al; 55-SS; 56-Ni; 57-Reina-53-Lai; 54-Al, 55-SS; 56-Ni; 57-Reinara; 59-Saa, 62-Elsa; 63-Grãs; 64-Acalma; ma; 67-Rb; 69-Aos; 70-Rola; 71-Ao; 72-Drá; 73-aa; 74-Sã; 75/81-FLORBELA ESPANCA; 79-Coes; 80-Es.

VERTICAIS:

I-Mc; 2-Aliavam; 3-EC; 4-Rem; 5-Aveia; 6-Cl; 7-Aí; 8-Le; 9-Iríamos; 12-Havre; 14-Fl; 16/48/28/36-Valery Giscard d'Estaing; 18-Iam; 21-In; 22-Salde; 24-Cs; 26-EINSTEIN; 29-Io; 32-Ié; 33-Cambalearas; 34-Ali; 37-Amararão; 39-Amais; 41-Air; 42-Amolasses; 45/13-JULIE ANDREWS; 46-An; 47-Avai; 57-Rs; 58-Ará; 59-Salalé; 60-Ala; 61-Am; 65-Corfo; 66-Acabe; 68-Boa; 73-Ar; 76-Os; 77-És; 78-Ea.

Segunda, 21

I Programa

19.00 Paulo e Virgínia (e vão seis, episódios)

19.30 Teledesporto
(as competições do fim-de-semana)

20.00 A Bela Moleira
(musical do Porto)

20.30 Telejornal (1.ª edição)
(as primeiras notícias do dia)

21.00 Campanha eleitoral
(quatro candidatos)

21.35 Momento político
(a seis dias das eleições)

22.10 O canto do cisne
(a peça de teatro de Tchekov, numa tradução de Rui Sequeira. São intérpretes Santos Manuel e João Vasco. Realiza Oliveira Costa)

22.45 Telejornal (2.ª edição)
(a preceder o fecho)

II Programa

20.00 O sobrinho da América
(mais uma série filmada)

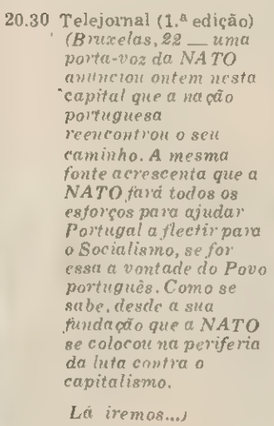
20.30 Encontro com o passado
(xafa!)

21.00 Evasões célebres
(para o leitor se

evadir: passatempos nas centrais)

22.00 Telejornal
(com a mesma qualidade do TJ 2 no I Programa: dinâmico, atractivo, incisivo, envolvente, chato)

22.30 TV Jazz
(querem ver que morreu!?...)



Terça, 22

I Programa

19.00 Os homens, os livros e as coisas
(não, não foi desta)

19.25 O regador mágico
(se o telespectador não protesta já, a série acaba e voltam mais tarde com ela a pretexto de ter sido «Êxito na TV...»

20.00 Ver
(as artes plásticas que o José Elyseu viu)

20.30 Telejornal (1.ª edição)
(Bruxelas, 22 — uma porta-voz da NATO anunciou ontem nesta capital que a nação portuguesa reencontrou o seu caminho. A mesma fonte acrescenta que a NATO fará todos os esforços para ajudar Portugal a flectir para o Socialismo, se for essa a vontade do Povo português. Como se sabe, desde a sua fundação que a NATO se colocou na periferia da luta contra o capitalismo.

Lá iremos...)

21.00 Campanha eleitoral
(a cinco dias do sufrágio universal)

21.35 As aventuras do barão Von der Trenk
(muito emocionante, o último episódio: o barão trenkou a esposa infidelíssima de um patusco que aparece na fita, que por seu turno patuscava com a boa da Czarina. Muito macho, brazonado e instrutivo)

22.25 Debate
(qual? como? onde? porquê? também quero!)

23.15 Telejornal (2.ª edição)
(as últimas antes do fecho. Camarada da composição, evite a gralha!)

II Programa

20.00 Vickie, o Vicking
(exito absoluto entre os mais pequenos. Contra Vickie não há passatempos)

20.30 Os Goodies
(good, goodies)

21.00 Passatempo
(nós também. Leia e divulgue Sete-Ponto-Sete)

21.50 Telejornal
(diferido. Autorizado)

22.30 Amores de poeta
(recital de canto pelo barítono José de Oliveira Lopes. Ao piano, Helena Sá e Costa)

Quarta, 23

I Programa

19.00 Formação
(mantenha-se em forma)

19.25 Impacto
(só depois de ver, como S. Tomé)

19.55 Educação permanente
(de acordo)

20.10 Vamos jogar no totobola
(prefiro a bisca, a sueca e o sete e meio)

20.30 Telejornal (1.ª edição)
(o que os jornais disseram, agora ao «televivo»)

21.00 Campanha eleitoral
(faltam quatro dias)

21.35 O barba ruiva
(só sabemos que foi realizado em 65, por Akira Kurosawa. Interpretações de Toshiro Mifune, Yuzo Kayawa e Tsotomu Yamazaki)

23.30 Telejornal (2.ª edição)
(últimas notícias)

II Programa

20.00 O mundo de Wodehause
(calma. É apenas o primeiro episódio)

20.30 Cancioneiro

20.55 Pesquisa
(quem pesquisa, acha)

21.55 Telejornal
(se ligar o I Programa, ainda apanha o barba ruiva)

22.25 Sabe...?
(sei muito bem: é apresentado e realizado por Rui Ferrão)

Quinta, 24

I Programa

19.00 Um mundo para descobrir
(outra colónia, querem ver?...)

Em casa de bombeiro

Nos seus tempos livres, e se calhar ser terça ou sexta-feira, e estar em Lisboa, dê uma saltada ali à Avenida D. Carlos, onde um dos museus mais esquecidos da cidade nos conta a história de homens que, ao longo de séculos, têm lutado contra todas as catástrofes.

O Museu do Bombeiro, situado discretamente (demais) no segundo andar do prédio do quartel-general dos Sapadores Bombeiros, tem instalações exíguas, e deficientes, até sob o ponto de vista de segurança. «Felizmente nunca tivemos cá nenhuma incêndio», comentou um bombeiro. O velho prédio, onde predominam azulejos e madeiras, há mais de um século que é a sede dos bombeiros lisboetas.

Para instalar o muse, parte do material, sobretudo as «donas Elviras» que no princípio do século serviram de «carros de combate ao fogo» teve de ser guardado provisoriamente na Mitra.

Poucos passam pelo museu da D. Carlos, se exceptuarmos grupos de crianças que os professores ali conduzem e que, segundo um bombeiro, «mais se interessam pelos carros e agulhetas do que pelo material exposto», e um ou outro turista que no «Livro de ouro» escreve que «este museu é notável, maravilhoso, formidável, gostei muito».

Experimente você passar lá um pouco do seu tempo livre (se é que o tem) e preste um pouco de homenagem ao «soldado (afinal também desconhecido) da paz».

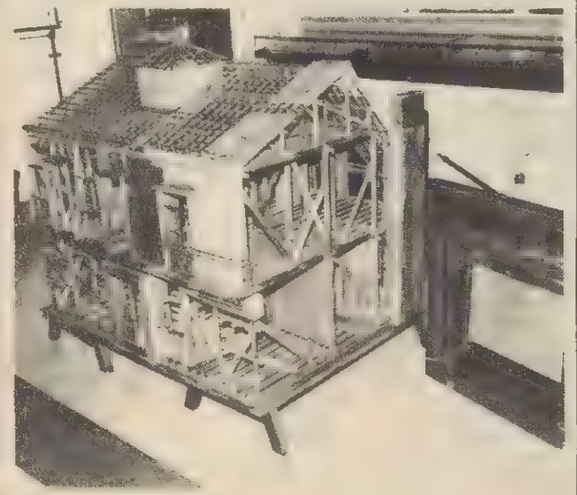
"Ó Maria, traz cá a escada..."

O último «magirus» chegou há um mês, da R.F.A.

Quando o sino tocava a rebate em 1900, o bombeiro corria a encher o barril de água e gritava para a mulher: «Ó Maria, traz cá a escada!». Depois tomava o seu lugar no carro puxado a cavalos que saía da Avenida D. Carlos, onde de barril e escada todos partiam para a cruzada que, na época, devia ser o combate ao fogo.
Hoje há alarme eléctrico, carros magirus» automáticos, camiões-cisternas, equipamento à prova de fogo, mas, tal como dantes, as razões por que alguém chama os bombeiros, são sempre as mesmas: incêndio, inundação, um cadáver no Tejo, um chave perdida, um gato no telhado, ou um macaco numa árvore. Recentemente, houve uma chamada inédita para o mais difícil dos fogos dos últimos anos: o incêndio no «metro». Ali foi usado o equipamento mais especializado dos sapadores bombeiros, para debelar um fogo que requereu o máximo de técnica. Ao mesmo tempo, uma senhora chamava os bombeiros para recuperarem um gato que se escapulira para telhados difíceis.
«Agora outro problema é o dos macacos» — contou um bombeiro. «Eles fogem para sítios muito altos e depois têm medo de descer».
O papel do bombeiro é acorrer a todas as situações em que possam perigar homens, animais, ou coisas.

O MUSEU E A VIDA

No museu, acolhem-se algumas provas materiais do que tem sido a «guerra» dos «soldados da paz». Desde a bomba de água que vem do reinado de D. João VI, os barris que os bombeiros da época carregavam às costas, até ao mais moderno equipamento dos homens-rãs. Em 1925, desembarcou o primeiro «magirus», o que deu novo incentivo a estas «forças da paz»: entrou-se numa fase que conduziria, dentro das limitações económicas que existiam e subsistem, ao progressivo melhoramento do material usado pelos bombeiros.
Em 1959, o incêndio na igreja de S. Domingos (reconstruído fotograficamente no museu) permitu pôr à prova equipamento e homens: dois minutos após o alarme os bombeiros já actuavam, usando mais de onze mil metros de mangueira. Aqui morreram dois «soldados da paz», captados, segundos antes da morte, num flagrante fotográfico, também exposto. Para fogos, cuja frequência tem aumentado nos últimos anos embora não tenham sido divulgadas oficialmente as estatísticas após 1972, os bombeiros sapadores de Lisboa contam ainda com os 750 homens, cujo número data, pelo menos, de há cinco anos.
Para estudo da «baixa» de hoje, uma estrutura em madeira de um edifício pombalino.



Esqueleto de um prédio pombalino: é aqui que os bombeiros aprendem como é que a «baixa» lisboeta é construída «por dentro»

O sino toca a rebate, e do quartel dos bombeiros (em 1900) sai este «exército de soldados da paz» para combate ao fogo

AS ESCADAS SÃO PARA OS OUTROS

Entre as coisas que as pessoas podem não saber sobre o bombeiro, será esta uma delas: por que é que os bombeiros descem por uma vara, e não pelas escadas, ou não dormem no rés-do-chão? Um bombeiro explica:
«Normalmente, dormimos por cima dos carros, e ao alarme descemos pela vara e ficamos logo prontos a partir».
O rés-do-chão dos edifícios é reservado para os carros, que estão sempre equipados para qualquer emergência: seja uma explosão num fábrica ou o gato da dona Aninhas que se encavalitou numa antena TV.
Outro ponto, será: como é que se faz a recruta?
«Bem, posso dizer que a recruta militar e uma 'brincadeira' comparada com isto» — disse-nos um bombeiro que tinha sido soldado. «Na recruta, aqui, é sempre a 'puxar', quatro horas de ginástica logo pela manhã, subir, descer, com coisas às costas.»
O bombeiro, em princípio, não pode sofrer de vertigens, deve ter reflexos rápidos, ser extremamente prudente, e, principalmente, corajoso.
E uma novidade: Lisboa vai ter as primeiras

Por cada um destes barris de água, que carregava às costas, o bombeiro recebia uma moeda

mulheres-bombeiros, em Barcarena, onde em breve começará a funcionar o primeiro curso do género. Até agora, as mulheres que cooperam com os bombeiros são voluntárias, que se encarregam de serviços de socorristas ou de condução. Em breve, elas também estarão no combate ao fogo.

Sábado, 19

I Programa

14.00 Telejornal (1.ª edição)
(a primeira selecção de notícias do dia)

14.10 Retrospectiva
(os principais acontecimentos desportivos no país e no estrangeiro)

14.30 Culinária
(com Mestre António Silva, na cozinha é um descanso)

15.00 Disciplina no desporto
(é urgente, a disciplina, também no desporto)

15.30 Série filmada
(trata-se do segundo episódio de «Família Powenz». Para o leitor que prefira em alemão: «Die Powenzband». Vem da RFA para «contrabalançar» com «Gente Desconhecida», da RDA. Atenção ao pluralismo!)

16.30 Fungagá da Bicharada
(de como é possível arrancar das crianças um sorriso amarelo)

17.00 Hóquei em patins
(transmissão directa de um desafio)

18.15 Concerto
(sinfonia opus 47 de Chostakovitch. A RTP crê que os telespectadores se pelam por Chostakovitch ao sábado, à tardinha, no I programa)

19.00 Stop
(Filipe Nogueira às voltas com os problemmas de trânsito. O agente da autoridade tem sempre razão)

19.20 Cinema de animação
(Vasco Granja está «por dentro» do desenho animado. Cinema de animação é um programa que se destaca e se recomenda)

19.45 Gente do amanhã
(eles hoje são quatro, amanhã serão milhões... bah!)

20.30 Telejornal (2.ª edição)
(notícias do país e do estrangeiro)

21.00 Campanha eleitoral
(Otelo, Eanes, Pato e Azevedo na corrida para Belém)

21.30 Jogos sem fronteiras
(divertido e, por vezes, hilariante. Participam a Itália, Inglaterra, Suiça, Alemanha, Holanda e França. Disputa-se em Nimes, na França, esta primeira eliminatória dos jogos sem fronteiras)

22.40 Diálogo directo
(Artur Portela (Filho) num bate-papo com Vasco Morgado. A julgar pela programação, o «Diálogo Directo» continua, apesar do acto censório da RTP que proibiu o diálogo com Otelo e que levaria o Artur Portela a dizer que, para ele, era o fim)

23.40 Telejornal (3.ª edição)
(as últimas do país e do estrangeiro, numa cuidada selecção da RTP)

II Programa

20.00 Recital
(obras de Mozart preenchem o programa)

20.30 As pedras e o Homem

21.00 Clássicos do cinema
(emissão dedicada ao cinema mudo português. Lauro António apresenta)

22.30 Telejornal
(duas horas depois, as notícias transmitidas no TJ 2 — primeiro programa)

Domingo, 20

I Programa

12.00 Missa de domingo
(é isso: se a religião é o ópio, a missa é a bandha)

12.35 Da vida e do povo

13.10 Expedição
(pelo jardim zoológico)

13.15 Desenhos animados

14.00 Telejornal (1.ª edição)
(muito boa tarde)

14.10 A mala de Hamburgo
(olha a mala!)

15.10 S. João no Porto
(documentário transmitido da cidade Invicta, sobre as festividades do dia de S. João, a 24 deste mês)

15.15 «As aventuras de Robinson Crusoe»
(longa metragem soviética baseada na obra de Daniel Defoe)

17.40 Presença do Brasil
(um programa ao ritmo do 24 de Abril. Presença do Brasil. Que Brasil, amigo?)

18.00 Os habituais palhaços
(os habituais não!!!)

19.00 Heidi
(primeiro, foram os isqueiros, os transistores e as máquinas fotográficas. Agora, trazem-nos uma Heidi-toyota de grandes olhos abertos, que é o enelevo do mercado de consumo)

19.30 TV Rural
(Sousa Veloso à espera de melhores frutos. Ele o disse)

20.00 Os Goodies
(o «nonsense» britânico)

20.30 Telejornal (2.ª edição)
(a frase: muito boa noite, esta é a segunda edição do Telejornal)

21.00 Campanha eleitoral
(quatro candidatos à Presidência da República aproveitam a seu modo os sete minutos e meio que a RTP reserva para cada um)

21.30 Telefutebol
(a TV em dia com o futebol, pois. Sobre o interesse desta modalidade, lembramo-nos da história daquele responsável que mandou suspender um torneio de xadrez porque a sala era precisa para uma importantíssima reunião de dirigentes de futebol. Os xadrezistas ficaram um bocado magoados com aquilo)

22.00 Série filmada
(top secret)

23.00 Telejornal (3.ª edição)
(terceira e última. «Por hoje é tudo»)

II Programa

20.00 Capitão Kloss
(uma série polaca em reprise)

21.00 Jogos sem fronteiras

22.00 Telejornal
(para quem não viu o Tejóta dois, às 20.30 no I Programa)

22.30 Cinema de animação.

Descubra Portugal viajando de comboio

Caminhos de Ferro Portugueses

Aspecto do interior a que ficou reduzido o prédio incendiado ultimamente na Régoa - Fachada do prédio incendiado - A autoridade condecorando os bombeiros da Régoa, pelos serviços relevantes prestados no incêndio, *Clichés do sr. António Teixeira* - No pavoroso incêndio na rua Direita de Vila Nova de Gaia, os inquilinos dos prédios atingidos fugindo á derrocada - Ruinas dos prédios incendiados na rua Direita de Vila Nova de Gaia, tomando o fogo incremento pela absoluta falta de agua - Outro aspecto do sinistro - O rescaldo no mesmo fogo - Durante o ataque - *Clichés ao sr. Alvaro Martins*

(in «ABC» de 11 de Agosto de 1921)

CINE/PONTO

QUO VADIS
de Marilyn Le Roy
(USA-1951)

O sistema de observação histórica de Hollywood (de que são exemplos típicos as superproduções bíblicas) não se reduz a uma primeira leitura inefavelmente reaccionária. Pelo contrário, o artificialismo e o desmesurado funcionam

frequentemente como fracturas num sistema de representação que se queria transparente, provocando, não raro, um curioso processo de distanciação e o subsequente gozo perante uma duplicidade escancarada.

Cinema Eden
(não acons. men. 13 a.)

O GÉNIO DO CRIME
de Robert Fuest
(USA-1974)

Num cenário clamorosamente kitsch, *um herói meticuloso e requintado em busca das fontes mais antigas da vida e para quem cada crime é uma preciosa encenação, uma peça de arte.*
Com um humor (negro) subtil e saboroso, «O génio do crime» é, para mais, um magnífico one-man show *de Vincent Price e uma viagem para um fantástico que tem mais a ver com o mundo impossível e delirante de (por exemplo) Bugs Bunny ou Silvester que com a «seriedade» dos* clássicos do género

Cinema Quarteto - Sala 3
(não acons. men. 19 a.)

CÂNTICO FINAL
de Manuel Guimarães
(Portugal-1973-74)

Este é um filme que dói. Para quem, como nós, conheceu o malogrado Manuel Guimarães e soube da sua urgência neste projecto, difícil é assistir a este seu filme inacabado (e que Dórdio Guimarães montou desastradamente) sem um nó na garganta. É que os erros, as falhas, são tantas que Cântico final «fica suspenso das nossas reservas de condescendência. O que definitivamente recusamos a Guimarães em nome mesmo da dignidade que sempre buscou.

Cinema S. Luís
(não acons. men. 13 a.)

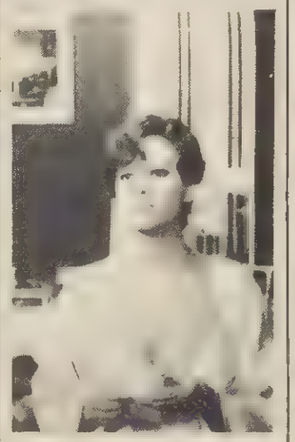
TRÁS-OS-MONTES
de António Reis
e Margarida Martins Cordeiro
(Portugal - 1974/76)

Já o dissemos', reafirmámo-lo em texto junto, que se trata de uma inebriante obra de cinema. Já o afirmaram alguns colegas nossos em diversos locais e com diversas formas. O público, ao que me dizem, não tem acorrido como seria de desejar. À direita, entretanto, aguça contra «Trás-os-Montes» as suas garras. E não só, claro, contra o filme.

Cinema Satélite
(para todos)

MEIA-NOITE DE PRAZER
de Marcello Fondato
(Itália - 1975)

Em matéria de prazer este filme destila-o em generosas

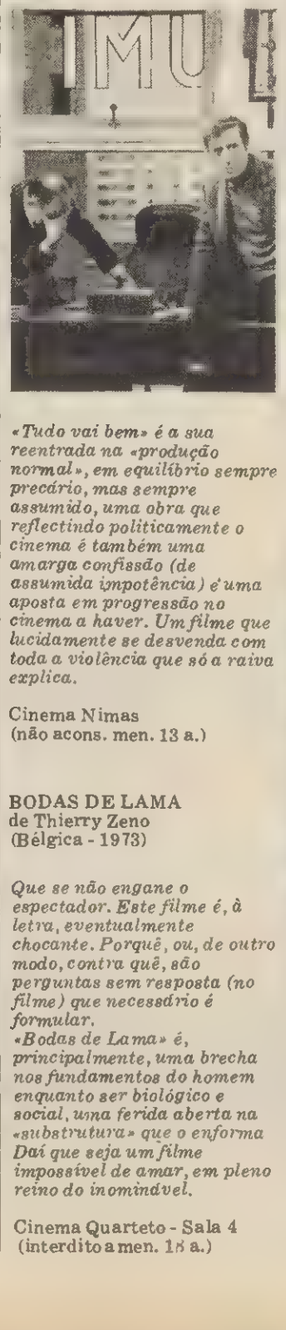


doses, para quem do cinema exija uma fusão do espectáculo com a crítica, do humor com a lucidez
Em matéria de actores este filme é o ponto de encontro de alguns dos melhores do cinema (italiano), sob a batuta de um Gianini em quem é urgente se repare com mais atenção.

Cinema Estúdio
(não acons. men. 18 a.)

TUDO VAI BEM
de Jean-Luc Godard
e Jean-Pierre Gorin
(França - 1972)

Godard (aqui em fim de ligação com Gorin) é um cineasta para quem o cinema se não segue mas se empurra.



«Tudo vai bem» é a sua reentrada na «produção normal», em equilíbrio sempre precário, mas sempre assumido, uma obra que reflectindo politicamente o cinema é também uma amarga confissão (de assumida impotência) e uma aposta em progressão no cinema a haver. Um filme que lucidamente se desvenda com toda a violência que só a raiva explica.

Cinema Nimas
(não acons. men. 13 a.)

BODAS DE LAMA
de Thierry Zeno
(Bélgica - 1973)

Que se não engane o espectador. Este filme é, à letra, eventualmente chocante. Porquê, ou, de outro modo, contra quê, são perguntas sem resposta (no filme) que necessário é formular.
«Bodas de Lama» é, principalmente, uma brecha nos fundamentos do homem enquanto ser biológico e social, uma ferida aberta na «substrutura» que o enforma Daí que seja um filme impossível de amar, em pleno reino do inomindável.

Cinema Quarteto - Sala 4
(interdito a men. 18 a.)

MACUNAÍMA
de Joaquim Pedro de Andrade
(Brasil - 1969)

O melhor cinema brasileiro, na esteira já última do cinema novo. Um filme tropical e desencontrado, truculento e saboroso. E a confirmação de Grande Otelo como um genial comediante.

Cinema Quarteto - Sala 2
(não acons. men. 18 a.)

E TUDO O VENTO LEVOU
de Victor Fleming
(USA - 1939)

Trata-se, como toda a gente sabe, de um dos clássicos mais clássicos e que, classicamente volta a ocupar os «écrans» e a atrair público. Com um dos casais eternos da mitologia hollywoodense (Clark Gable e Vivien Leigh), um filme que

fez suspirar os nosso pais (sobretudo as nossas mães) num tempo em que o cinema ainda não devolvia ao espectador a imagem da sua frustração mas tão-só o reflexo arregatado dos adolescentes sonhos em torno de um galã meio pai, meio amante e de uma mulher de armas, capaz de encher qualquer «sonho americano».

Cinema Tivoli
(não acons. men. 13 a.)

de S. Carlos
Direcção: Álvaro Cassuto

O Teatro de S. Carlos repõe em cena certas obras dramáticas de Mozart, de carácter híbrido, a meio caminho entre o teatro com música de cena e a ópera, ou talvez, neste caso, o «Singspiel».

Cooperativa AR-CO
Dia 26, às 21.30h.

MÚSICA DE CÂMARA

Obras de Debussy, Mozart e Haydn
Quinteto Varia
(flauta, harpa e trio de cordas)

SETÚBAL
Câmara Municipal
Dia 26, às 21.30h.

JAZZ

Conjunto «Plexus».

FARO
Conservatório
Dia 26, às 21.30h.

JAZZ

RÃO-KYAO
(trio)

FUNDAÃO
Dia 26, às 21.30

RECITAL DE VIOLONCELO E PIANO

Maria José Falcão; Olga Prats

(mesmo programa do dia 19)

JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO SOL

CONCERTOS POPULARES

Domingo, 20 de Junho de 1976-às 17 h.

AUDITÓRIO DO PAVILHÃO DE CONGRESSOS

ESTORIL

CORAL PHYDELLIUS

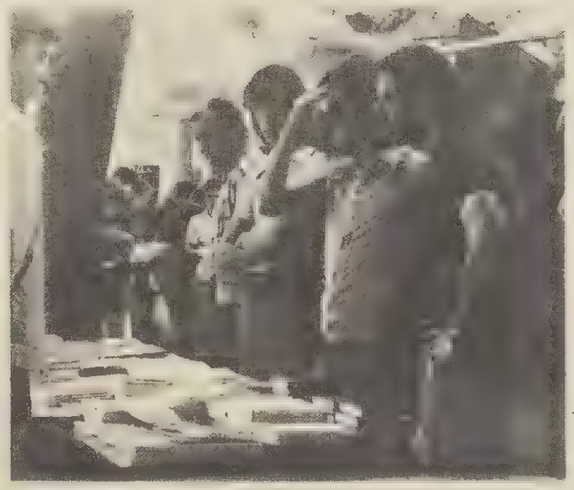
DIRECÇÃO: JOSÉ ROBERT
OBRAS DE: Jannequim, Gesualdo, Lopes Morago, Duarte Lobo, Hindemith, Nin-Culmell e Lopes-Graça.

PREÇO ÚNICO 15$00

a PONTO e virgula

EDITAR É LUTAR

Este é o último fim-de-semana que a Feira do Livro de Lisboa estará aberta, ali à Av. da Liberdade. Se ainda lá não



foi, aproveite as tardes de sábado para visitar os 80 «stands» com cerca de 20 mil livros de 66 editores. Na segunda e na terça, também ainda lá pode lá ir, das 17 às 24. Na quarta, encerra a Feira.
Na Feira, como já deve saber, os livros têm 20 por cento de desconto, além do «livro do dia» que cada editora apresenta a custo muito abaixo do normal.
Enquanto se aproxima o fim do certame, editores e livreiros fazem o «balanço» destas duas semanas de venda directa ao público, prometendo divulgar dados precisos após o encerramento.

A proveitando o concurso público no local, alguns partidos (sobretudo organizações que se reclamam de «maoistas» e «marxistas-leninistas») montaram bancas para vender folhetos, livros, e outra literatura, além de «souvenirs» que incluem caixas de fósforos com o retrato de Mao ou colantes dos respectivos partidos.

Como feira e local de convívio, também lá foram montadas as barracas de comes-e-bebes e as indispensáveis «farturas» que uma tenda-rolante permite fabricar e vender ao ar livre da Av. da Liberdade.

Este ano, pela primeira vez, grades foram montadas com o intuito de proteger a parte central ajardinada do passeio onde foi instalada a feira: tarde de mais, pois no local já não há relva e as flores estão a morrer.

Como lição desta Feira, uma frase de um «stand» que nos recorda que «se escrever é lutar, editar também é».

PONTO contra PONTO

S. Luiz
Dia 19, às 17.00h.

MÚSICA DE CÂMARA

Corelli:
«Concerto Grosso, op. 6, n.º 9»

Peixinho:
«Elegia»

Telemam:
«Suite em lá menor»

Orquestra da «ADIMUS»
Direcção: Álvaro Salazar

Primeira apresentação da orquestra constituída pelos membros da Associação para Divulgação da Música de Câmara («ADIMUS»), que congrega os mais categorizados jovens músicos portugueses

Academia de Amadores de Música
Dia 19, às 21e30h.

MÚSICA CORAL

Obras de Gesualdo, Jannequim, Victoria, Lopes Morago, Hindemith, Lopes Graça, e cantos tradicionais cubanos

Coral «Phydellius» de Torres Novas
Direcção: José Robe

Um coro amador que exibe uma craveira interpretativa que lhe permite rivalizar com os profissionais. De notar, entre as xxas de Lopes Graça, a primeira audição em Lisboa do «Canto da Morte de Todos os Militantes de Esquerda Assassinados pela PIDE», sobre poema de Ary dos Santos.

CALDAS DA RAINHA

Casa da Cultura

Dia 19, às 21.30h.

CONCERTO CORAL

Hammerschmidt, Heinrich Albert, Melchior Franck, Hans Léo Hassler, Lopes Morago, Manuel Cardoso

Coro da Igreja Evangélica Alemã
Direcção: Sibertin-Blanc

Música da melhor tradição coral religiosa alemã e ibérica.

SETÚBAL

Câmara Municipal
Dia 19, às 21.30h.

RECITAL DE VIOLONCELO E PIANO

Schumann, Debussy, Freitas Branco, Lopes Graça

Violoncelo: Maria José Falcão
Piano: Olga Prats

Programas predominantemente contemporâneo, com duas concertistas que constituem um excelente conjunto de câmara.

FARO

Sé
Dia 19, às 21.30h.

RECITAL DE ÓRGÃO

Carlos Seixas, Rodrigues Coelho, António Carreira, C.-Ph1E. Bach. J.S. Bach.

Órgão: Simões da Hora

Jovem e estudioso organista português, muito dotado na interpretação de autores dos séculos XVII e XVIII.

COVILHÃ
Ginásio do Liceu
Dia 19, às 21.30h.

JAZZ

«Plexus»

Aula Magna
Dia 23, às 15.30h.

CONCERTO CORAL-SINFÓNICO

Schubert:
«Sinfonia n.º3»

Paulene:

«Quatro Orações a S. Francisco de Assis»

Britten:
«Cantata Misericordiam»

Tenor: Fernando Serafim
Barítono: José Oliveira Lopes
Coro e Orquestra Gulbenkian.
Direcção: Fernando Eldoro

Obras contemporâneas raramente ouvida n como de Pailene e Britn num programa onde os solistas e o Coro Gulbenkian terão, decerto, as maiores responsabilidades. Fernando Eldoro: uma interrogação.

Academia de Amadores de Música
Dia 24, às 21.30h.

MÚSICA DE CÂMARA

B. Marcello:
«Sonata em sol maior)
(viola e cravo)

Vivaldi-Bach:
«Concerto em dó maior»
(cravo)

Haendel:
«Sonata em dó menor»
(oboé e cravo)

Jacob:
«Sonatina»
(oboé e cravo)

Britten:
«uatro Metamorfoses»
(oboé solo)

Bach:
«Prelúdio, Sarabanda e Giga»
(viola solo)

Vivaldi:
«Gavotte com variações»
(viola e cravo)

Lopes-Graça
«Qutro peças para cravo»

Piola: Anabela Chaves
Oboé: Andrew Swinnerton
Cravo: Maria Malafaia

Mais Britten, agora para oboé solo. Uma primeira audição de Lopes-Graça. A arte superior dos três solistas, através de um programa eclético.

Igreja do Sagrado Coração de Jesus
(R. Camilo Castelo Branco)
Dia 25, às 21.30h.

CONCERTO CORAL-SINFÓNICO

(repetição do qrograma do dia 23)

Teatro S. Carlos
Dia 26, às 16.00h.

ÓPERAS DE MOZART:

«Thamos, Rei do Egipto»

«O Empresário»

Intérpretes:
Elisette Bayan, Helena Pina-Manique, Álvaro Malta, Vasco Gil, Fernando Serafim
Coro e Orquestra do Teatro

O HERÓI DO REGIMENTO
de George Marshall
(USA - 1957)

É um filme com Jerry Lewis mas não basta. Porque se é ele e só ele que nos sustém a cadeira, o resto não está à altura. O que é lamentável.

Cinema Apolo 70
(para todos)

LIZTOMANIA
de Ken Russell
(G.B. - 1975)

Aqui, camaradas, atenção! O jogo do esperto (vulgo conto do vigário) já não leva ninguém. Exibicionismos megalómanos e pretensamente provocatórios são qualquer coisa de tão frígido

que nos deixam imunes. Claro que quem se lixa é o Wagner e o Lizt que não foram ouvidos nem achados. E o espectador, claro, que paga e não vê coisa nenhuma com um mínimo de jeito. Claro que há a sequência chaplinesca mas são só três minutos o que é muito, muito, muito pouco.

Cinema Caleidoscópio
(não acons. men. 18 a.)

Alvalade
(Av. de Roma,
tel. 89 74 80)

«As maravilhas da Natureza»
(M/13)

Sessões: 15.30 e 21.15 h

Apolo 70
(Av. Júlio Dinis 10-A.
tel. 76 33 19)

«O herói do regimento» (M/6) com Jerry Lewis, realização de George Marshall

Sessões: 14, 16.30, 19 e 21.15 h

Arco Iris
(Portas de Santo Antão.
tel. 36 17 00)

Sábado — «O seu nome era Espírito Santo» (M/14)
Domingo — «A espada relâmpago» (M/14)
Segunda — «El Cid, o campeador» (M/10)
Terça — «Tratamento de choque» (M/18)
Quinta — «Zorro o vingador» (M/14)
Sexta — «Agulhas de ouro» (M/18)
Sessões: 15.15 e 21.15 h

Avis
(Av. Duque d'Ávila 45.
tel. 4 71 63)

«Bobby» (M/13) com Rish Kapoor e Dimple Kapadia. realização de Rajka Poor
Sessões: 15.15,18.15 e 21.15

Berna
(Av. Marquês de Tomar.
tel. 77 60 98)

— «O Gendarme em férias» (M/6) um filme de Jean Girault, com Louis de Funes
Sessões: 14, 16.30, 19 e 21.15 h

Caleidoscópio
(Campo Grande — Lisboa.
tel. 79 41 41)

— «Lisztomania» (M/18) um filme de Ken Russell
Sessões: 14, 16.30, 19 e 21.15 h

Castil
(R. Castilho — Edifício Castil.
tel. 55 58 47)

— «Amor entre menores» (M/18) um filme de R. B. Winston
Sessões: 15.30, 18.30 e 21.15

Cinearte
(Lg. de Santos,
tel. 66 04 46)

Sábado e domingo — «Os dois missionários» (M/6)
Segunda e terça — «Tipos duros» (M/18)
Quarta e quinta — «Prazeres

Trás-os-Montes

Um filme, isto é, imagens e sons organizados a passarem 24 vezes por segundo, pode, de repente, ultrapassar essa sua simples condição e ascender ao nível do símbolo, da arma, do facto social e político importante.
Tal é o caso, neste momento, de «Trás-os-Montes».
E no entanto dir-se-á, à primeira vista, paradoxal que tal aconteça com um filme onde não há armas, nem ocupações de terras, nem operários em greve, nem esquerda em movimento, nem nada daqueles sinais exteriores e aparentes que levam as pessoas a rotular um filme de «político», de «interveniente».
Foi no entanto deste filme que a direita pediu a pura e simples destruição. Foi este filme que o conhecido órgão da Imprensa regional «Mensageiro de Bragança» (edição de 7/5/76) classificou de sinistro, de farsa, de afronta, de faccioso, de alienante, de macacada e de outros epítetos afins. E, afinal de contas, porquê?
Porque «Trás-os-Montes» é, sem reservas, um acto de amor. Acto de amor por um povo, por uma terra, por uma cultura. Porque «Trás-os-Montes» grava, indelevelmente, os sinais de uma resistência secular, as pedras, as lendas e os rostos de um Nordeste cadinho de antigas civilizações, espaço concreto onde se fica e se parte, se vive e se morre. Porque, finalmente, «Trás-os-Montes» é um filme que fala dos explorados e dos esquecidos como nunca ninguém falou neste País, sem paternalismo, sem condescendência, antes com o calor fraternal de quem solidário se sente, companheiro se afirma. Daí a verticalidade, a firmeza, desta obra que se não limitou a registar, a olhar, mas soube, previamente compreender uma realidade, amá-la, e só depois sobre ela se debruçou, atenta, nervosa, calorosamente brilhante.
«Trás-os-Montes» é daqueles filmes que abrem portas. Poucos filmes o fazem em toda a História do cinema. Este é um deles. Nunca como aqui o cinema atingiu a completa fusão daquilo que artificialmente se convencionou chamar de «géneros». Divisão operada no campo do cinema como se o real (o real do filme, entenda-se) fosse espartilhado e cindível em pequenas unidades autónomas. António Reis e Margarida Martins Cordeiro escolheram a globalidade, o filme total. Por isso «Trás-os-Montes» não é nem documento nem ficção, não é prova nem poesia. «Trás-os-Montes» é um filme abertamente inteiro, capaz de conter em si, em acabada unidade, todos esses vectores.
Esta película é ainda, por outro lado, um meticuloso trabalho sobre os materiais cinematográficos. A imagem e o som, claro, mas sobretudo o tempo, a duração, a exacta definição dos clímaxes e dos períodos de descontracção, das esperas e das angústia, da beleza ofuscante e da tristeza. Dir-se-ia que este filme materializa os próprios sentimentos, como transforma em poesia os factos duros e concretos. Dir-se-ia que «Trás-os-Montes» está no exacto instante em que tudo se queda, por entre rios e montes e gritos e partidas, todas as viagens sem regresso, os nossos sonhos e a urgência, a intranquilidade e por fim a paz dos amplexos de amor, os melhores.
Por tudo o que «Trás-os-Montes» levanta a direita teme-o. Politicamente está provado (se necessário fosse) que a subversão da sociedade burguesa se pode fazer com a simplicidade de um gesto de amor por um povo. E que aí, nesse espaço concreto e vital, pressente-se uma força inaudita, insuspeitada por muitos, sabe-se das noites e das albas em que se chora, se aguenta e se resiste.

de vigario» (M/18)
Sexta — «Fuanny Lady» (M/13)
Sessões: 15.30 e 21.15 h

Cinebolso
(R. Actor Taborda 27-B. tel. 57 34 07)

— «Relações escaldantes (M/18) com Talie Cochrane, Margie Lane e Billy Busy
Sessões: 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30

Condes
(Av. da Liberdade 2 tel. 32 25 23)

«Emmanuelle negra» (M/18) com Emmanuelle e Karin Schubert
Sessões: 14, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Eden
(Pr. dos Restauradores 21. tel. 32 07 68)

— «Quo Vadis» (M/13) com Robert Taylor, Deborah Kerr, Peter Ustinov e Leo Genn
Sessões: 14.15, 18 e 21.15 h

Estudio
(Al. Afonso Henriques 35 tel. 55 51 34)

— «Meia noite de prazer (M/18)
Sessões: 15.30, 18.30 e 21.15 h

Estudio 444
(Av. Defensores de Chaves 83-B. tel. 77 90 95)

— «Kamasutra» um filme de Kobi Jaeger
Sessões: 15.30, 18.30 e 21.15 h

Europa
(R. Almeida Sousa 35. tel. 66 10 16)

«Convém fazer bem o amor» (M/18)
Sessões: 15.15 e 21.15 h

Imperio
Al. Afonso Henriques 35 tel. 55 51 34)

Os Biliões sem ascensor» (M/13)
Sessões: 15.15, 18.30 e 21.15 h

Jardim Cinema
(Av. Pedro Alvares Cabral. tel. 68 11 17)

Sábado — «Os quatro malucos do supermercado» (M/6)
Domingo — «O dia dos sete lobos» (M/18)
Segunda — «Filme de amor e anarquia» (M/18)
Terça — «O estranho caso da senhora W» (M/18)
Quarta — «O maneta de ferro» (M/18)
Sessões: 15.30 e 21.15 h

Londres
(Av. Roma 7-A. tel 80 13 13)

— «A Rival» (M/18) com Bibi Andersen e Jean Piat
Sessões: 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Monumental
(Pr. Duque Saldanha. tel. 55 51 31)

A História de uma freira» (M/13). Real. de Fred Zinnemann, com Audrey Hepburn
Sessões: 15.15, 18.15 e 21.15 h

Mundial
(R. Martens Ferrão 12-A. tel. 53 87 43)

«Confidências de um lavador de janelas» (M/18) com Anthony Booth e Linda Heyden
Sessões: 15.15, 18.30 e 21.15 h

Nimas
(Av. 5 de Outubro. tel. 57 43 62)

«Tudo vai bem» (M/13) com Jane Fonda e Yves Montand
Sessões: 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Odeon
(R. Condes 4-2.º. tel. 32 62 83)

Desejo carnal» (M/18)
Sessões: 15.15, 18.15 e 21.15 h

Paris
(R. Domingos Sequeira. tel. 66 22 30)

Sábado e domingo — «Noitadas de Paris» (M/18)
Segunda e terça — «A última testemunha» (M/18)
Quarta e quinta — «O Protesto» (M/13)
Sexta — «Mr. Majestyk» (M/18)
Sessões: 15.15 e 21 h

Pathe
(R. Francisco Sanches 152 tel. 82 19 33)

— «Loucura sexual» (M/18) um filme de Max Pecas, com Sandra Jullien e Yves Montad
Sessões: 14.45, 18 e 21.15 h

Pátria
(R. do Grilo. tel. 38 12 03)

Sábado — «Agulhas de ouro» (M/18)
Domingo — «Farfillon» (M/10)
Terça — «O dia dos sete lobos» (M/18)
Quinta — «O Marquês de Sade» (M/18)
Sexta — «Luta sem tréguas» (M/18)
Sessões: 21.15 h

Politeama
(R. Portas Santo Antão. tel. 32 63 05)

— «Os barbeiros da Sicilia» (M/6) com Franco Franchi e Ciccio Ingrassia
Sessões: 14.15, 16.30, 19 e 21.15 h

Promotora
(Lg. do Calvário. tel. 63 71 80)

Sábado e domingo — «Iniciação carnal» (M/18)
Segunda — «O silencioso» (M/14)
Terça — «Golpe por golpe» (M/18)
Quarta — «Minha mulher é um violonsexo» (M/18)
Quinta — «Marcada pelo destino» (M/18)
Sexta — «Asfalto quente» (M/18)
Sessões: 21.15 h

Quarteto
(Av. E. U. América. tel. 77 13 78)

SALA-1

A história de um patife»
Sessões: 15, 17, 19, 21 e 23 h.

SALA-2

«Macunaíma»
Sessões: 15, 17, 19 e 21 h.

SALA-3

Sala 3
«O Génio do crime»
Sessões: -4,45, 17, 19 h.

SALA-4

quarta-feira estreia: «Há lodo no cais»
Sessões: 15,17, 19 e 21.15 h.

Rocio
(R. Sapateiros 225 tel. 36 98 22)

Sábado e domingo — «A fúria do dragão» (M/18)
Segunda — «O tigre pela cauda» (M/14)
Terça «O intruso volta a atacar» (M/10)
Quarta — «A espada relâmpago» (M/18)
Quinta e sexta — «Metello» (M/18)
Sessões contínuas a partir das 14.30 h

Roma
(Av. Roma. tel 72 91 93)

Loucura sexual» (M/18), um filme de Max Pecas, com Sandra Jullien e Yves Montand
Sessões: 15.30, 18.30 e 21.15 h

Roxy
(Av. Almirante Reis 20. tel 4 85 60)

— «Emanuelle negra» (M/18) com Emanuelle e Karin Schubert
Sessões: 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

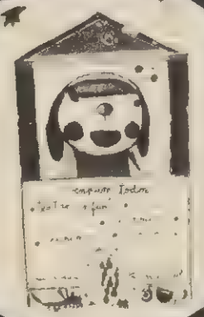
Royal
(R. Graça 100. tel. 86 50 37)

Sabado Domingo e Segunda: «Corrida dos malucos

S. Jorge
(Av. Liberdade 175. tel 5 41 51)

— «Busting» — Abutres na cidade (M/18), com Elliott Gould e Robert Black
Sessões: 15.15, 18.15 e 21.15 h

Actividades infantis



CASA DA COMÉDIA

Rua Francisco Borja, 24
(às Janelas Verdes)
Telefone 60 72 99
Lisboa

3.ª e 6.ª-feiras das 17 às 19 h

Oficina de expressão artística aberta a crianças dos 7 aos 12 anos destinada aos filhos dos sócios e às crianças do Bairro que a pretendam frequentar

JUNTA DE FREGUESIA DE OEIRAS

Marquês de Pombal, 42-1.º-Dt Oeiras

Sábados às 16 h
e Domingos às 9 h

Desporto, Artes Plásticas
Fantoches e Música

CENTRO DE ANIMAÇÃO DE FANTOCHES

DO TEATRO DA BRANCA FLOR

F A O J
Rua Almeida Brandão 39
Lisboa

4.ª e 5.ª-feiras a partir das 15 h

Cursos de Fantoches

MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA

Rua das Janelas Verdes
Lisboa

3.ª-feiras às 10 30 h
5.ª-feiras às 17 30 h

«Oficina de Actividades de Expressão Artística»
(a partir de 6 anos de idade)

MUSEU NACIONAL DOS COCHES

(A funcionar provisòriamente no Museu da Marinha em Belém)

Crianças dos 5 aos 12 anos
Cursos teóricos e práticos
de 4 a 5 semanas

Sabados das 14 30 às 18 30 h

«Cursos de Artes Plásticas para Crianças»

QUADRUM

CORUCHÉUS

Rua Alberto Oliveira, 52
(Alvalade) — Lisboa
Telefone 77 97 23

Todos os Sábados
das 15 às 17 h

«Pintura Livre Infantil»

T.N.T.

Praça José Fontana, 2
Telefone 574037
Lisboa

o seu elenco de Teatro Infantil o *T I L — Sabados e Domingos* às 16 horas

«O Rapto das Cebolinhas» de Maria Clara Machado encenação de Rui Luís

TEATRO DA CORNUCÓPIA

Teatro do Bairro Alto
Rua Tenente Raúl Cascais 1-A
(a S Mamede)
Telefone 66 15 15
Lisboa

4.ª-feiras depois das 15 30 h
Sábados às 16 h

«Músicas Mágicas»
de Catherine Dasté
(A partir de 23 de Junho)

TEATRO DA BRANCA FLOR

Teatro Municipal de S. Luís
Rua António Maria Cardoso
Telefone 32 61 72
Lisboa

Sábados às 15 30 h

«Marionettes de Lília da Fonseca»

TEATRINHO TICO-TICO

Teatro Municipal de S Luiz
Rua António Maria Cardoso,
Telefone 32 61 72
Lisboa

Domingos às 15 30 horas

«A Velha Ferrunfunfelha» de Abreu e Sousa e Atayde Perry

garfo, faca & guitarra

Adega Machado
(R. Norte, 91
tel. 36 00 95)

Loulé Bravo
Benvinda da Cruz
Fernanda Pinto
Marina Rosa
Alfredo Marceneiro (filho)

Na linha de uma tradição, o nome de Alfredo Marceneiro (filho). Loubet Bravo, artista com raízes na canção radiofónica é a outra opção do programa.
cons. mínimo: 86 esc.

Arreda
(R. Alexandre Herculano, 3 — Cascais
tel. 28 38 64)
Alfredo Marceneiro
Beatriz da Conceição
Zé Parcana
e outros
Colaboração de amadores e artistas convidados.

Na clássica via popular da «canção nacional», o cartaz aqui é valorizado pelas intervenções dos espontâneos. Um convívio mais saudável e mais autêntico, portanto, com o inesperado a aguçar o apetite.

cons. mínimo: 60 esc. e 70 esc. (aos sábados)

Cesária
(R. Gilberto Rola, 20
tel. 66 57 45)

Jorge Braga
Alice do Carmo
cons. mínimo: 73$50 esc.

Estribo Clube
(Casa St.ª Isabel — Est. Birre — Cascais
tel. 28 92 73

Fadistas amadores
cons. mínimo 74 esc.

Faia
(R. Barroca, 56
tel. 36 93 87)

Lucília do Carmo
Carlos do Carmo
Maria Albertina
Maria do Rosário
Arminda da Conceição
Moniz Trindade

Lucília do Carmo, um dos maiores nomes do cartaz do Fado de ontem e de hoje. Com Alfredo Marceneiro, uma presença exemplar de fidelidade ao tom maior de uma canção que se tem corrompido por êxitos oportunistas. Uma chamada especial para a execução dos acompanhadores. E para Carlos do Carmo, já se sabe.

cons. mínimo: 115 esc.

Forcado
(R. da Rosa, 219
tel. 36 85 79)

Mariana Silva
António Rocha
cons. mínimo: 86$50 esc.

Lisboa Noite
(R. das Gáveas, 69
tel. 36 85 57)

Fernanda Maria

Manuel de Almeida
Nazaré
Florinda Maria

Manuel de Almeida deve às suas interpretações fulgurantes do «Fado corrido» muito do seu nome de cartaz. Em destaque e também Fernanda Maria.

cons. mínimo: 150 esc.

Luso
(Trav. da Queimada, 10
tel. 36 28 89)

Zirita
Esmeralda Amoêdo
Armando Morais

cons. mínimo: 90 esc.

Pinoca
(Sr.ª do Monte, 43, à Graça
tel. 86 75 18)

Gilda de Castro
Maria do Monte
João Casanova
Norberto Martinho
Artur Batalha

cons. mínimo: 100 esc.

Fadistas amadores
cons. mínimo 74 esc.

Timpanas
(R. Gilberto Rola, 24
tel. 67 24 31)

Celeste Maria
Artur Santos
Trio Odemira
Lina Santos

cons. mínimo: 110 esc.

Severa
(R. das Gáveas, 51
tel. 36 40 06)

Alice Maria
Manuel Fernandes

Manuel Fernandes, um profissional de longa carreira, salienta-se no conjunto da Severa com as suas interpretações na linha do fado-canção.

cons. mínimo: 125 esc.

Toca do Patrício
(Lg. Pedro J. Gomes Jr., 15 — Sacavém tel. 251 17 23)
Fado Vadio (às sextas e sábados)
sem consumo.

Viela
(R. das Taipas, 14
tel. 32 72 56)

Berta Cardoso
Sérgio
Beatriz Ferreira
Maria José Ramos

Destaque para uma figura histórica do Fado: Berta Cardoso. Estão nela os ecos de uma Lisboa castiça constelada por artistas de primeira grandeza que deram à «canção nacional» a sua carta de independência.
cons. mínimo: 100 esc.

Pico do Areeiro
(Av. St.º António, 21-A — Tercena
tel. 95 98 94)

Laura Simões
Natalino Duarte

cons. mínimo: 70 esc.

Márcia Condessa
(Praça da Alegria, 38
tel. 36 70 93)

Márcia Condessa
Teresa Nunes
Beatriz Fragoso
Fernanda Machado
José Luís
António Reis

A casa tem o nome, *et pour cause* de uma fadista de passado e de prestígio

consumo mínimo: 86 esc.

Mil e Um
(Trav. da Espera, 38
tel. 36 54 64)

Henrique Manuel
Maria de Fátima
Luísa Vilhena
Júlia Lopes
Luís Lopes
Hermínia Vargas
Odete Ferreira
cons. mínimo: 100 esc.

Porto

Casa da Mariquinhas

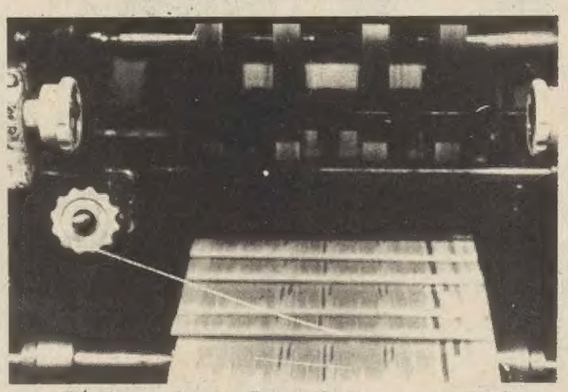
Waldemar Vigário
Adão Pereira
Aurora Pinto
América Rosa

cons. mínimo: 120 esc.

Taverna de S. Jorge

Jorge Barradas
Ana Madalena
Almerinda Azevedo
Atracção: Lucília do Carmo
cons. nmínimo: 100 esc.

MILHARES DE LEITORES POR MINUTO



Técnicamente, as oficinas da Renascença Gráfica são das mais actualizadas da Europa.
Das suas rotativas saem diàriamente milhares de exemplares de publicações e cartazes, a um novo ritmo de produção e de acabamento.
Economia, quer isto dizer.
E novas possibilidades de criar Imaginação e Leitores.
Serviços Comerciais da Renascença Gráfica, SARL
R. Luz Soriano 44 _ Lisboa Telef. 321154/5-320271/2/3

S. Luís
(R. Ant. Maria Cardoso, 54 Tel. 327172)
— «Cântico final» (M/18), um filme de Manuel Guimarães com Rui de Carvalho, Manuel Cardo, Varela Silva e Simone de Oliveira
Sessões: 21.30 h

Salão Ideal
(R. Loredo 15,
tel. 32 41 94)
Sábado — «O miúdo da Bica» (M/10)
Domingo — «A mão de ferro» (M/18)
Segunda — «Assasssino ao telefone» (M/18)
Terça — «Rua infernal» (M/18)
Quarta — «O Monge» (M/18)
Quinta — «Cérebro electrónico» (M/18)
Sexta — «A mais antiga profissão» (M/18)
Sessões: 15.15 e 21.15 h

Tivoli
(Av. da Liberdade 188,
tel. 57 05 95)

— «E tudo o ventou levou» (M/13), com Clark Gable, Vivien Leigh e Leslie Howard
Sessões: 15 e 21 h

Universal
(R. Beneficiência 175,
tel. 77 44 02)

— «O funeral do patrão»
Sessões: 15 e 21 h

— «Que farei eu com esta espada?» e «Barronhos — Quem teve medo do Poder Popular?»
Sessões: 17 e 23 h
A partir de sábado, 19, sessões especiais com entrada gratuita. Na primeira destas sessões, com início às 19 horas: «A linha geral».

Vox
(Av. Fr. Miguel Contreiras Lt. 879,
tel. 72 08 08)
— «A Vida começa aos vinte anos» (M/13) com Nicole Courcel e Michel Bouquet
Sessões: 14.15, 16.30, 19, 21.15 e 24 h

Sport Lisboa e Benfica
(Av. Gomes Freire,
tel. 70 44 14)

Sábado — «Muro assassino» (M/18)

Domingo — «Malícia» (M/18)
Terça — «A duquesa do Diabo» (M/18)
Quinta — «A culpa foi do Nero» (M/14)
Sessões: 21.15 h

Star
(Av. Guerra Junqueiro 14-c
Tel. 804210)

«Meu irresistível selvagem»
(Para todos).

ARREDORES

Campolide
(Av. Adriano J. Coelho — Sintra,
tel. 293 03 94)

Sábado — «Maciste contra os monstros» (M/18)
Domingo — «Os malucos do supermercado» (M/10)
Quinta — «Mulher da rua» (M/18)
Sessões: 21.15 h

Casino Estoril
(Estoril,
tel. 26 45 21)

Sábado, domingo e segunda — «Segundos para uma fuga» (M/13)
Terça, quarta e quinta — «Eu e ele» (M/18)
Sexta — «Os dois missionários» (M/13)
Sessões: 17 e 21.15 h

Chaby
(Av. Chaby Pinheiro — Mem Martins,
tel. 291 00 45)

Sábado — «Sangue chama sangue» (M/18)
Domingo — «Garotas em uniforme» (M/18)
Terça — «O Homem das solas rotas» (M/18)
Quinta — «O Sonho de amor» (M/13)
Sexta — «Os Pára-quedistas» (M/14)
Sessões: 21.15 h

Lido
(R. D. João I — Amadora,
tel. 93 75 93)
— «A Torre do Inferno» (M/18)
Sessões: 15.30 e 21.30 h

D. João V
(Lg. Igreja Damaia,
tel. 97 17 94)

montada» (M/10)
Domingo — «Um segredo inquietante» (M/13)
Terça — «Delícias francesas» (M/18)

D. João V
(Lg. Igreja Damaia,
tel. 97 17 94)

Sábado — «Cidade em fúria» (M/18)
Domingo e segunda — «A Cólera do vento» (M/18)
Terça — «Profissão aventureiros» (M/18)
Quinta — «Simão o engatatão» (M/18)
Sexta — «Adolescente perversa» (M/18)
Sessões: 21.15 h

Incrível Almadense
(R. Cap. Leitão — Almada)

Sábado, domingo e segunda — «O Gato, o medo, o rato e a morte» (M/13)
Terça — «Os contos de Canterbury» (M/18)
Quarta — «A Mulher de azul» (M/18)
Quinta e sexta — «Os homens que contam» (M/18)
Sessões: 21.15 h

Laranjeiro — Instrução e Recreio

Sábado e domingo — «Yu Ppidu» (M/18)
Segunda — «Mulheres apaixonadas» (M/18)
Terça — «O Bom mafioso» (M/13)
Quinta e sexta — «67 Dias» (M/18)
Sessões: 21.15 h

Lido
(R. D. João I — Amadora,
tel. 93 75 93)

— «Mr. Majestik» (M/18) com Charles Bronson
Sessões: 21.15 h

Oeiras Cine (Oeiras)

Sábado — «A carga da polícia
Sexta — «Estado de sítio» (M/13)
Sessões: 21.15 h

Oxford
(Av. 25 de Abril — Cascais,
tel. 286 50 27)

Sábado, domingo e segunda — «Toda a nudez será castigada» (M/18)

Terça e quarta — «A insatisfeita» (M/18)
Quinta e sexta — «O meu irresistível selvagem» (M/13)
Sessões: 16 e 21.15 h

Palácio
(Av. Clotilde — Estoril,
tel. 26 01 70)
Sábado e domingo — «Brincando com a sorte» (M/13)
Segunda — «Os cavalos de Valdez» (M/18)
Terça — «Henessis — o militante» (M/13)
Quarta — «Com jeito vai... na farra» (M/13)
Quinta — «Três tipos duros» (M/18)
Sexta — «Superfly» (M/18)
Sessões: 16 e 21.15 h

Pavilhão Jardim
(R. 5 de Outubro 27 — Trafaria,
tel. 245 88 25)

Sábado — «My Fair Lady» (M/13)

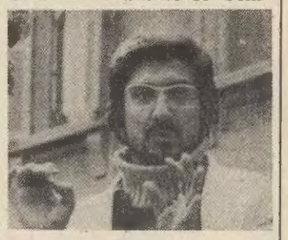
Terça — «O Silencioso» (M/18)
Quinta — «Mulher com pele de serpente» (M/18)
Sessões: 21.15 h

Popular
(R. Direita — Marvila,
tel. 38 16 68)

Sábado — «Cinturão negro contra a Mafia» (M/14)
Domingo — «Aleluia e Sartana reis do gatilho» (M/14)
Quinta — «As aventuras eróticas dos 3 mosqueteiros» (M/18)
Sessões: 21.15 h

Restelo
(Av. Torre de Belém, tel. 61 03 75)
tel. 61 03 75)
Sábado a terça — «Funny Lady» (M/13)
Quarta e quinta — «Clube privado» (M/18)
Sexta — «A Torre do Inferno» (M/18)
Sessões: 15.30 e 21.15 h

S. José
(Est. Marginal — Cascais,
tel. 28 10 75)
Sábado e domingo — «Funny Lady — uma mulher endiabrada» (M/18)
Segunda — «Hui Tim — o maior de todos» (M/18)
Terça — «Garotas e C.ª» (M/18)
Quarta — «O Conde de Paris» (M/18)
Quinta — «O Canto do Robin Vermelho» (M/13)
Sexta — «Convém fazer bem



o amor» (M/18)
Sessões: 16 e 21.15 h

União da Pontinha
(R. Funchal — Pontinha,
tel. 99 08 26)
Sábado e domingo — «A Fúria do dragão» (M/18)
Terça — «Um Verão para matar» (M/18)
Quinta — «O Espadachim sem braço» (M/18)
Sexta — «A caverna do terror» (M/18)
Sessões: 21.15 h

Porto

Águia D'Ouro
(Praça Batalha
tel. 2 27 48)

«Os mortos não fazem sombra» (M/18)

sessões: 15.15, 17.45 e 21.15 h.

Batalha
(Praça Batalha
tel. 2 24 07)

sessões: 15.15 e 21.15 h.

Carlos Alberto
(R. Oliveiras
tel. 2 36 77)

«A jovem assassinada»

sessões: 15.15, 17.45 e 21.15 h.

Coliseu do Porto
(Passos Manuel
tel. 2 51 96)

«A senhora sabe da poda?»

sessões: 15.30 e 21.15 h.

Estúdio
(R. Costa Cabral 128
tel. 49 32 74)

«O bater de dois corações» (M/18)

sessões: 15.15 e 21.15 h.

Foco
(R. Afonso Lopes Vieira
tel. 69 32 65)

«O planeta selvagem» (para todos)

sessões: 15.30 e 21.15 h.

Olímpia
(R. Passos Manuel
tel. 2 15 33)

«O sexo a jacto» (M/18)

sessões: 15.15, 17.45 e 21.15 h.

Passos Manuel
(R. Passos Manuel
tel. 2 51 96)

«A rebelde apaixonada» (M/18)

sessões: 15.30, 18.15 e 21.30 h.

S. João
(P. Batalha
tel. 2 34 49)

«Quo Vadis» (M/13)

sessões: 15.30 e 21.15 h.

Vale Formoso
(R. S. Dinis
tel. 48 23 55)

«Relações escaldantes» (M/18)

sessões: 15.30 e 21.15 h.

Trindade
(R. Almada 412
tel. 2 44 12)

«O leão e o vento»

sessões: 15.15 e 21.15 h.

De Cannes para Lisboa

Há notícias e frescas, a estalar. A mais importante é sem dúvida a da vinda a Portugal, a partir de 16 de Julho da «Quinzena dos Realizadores» do último Festival de Cannes. Vai passar no Quarteto, pela mão atenta do Pedro Bandeira Freire com a mão oportuna de Eduardo Prado Coelho (ou seja, da Direcção-Geral da Acção Cultural) a ajudar
Para que os cinéfilos da praça comecem já a salivar adianta-se que estarão por cá «coisas» como «O império dos sentidos» de Nagisa Oshima, «Duelle» de Jacques Rivette, «Berço de cristal» de Phillippe Garrell, «O casamento» de Arnaldo Jabor, «Nós temos muitos nomes» de Mai Zetterling e, ainda, filmes de Patricio Guzman, Marguerite Ouras, Gilles Carle, Alexander Kluge e outros nomes, menos conhecidos, como André Forcrer, Zid Ali Mazif, Vatroslav Mimica, Roy Anderson e por aí fora. E, claro, «Os demónios de Alcácer Kibir» de José Fonseca e Costa de que já longamente falámos aos leitores do 7.7.
Com o clássico festival da Casa da Imprensa a começar no princípio de Julho, aquele mês vai ser bem preenchido para todos aqueles que do cinema são fiéis amigos.
Outros fiéis amigos, estes cá do burgo, estão desde ontem no Universal. Trata-se de duas películas já passadas na Televisão, «Que farei eu com esta espada?» de João César Monteiro e «O funeral do patrão» de Eduardo Geada. Dois momentos importantes, por várias razões, da nossa mais recente produção que esperam do público a sua presença e a sua crítica activa. Voltaremos a eles, um destes dias.

EQUUS
de Peter Shaffer

A adoração de um jovem pelos cavalos é pretexto para uma análise crítica, demasiado superficial e parcelar, da sociedade de consumo. Dois actores como é raro ver no teatro de Vasco Morgado: Eunice e Perry. Um jovem que é uma revelação: Carlos Martons. Uma equipa bem dirigida por um espanhol que sabe: Manuel Collado.

A.B.C.

(Parque Mayer
tel. 366745)

A VIDA É BOA
de Carlos Godinho

Queriam fazer um texto com humor — fizeram um texto parvo; queriam fazer um texto edificante — fizeram um texto reaccionário. O espectáculo corresponde ao texto.

caixa do PONTO

CASA DA COMUNA

(Pr. de Espanha)

QUATRO SOLDADOS E UM GENERAL
de Richard Démarcy

Espectáculo escolhido para participar do Festival de Outono, ao lado de espectáculos de Peter Stein e Bob Wilson — este ritual sobre o 11 de Março termina com a mais bela alegria até hoje inspirada pela revolução do 25 de Abril (ou pela contra-revolução de 25 de Novembro). Não deixe de ver.

TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS

(Teatro Gil Vicente
tel. 280522 — Cascais)

A ÓPERA DE TRÊS VINTÉNS
de Bertolt Brecht

Fazer trinta quilómetros para ouvir as fifias dos actores do T.E.C. não é recomendação que se possa fazer.

VARIEDADES

(Parque Mayer
tel. 326037)

As músicas mágicas

Teatro do Bairro Alto
(R. Ten. Raúl Cascais, 1A junto ao L. de S. Mamede, ao Rato)

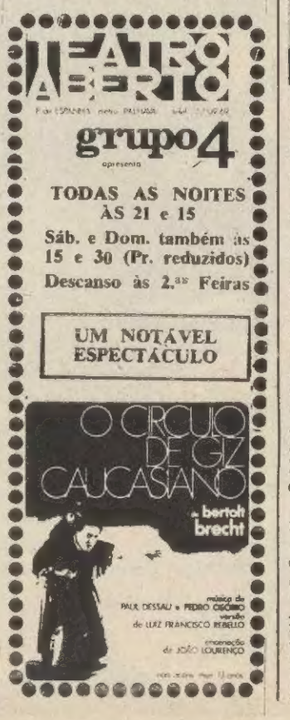
«AS MÚSICAS MÁGICAS
pelo Teatro da Cornucópia
Sessões: a partir de 30 de Junho todas as quartas e sábados às 16 h

Peça de Catherine Dasté, com orientação cénica de Glicínia Quartin. Intérpretes: Alexandre Passos, Augusto Figueiredo, Gilberto Gonçalves, Jorge Nascimento, Lia Gama, Luís Lima Barreto, Márcia Breia, Orlando Costa e Raquel Maria. Pretende-se que constitua uma proposta pedagógica que vá ao encontro da criança como ela é e às suas mais profundas capacidades de criatividade e imaginação

«OS TAMBORES DA NOITE»
pelo Teatro da Cornucópia

sessões: a partir de meados de Julho

Comédia escrita por Bertolt Brecht após a revolução de 1918. As contradições internas de um movimento revolucionário

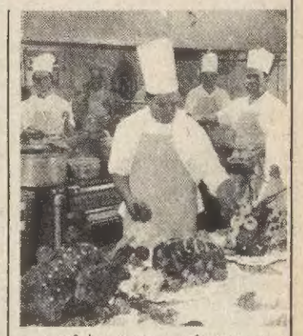


garfo faca, & companhia

Onde canta galeto...

Hoje há carne de porco à portuguesa, e amanhã frango na púcara, ali no «Galeto», o «snack-bar» que há dez anos abriu na Av. da República e cometeu a proeza de ainda não ter falido. (Lembram-se do «Sol a sol»? Do «Tutti-Mundi?!» De todos quantos abriram e passado algum tempo fecharam as portas e foram à praça»?) O «Galeto» não teve pretensões a «drugstore», mas sim a servir bem, e muito. Foi preparado para atender centenas de pessoas (repare que, sobretudo à noite, há

sempre «bicha») E hoje, dez anos depois, conserva e amplia a clientela.
Um dos segredos é a «feijoada à brasileira» (uma ideia «esquisita» que há dez anos os srs. Arlindo Gonçalo, António Alves e Oliveira e Isidro Moreira sócios fundadores, troxeram do Brasil) e que aqui deu os seus frutos. Há sempre feijoada no «Galeto», a rigor: de Inverno às quintas e domingos, e agora que o calor aperta, apenas às quintas.
O «Galeto» veio ainda desfazer um mito de que enfermava a sociedade lisboeta: pode-se comer bem, com requinte ao balcão. A ementa conta vários pratos muito à portuguesa, tal como o cozido (às quartas), as costeletas de porco (às sextas) o bacalhau à João do Porto (às segundas), os rojões à minhota (às terças).
Para beber, tudo está facilitado, com o vinho da casa (à galeto, branco ou tinto) e ainda com a ajuda de uma



garrafeira a que pode recorrer em qualquer altura.
Um conselho, se gosta de peixe: experimente as lulas, feitas com requinte e admiravelmente bem cozinhadas.
Os preços? Em média, de 70 a 80 por dose.
Para sobremesa, além do queijo da serra para quem aprecia, há os doces da casa (o bolo galeto, o bolo rum) e convém não esquecer uma das especialidades que deu fama à casa: os semifrios e gelados «á galeto», aqueles deliciosos e coloridos pratos de sorvete com natas, com frutas frescas e secas, com mil e uma coisas apetitosas que constantemente atraem clientela jovem ao balcão.
A higiene está a par com o bom gosto — convém disto

tomar nota, pois não são muitas as casas do ramo que após dez anos de actividade conservam o requinte atractivo do dia da inauguração. E, para sua informação, no dia 29 há «festa-família» no «Galeto»: o seu 10.º aniversário. À saúde!

UM FESTIVAL "RESSUSCITADO"

Continuação da pág. 11

Manizales, San Juan e Quito, hoje abriu-se em Caracas uma nova possibilidade de poder confrontar diferentes formas de expressão, novas formas de comunicação trazidas numa arte antiga que se enriquece através dos séculos.
com a participação de trinta grupos internacionais que representaram vinte e cinco países dos cinco continentes, realizou-se na capital da Venezuela o Terceiro Festival Internacional de Teatro. Das diferentes correntes teatrais convém salientar que enquanto os teatros da Europa revelam um afastamento das preocupações sociais, o teatro do que podemos entender por Terceiro Mundo prossegue uma busca intensa de formas de comunicação que permitam uma denúncia didáctica dos problemas do homem. Assim, poderemos citar, como exemplo, que entre os grupos aguardados com maior expectativa estava o Grupo Stu (Teatro dos Cem) de Cracóvia, vencedor do XI Festival de Teatro de Lodz, que representou o espectáculo premiado nessa altura: «Exodus». O espectáculo realizado por jovens actores revela um reencontro íntimo, um afastamento peculiar da realidade, um «êxodo» interior. Espectáculo que vivia da luz, ritual de água e fogo, conseguiu cativar o entusiasmo dos espectadores menos exigentes, mas também despertou entre os restantes uma série de interrogações acerca da realidade teatral na Polónia, onde precisamente se pode ver o afastamento do teatro das questões sociais, para cair na representação de temáticas que mais recordam as dos países capitalistas. O mesmo se passou com o grupo jugoslavo «Pozdravi», cujo texto de apenas 15 páginas, de Ionesco, não apresentava outro interesse a não ser a frescura e liberdade que os seus intérpretes lhe conferiam. Creio que as grandes surpresas deste Festival foram dadas pelos grupos sobre os quais existiam menos referências.

OS ESQUIMÓS

Não poderei deixar de salientar dois espectáculos que contituíram sem dúvida alguma um grande êxito, um pela sua beleza, o outro pela violência inusitada da sua representação. Refiro-me em primeiro lugar ao grupo teatral em países dos quais, frequentemente, até a posição geográfica esquecemos.
Apesar disso, este espectáculo — «O Homem» — foi uma lição para muitos. Nele se narra a vida dos esquimós e o espectáculo conseguiu encantar, com a sua carga mágica, os espectadores pois nele as formas primitivas do teatro confundiam-se com as formas primitivas da vida. A história começa por contar a vida dos esquimós integrados numa Natureza de formas simples e rústicas, a caça, o amor, as relações sociais, vindo em seguida a infiltração de uma civilização desconhecida e destrutiva. A tecnologia apresenta-se apenas por intermédio de uma arma que virá a substituir as primitivas e milenárias armas de caça; assiste-se à incorporação dos esquimós na vida civilizada e na sociedade de consumo, à sua destruição através das doenças venéreas e ao seu total aniquilamento físico.

torna-se comovente o quadro final quando eles vão desaparecendo lentamente entre a baixeza e a miséria que os rodeia.
Dos espectáculos políticos, em que dominaram os grupos latino-americanos, importa salientar o caso da Equipa do Teatro Payró da Argentina: o seu espectáculo «El señor Galintez» conta com eficácia absoluta (e crueldade) a história sórdida de dois torturadores. O espectáculo punha simplesmente a pergunta: será a tortura uma profissão? — e mostrava uma realidade à qual Portugal não foi alheio antes do 25 de Abril, e à qual estão destinados neste momento a maior parte dos países latino-americanos. Daí, em grande parte, o seu interesse político e a sua actualidade social.
É também de salientar o trabalho do Grupo de Teatro Livre de Munique cujo espectáculo, «After Brecht», baseado no texto de Brecht «Quanto custa o ferro», narra, segundo a forma eficaz e didáctica de «A Resistível Ascensão de Arturo Ui», a implacável marcha do fascismo e a destruição dos povos pela guerra. O grupo de

Uganda, que representava o continente africano, «Abufumy Company», mostrou num trabalho com muito interesse as lutas tribais e a derrota dos mitos e do poder dentro das culturas primitivas (existe, de certa forma, um parelelismo entre este trabalho e o do grupo islandês). Teatro no qual as formas musicais e folclóricas se confundem, soube devolver ao teatro uma forma primitiva de representação.

AINDA GARCIA LORCA

Dos espectáculos venezuelanos, sem dúvida alguma o de maior interesse foi «ressuscitado» especialmente para o Festival. Refiro-me à peça de Lorca «La Casa de Bernarda Alba», premiado pela crítica como o maior espectáculo de 1975. A montagem, de grande originalidade, explorou no texto de Lorca, além das relações familiares, as relações sociais de toda uma sociedade hermética e árida como a própria casa de Bernarda. As diferenças sociais marcadas pelo movimento quase rastejante e viscoso dos criados, recorda o de épocas medievais em face da postura altiva dos senhores que acabam por destruir-se ao descobrir a morte, enquanto Bernarda clama por silêncio quando as paredes derrubam e esmagam os seus habitantes destruíndo-os sem lhes dar possibilidade de escaparem.
Sem dúvida que constituiu para nós uma enorme surpresa o interesse que existe pelo teatro na Venezuela, apesar de existir também uma certa artificialidade na construção de teatros e de salas teatrais, sem contudo haver incentivo a nível governamental para criação de grupos teatrais que possam enchê-las e disfruatar das condições económicas que o país oferece.

O TEATRO EXPERIMENTAL DO PORTO

Como apontamento final, gostaria de fazer uma pequena referência à nossa participação, o Teatro Experimental do Porto, neste Festival. Posso dar testemunhos, tal como os meus colegas, do enorme interesse que despertou o nosso expectáculo. Contribuiu para esse facto, sem dúvida, o êxito que no passado Festival alcançou A Comuna considerado por muitos como um dos mais interessantes daquele Festival. Os nossos espectáculos que se realizaram com as lotações esgotadas no teatro CANTV (mais de mil lugares) foram objecto de elogiosas críticas assim como se sucederam os pedidos dirigidos à organização do Festival para a sua repetição. O êxito alcançado levou a organização do II Festival de Teatro Internacional de São Paulo a convidar-nos a nele participar. Podemos informar que, infelizmente, devido à proibição por parte da censura fascista brasileira não nos foi possível participar no Festival de São Paulo.

TEATRO ABERTO

(Pr.de Espanha
Tel. 770969)

O CÍRCULO DE GIZ CAUCASIANO
de Bertolt Brechet
pelo Grupo 4

Saudado pela crítica, aplaudido de pé por um público entusiasmado, este o espectáculo que resgata — com alguns outros — dezenas de anos da «apagada e vil tristeza» em que viveu o nosso teatro. Triunfo de um texto que sendo mundial é nosso, triunfo de uma encenação que soube aguentar *um espectáculo de mais de três horas sem que o público se aborreça nem um minuto, triunfo de uma equipa homogénea em que brilham dois actores das novas gerações: Irene Cruz e Rui Mendes. Indispensável ver.*

••••••••••••••••••••

Porto

António Pedro

(R. Ateneu C. do Porto — tel. 310730)

«As artimanhas de Scapino» — entrada gratuita

sessões: dias 19, 20 e 22 às 22 horas

Seiva Trupe
(na sala de «Os Modestos»)

«O santo inquérito»

Realização cénica do original de *Dias Gomes. Um caso concreta arrancada ao arquivo da Inquisição. A partir das formas de repressão do século XVIII, o autor alerta os seus contemporâneos para situações semelhantes que ainda hoje, em tantas partes do mundo, se vivem.*

MARIA VITORIA

(Parque Mayer
tel. 361740)

VOTA, VOTA CAMARADA ZÉ!

Para quem quiser saber como a direita aproveita a capacidade de comunicação da revista à portuguesa. De fugir.

CAPITÓLIO

(Parque Mayer
Tel. 327439)

ADEUS, VALENTINA
de Barillet e Grédy

Uma grande actriz (Laura Alves) perdida como sempre no teatro anão de «boulevard» ou de como os empresários são mais fortes do que os artistas.

Encenação de Joaquim Benite, com cenários de Pinto Vieira. Actores: Alfredo Correia, António Reis, Augusto Morais, Castro Guedes, Estrela Novais, Fátima Gil, João Guedes e Luís Alves
— Estreia no Porto dentro de dias

Sá da Bandeira
(R. Sá da Bandeira — tel. 23595)

«Goodspell» (M/13)

Sessões: 21.30 e (aos domingos) às 16h.

O III FESTIVAL DE TEATRO DE CARACAS

por
Roberto Marino

Estranho ofício é fazer teatro a América Latina; é uma tarefa rodeada de suspeitas. Nem nos inserimos no mundo dos negócios e das conveniências nem parece significativo o nosso contributo para a luta pela libertação dos nossos povos.
Sérgio Vadanoviç

O TEATRO E A LIBERDADE

Muitas portas se fecharam no continente sul-americano, aquele que em fins do século XV começou a ver a luz de uma nova civilização. Desde então deixou de ser agitado e violento. Às democracias latino-americanas que governaram na sua totalidade até meados do nosso século, sucederam-se os regimes fascistas e as ditaduras militares que apagaram o grito de liberdade de todo um continente novo que lutava por percorrer um caminho diferente no contexto das nações internacionais. Novas portas de liberdade se fecharam afogadas em banhos de sangue. Os ditadores levantam-se frente aos seus povos e surgem como salvadores da pátria; com o advento dos tiranos morrem as liberdades, persegue-se a criatividade, incendeiam-se os teatros, queimam-se os livros na rua para purificar as nações numa nova cruzada silenciosa contra a imaginação criadora. Não está ausente de todo o continente latino-americano o grito que lançado à cara de Unamuno destrui de Lorca e Hernandez: o clamor de «morte à inteligência» atravessa os mares e golpeia as costas do Atlântico e do Pacífico e repete-se incansavelmente no rumor das ondas.
Por isso, Caracas, tinha importância para todos os que queriam reafimar a liberdade dos povos, para todos os que queriam denunciar os perigos do fascismo, a fúria do capitalismo sempre disposta a despertar do seu sono oculto e hipócrita. Então surge o teatro dessa realidade rodeado de suspeitas de que fala o dramaturgo chileno, desperta o teatro na sua grandeza, acordando a mente dos homens e colocando-os perante a sua verdadeira realidade. O teatro torna-se vida e é luta, é história, é liberdade, é essa liberdade que no resto da América não se vive, e a poesia inunda as suas imagens e as suas palavras. E o teatro volta a ser importante, porque os ditadores o temem e o censuram, o escondem entre o pó e o lixo, condenam-a a partir das suas instituições e os seus homens são amaldiçoados e desterrados por possuirem uma pequena verdade que os marca e os distingue...

O TEATRO DO TERCEIRO MUNDO

O Terceiro Festival Internacional de Teatro de Caracas converteu-se assim na manifestação de uma actividade artística que transcende as características próprias da sua arte. A arte de representar assumiu, nesta ocasião, melhor do que nunca, o jogo trágico da realidade, dessa realidade de que toda a América Latina sofre sob o flagelo do fascismo.
Ontem foram os festivais de

Continua na pág. 14

INTERVALO

Ponha esta gente na ordem !

É evidente que Shakespeare não se chamava Christopher nem Almeida Garrett foi baptizado com o nome de Alexandre, apesar das deliciosas confusões em que este Mundo é pródigo. Pois aí tem o leitor um problema a seu jeito: emparelhar cada nome da lista A com o apelido correcto da lista B, até que não sobre nenhum. Quer tentar?

A	B
Cubillas	Lawrence
Carter	Anatoly
Callaghan	Mikis
Olivier	Jimmy
Sartre	Roman
Polanski	Idi
Solnado	James
Grass	Bernard
Mathieu	Teófilo
Karpov	Raúl
Thévenet	Jean-Paul
Nicholson	Mireille
Lauda	Guenther
Amin Dada	Nicki
Theodorakis	Jack

Solução na pág. 23

Puxe pela bola

1. *O actual campeão da 1 Divisão de Espanha é*

a) Barcelona
b) Zaragoza
c) At. Madrid
d) Real Madrid
e) Español

2. *E o da Itália e*

a) Fiorentina
b) Cagliari
c) Juventus
d) Lazio
e) Torino

3. *A Taça da França foi conquistada pelo*

a) Marselha
b) Lille
c) Ajaccio
d) Rennes
e) St. Etienne

4. *O melhor marcador do campeonato da 1 Divisão da Alemanha Federal foi*

a) Henyckes
b) Torstensson
c) Gerd Muller
d) Hoeness
e) Lars Bastrup

5. *Falcão, novo centro-campista da selecção do Brasil, joga no*

a) Cruzeiro
b) Internacional
c) Flamengo
d) Bahia
e) Guarani

6. *Um destes clubes de futebol é argentino:*

a) M.C.A.
b) C.S.K.A.
c) P.V.S.
d) B.K.
e) R.C.M.

7. *Um destes é sueco:*

a) Aarhus
b) Viking
c) L.A.S.K.
d) Aatvidaberg
e) O Higgins

8. *Um destes é mexicano:*

a) Colo-Colo
b) Municipal
c) Millonarios
d) Lanús
e) Oro

9. *O campeão mundial de futebol de 1948 foi*

a) Uruguai
b) Alemanha Federal
c) Inglaterra
d) Brasil
e) Argentina

10. *Nesse jogo esgotou-se a lotação do estádio*

a) Heysel
b) Maracanã
c) Hampden Park
d) Murrayfield
e) Pacaembú.

Solução na pág. 23

HORIZONTAIS:

I/II-Cançonetista francês mundialmente conhecido; 4-Nome que os egípcios davam ao Sol; 6-Cidade da Colômbia; 10-Cloro (s.q); 15-Assim seja; 16-Vossa Alteza; 17-Cinquenta e quatro em romano; 19-Idem; 20-Admoestação; 23-Arrostar; 25/50-Tem 10 anos, é inglesa e diz-se que é a nova Shirley Temple; 26-Nome de letra (pl.); 27-Filho de Laio, rei de Tebas e de Jocasta; 30-Preposição; 31-Cinquenta e dois em romano; 33-Duas consoantes desiguais; 34-Cidadeda Arábia; 35-Guarneça de asas; 38-Universidade americana, fundada em 1701 em New Haven; 40-Caruma; 43-Nota musical; 44-Supremo Tribunal de Justiça; 46-Prostaram; 48-Gálio (s.q); 49-Pronome pessoal; 51-Segundo; 52-Rei lendário de Tróia; 53-Pequeno poema medieval narrativo ou lírico; 54-O mais; 55-Abreviatura de Santíssimo; 56-Níquel (s. q); 57-Governara; 59-Pequeno símio do Brasil; 62-Nome de mulher; 63-Grandes; 64-Apazigua; 67-Rubídio (s.q); 69-Preposição e artigo definido (pl.); 70-Ave semelhante à pomba; 71-Preposição e artigo; 72-Rio costeiro e o maior de Marrocos; 73-Rio de França que desagua no mar do Norte; 74-Vareja; 75/81-Poetisa portuguesa, nascida em Vila Viçosa e autora de «Charneca em Flor»; 79-Filtres; 80-Tempo do verbo ser

VERTICAIS:

1-Mil e cem em romano; 2-Combinavam; 3-Era Cristã; 4-Coisa (ant); 5-Cidade antiga, perto de Aquileia; 6-Cloro (s.q.); 7-Nessa altura; 8-Vê 9-Tempo do verbo ir; 12-Cidade e porto de França; 14-Florêncio (s.q.); 16/45/25 e 36-Um dos presisentes da França; 18-Seguiam; 21-Prefixo de negação; 22-Liquide contas; 24-Césio; 26-Físico alemão, célebre pela criação da teoria da relatividade; 29-Filha de Ínaco seduzida por Júpiter que a visitava sob a forma de uma nuvem; 32-Hospedaria oficial na China; 33-Vacilaras; 34-Marido de Fátima, primo e genro de Maomé; 37-Poisarão no mar (os aviões); 39-Desejais; 41-Oásis; 42-Aflasses; 45/13-Actriz cinematográfica de primeira grandeza que alcançou popularidade invulgar através do filme «Música no Coração»; 46-Prefixo de negação; 47-Cidade do Estado de S. Paulo; 57-Reis; 58-Arara; 59-Formiga branca de origem africana; 60-Renque; 61-Amónio (s.q); 65-Antiga Corcira, uma das ilhas Jonias; 66-Termine; 68-Jibóia; 73-Atmosfera; 76-Artigo definido; 77-Pertences; 78-Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal.

Solução na pág. 23

GIRA-DISCO

John Miles: fácil, medíocre, burguês

John Miles é uma «esperança» da música «rock» britânica. John toca um «rock» bastante comercial, que agrada aos «meninos pops» e aos frequentadores de «boites». Embora a sua música não seja de desprezar completamente, ela não passa de um «rock» simples e burguês. Cheia de artifícies, ela vai certamente obter algum êxito junto de uma camada de público, normalmente consumidora de discos. O single «Highfly», já o demonstrou.

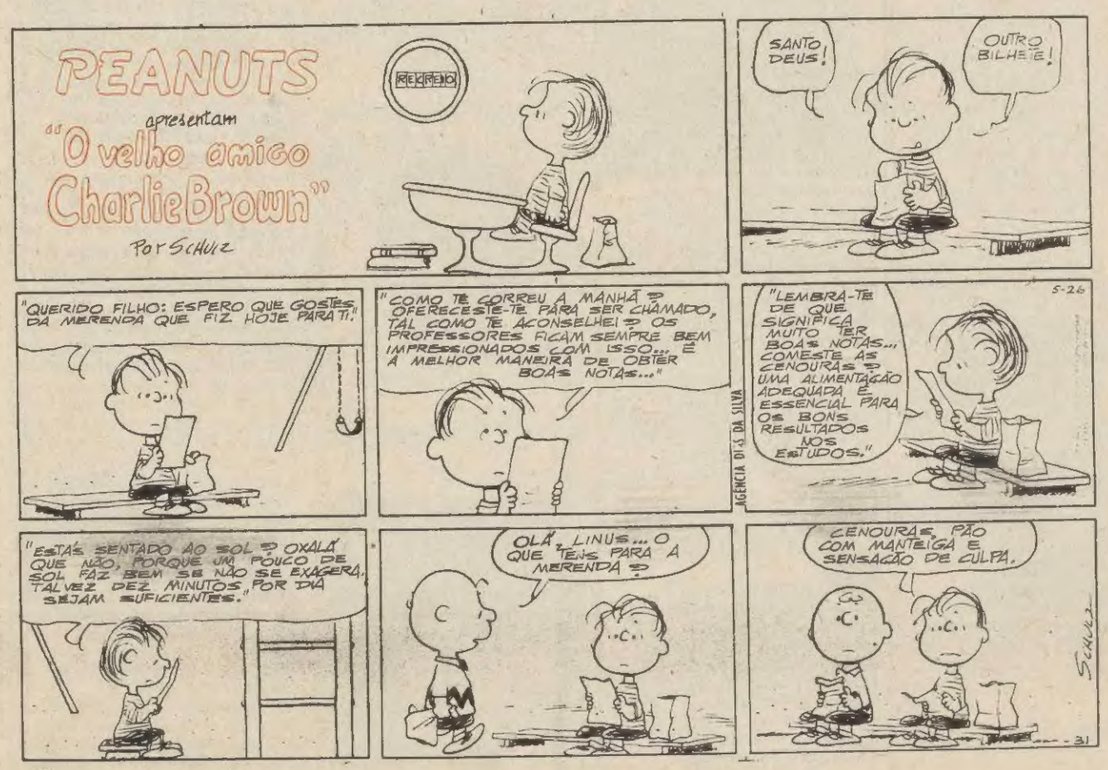
Miles nasceu em 1952 e era engraxador, antes de entrar em contacto com a música. Começou por tocar no grupo «The Influences» juntamente com Paul Thompson, baixo nos Roxy Music. Formou depois o John Miles Band e obteve com o seu single «One minute every hour» grande venda na Inglaterra.

«Rebel» é o novo álbum deste músico, e que brevemente será editado em Portugal. Este LP é dedicado ao actor James Dean e contém o já citado «Highfly». A abertura e o final deste trabalho de longa duração estão preenchidos com o tema «Music»; um tema bastante romântico, cheio de piano e sons orquestrais. A voz de John é suave e a letra fala de música e amor. A mudança para uma parte cheia de «Heavy» é repentina, para depois voltar ao princípio, agora à boa maneira dos «Moody Blues». Volta a bateria a acompanhar o piano e o sendos violinos, para terminar como se fosse

o final de um filme onde «eles casam e têm muitos filhinhos».

«Everybody Wants Some More», «When You Lose Someone so Young» e «Lady of My Life» são 3 faixas sem força nenhuma, com temas banais e sem nada de especial a referir.

«Rebel» abre o lado dois, tema jeitoso e bem tocado tanto por Barry Black (bateria) como por Bob Marshall (baixo) que formam o trio com John Miles (vozes, guitarras, teclas, sintetizadores). «Rebel» juntamente com «Pull the Domn thing Down» constituem o melhor álbum; no entanto este último tema vocal encontra-se demasiadamente comprido, o que traz monotonia à música que termina num «solo» de guitarra, que, embora não seja nada de especial atrai a atenção.

«You Have it All» é a música que fecha o lado primeiro e que por ter um trabalho «bonzito» de percurções merece ser referenciada.

Em resumo um álbum extremamente medíocre, mas que virá dar, sob o ponto de vista comercial, talvez algo que falar.